

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS**

VANINE MACIEL DE MACEDO

**A SITUAÇÃO DA MULHER NA FICÇÃO SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA
DE SIMONE DE BEAUVOIR**

**GOIÂNIA
2024**

Vanine Maciel de Macedo

**A SITUAÇÃO DA MULHER NA FICÇÃO SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA
DE SIMONE DE BEAUVOIR**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa
do Programa de Mestrado em Letras, da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás -
PUC Goiás sob a orientação da profa. Dra.
Maria Aparecida Rodrigues

**GOIÂNIA
2024**

Catálogo na fonte - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

M141s Macedo, Vanine Maciel de
A situação da mulher na ficção sob a perspectiva teórica de Simone de Beauvoir / Vanine Maciel de Macedo.-- 2024.
127 f.

Texto em português, com resumo em inglês
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida Rodrigues.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2024
Inclui referências: f. 125-127.

1. Beauvoir, Simone de, 1908-1986 - Crítica, interpretação etc.. 2. Mulheres na literatura - Ficção. 3. Patriarcado 4. Imanência (Filosofia) - Mulheres. I. Rodrigues, Maria Aparecida - 1951-. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Letras - 28/02/2024.
III. Título.

CDU: 821.133.1-31.09(043)

Maria Auxiliadora M. e Silva - CRB1/1740



**PUC
GOIÁS**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa - PROPE
Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu - CPGSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades - EFPH

A SITUAÇÃO DA MULHER NA FICÇÃO SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA DE SIMONE DE BEAUVOIR

VANINE MACIEL DE MACEDO

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás,
aprovada em 28 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Aparecida Rodrigues/ PUC Goiás

Prof. Dr. Divino José Pinto / PUC Goiás

Prof. Dra. Elizete Albina Ferreira/ PUC Goiás

Prof. Dra. Leijina Alves Xavier Pires / Colégio Estadual João Gomes

Prof. Dr. Gilson Vedoin /UEMS

Prof. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima (Suplente)

Lilith¹

Mulher

Olha no meu olho

Eu sei tu tá cansada de escutar

As regras que regem isso tudo

Mas elas foram feitas pra agradar

Aqueles que são descendentes de Adão

Mas escuta a voz que fala no teu coração

Mulher tu gera vida muito antes

De qualquer barro aprender a caminhar

Te fizeram de bruxa

Te fizeram de louca

Aquela que é mãe de todos males

Botaram no teu nome

Todas as maldições

Que é culpa do homem

Não sou costela de Adão não

Eu sou filha de Lilith

[...]

Ouve o meu uivar

Sente o meu pesar

A minha força está

No luar

Eu energizo os meus cristais

As minhas águas, meus metais

Os meus incensos limpam tudo ao meu redor

O meu sagrado tá no fogo e não nas catedrais

Já fui carvão agora eu não queimo mais

[...]

Bea Duarte

¹ Música: Lilith, interpretada por Bea Duarte (2021).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, em especial a minha mãe Alair Maciel de Macedo, que cuidou dos meus primeiros anos escolares, sempre enfatizando o valor da educação; às minhas irmãs: Maria Maciel de Macedo, Rozene Maciel de Macedo, Edithe Maciel de Macedo, por me ajudarem sempre quando precisei; aos meus professores de toda a vida por terem sido os formadores da minha construção acadêmica; aos meus amigos que me ouvem quando expresso a minha paixão pelo conhecimento; aos meus professores do Mestrado, por tanta dedicação ao conhecimento, à minha orientadora Maria Aparecida Rodrigues, por ter me guiado na construção deste trabalho, às minhas colegas de classe: Adriana Spinel Lucena Soares, Veridiana Moreira Garcia Oliveira, Isadora Monteiro e Gilcleine Cruvinel, por compartilharmos os sonhos e angústias neste processo acadêmico.

A todas as mulheres que desejam uma vida de liberdade.

A SITUAÇÃO DA MULHER NA FICÇÃO SOB A PERSPECTIVA TEÓRICA DE SIMONE DE BEAUVOIR

RESUMO:

Esta dissertação tem como abordagem a situação da mulher em obras literárias com base na teoria da filósofa Simone de Beauvoir, tendo em vista que as mulheres, nas obras literárias e na vida, estão submetidas ao domínio masculino durante séculos em nossa sociedade. Para tanto, o texto dissertativo objetiva analisar obras literárias com temáticas femininas – cujas personagens representem situações em que mulheres são sujeitadas, ora pela violência estrutural/explícita, ora pela simbólica – bem como mostrar a força da construção sistemática do patriarcado e de seus desdobramentos para as limitações da formação humana das mulheres e, diante disso, referenciar, principalmente, a teoria de Simone de Beauvoir – que descreve profundamente a mulher como o *Outro*, em sua obra *O Segundo Sexo*. Com efeito, foram escolhidas obras em que figuram a mulher ocidental, partindo de diferentes épocas, e trazendo a cultura patriarcal desde o Mundo Antigo, passando pela Idade Média, Feudalismo, Idade Moderna – até a Hipermmodernidade – quando os desafios já estão sob uma luta contínua para garantir um espaço valorizado e o reconhecimento da imanência. A abordagem utilizada nesta pesquisa é a hermenêutica fenomenológica, pois a proposta é a interpretação e a discussão social da questão da mulher e, ao mesmo tempo, apresentar como o fenômeno artístico se entrelaça com o real vivido pelas mulheres no espaço em que habitam cotidianamente. Portanto, a construção deste trabalho ocorre por meio de três capítulos que abordam a situação da mulher tanto em representações ficcionais quanto reais. O primeiro discute a *Situação Histórica da Existência da Mulher na Sociedade*; o segundo fala sobre *A Mulher sob a Perspectiva de Simone de Beauvoir* e o terceiro sobre *A Voz Contemporânea: Violência e Morte*.

Palavras-chave: Mulheres na ficção. Simone de Beauvoir. Patriarcado. Imanência feminina.

THE SITUATION OF WOMEN IN FICTION FROM THE THEORETICAL PERSPECTIVE OF SIMONE DE BEAUVOIR

ABSTRACT

This dissertation addresses the situation of women in literary works based on the theory of philosopher Simone de Beauvoir, considering that women, in literary works and in life, have been subject to male dominance for centuries in our society. To this end, the dissertation text aims to analyze literary works with feminine themes – whose characters represent situations in which women are subjected, sometimes by structural/explicit violence, sometimes by symbolic violence – as well as showing the strength of the systematic construction of patriarchy and its consequences for the limitations of women's human formation and, in view of this, reference, mainly, the theory of Simone de Beauvoir – who profoundly describes women as the Other, in her work *The Second Sex*. In fact, works were chosen in which Western women appear, starting from different eras, and bringing patriarchal culture from the Ancient World, through the Middle Ages, Feudalism, Modern Age – up to Hypermodernity – when the challenges are already under a struggle continuous to guarantee a valued space and the recognition of immanence. The approach used in this research is phenomenological hermeneutics, as the proposal is the interpretation and social discussion of the issue of women and, at the same time, presenting how the artistic phenomenon intertwines with the reality experienced by women in the space they live in on a daily basis. Therefore, the construction of this work occurs through three chapters that address the situation of women in both fictional and real representations. The first discusses the Historical Situation of the Existence of Women in Society; the second talks about Woman from the Perspective of Simone de Beauvoir and the third about The Contemporary Voice: Violence and Death.

Keywords: Women in fiction. Simone de Beauvoir. Patriarchate. Feminine immanence.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 SITUAÇÃO HISTÓRICA DA EXISTÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE	13
1.1 Abordagem histórica: a força do patriarcalismo.....	16
1.2 O olhar masculino sobre o feminino em Dom Casmurro: a sedução como desejo e ameaça	31
1.2.1 Capitu: sedução, desejo e aniquilamento.....	31
2 A MULHER SOB A PERSPECTIVA DE SIMONE DE BEAUVOIR	49
2.1 A mulher é o <i>Outro</i> em "Segundo Sexo": teoria de Simone de Beauvoir.....	50
2.2 Lygia Fagundes Telles e a voz feminina em "Senhor Diretor"	62
3 A VOZ FEMININA CONTEMPORÂNEA	71
3.1 O que fazer com esses pedaços?.....	71
3.2 Mulheres Empilhadas: violência e morte	103
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	126

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As mulheres serviram por todos estes séculos como espelhos possuindo o mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural.

VIRGINIA WOOLF

Este trabalho dissertativo aborda a situação histórica das mulheres, perpassando por diferentes épocas e fatos históricos que envolvem a humanidade feminina, assim como a análise de personagens e narrativas em contextos femininos da literatura, a partir do século XIX até a hipermodernidade, utilizando concepções teóricas, com enfoque na obra da filósofa Simone de Beauvoir.

As teorias empregadas neste trabalho são, principalmente, as relacionadas à história e situação das mulheres em diferentes épocas, até a atualidade. Para tanto, o texto apresenta a teoria de Simone de Beauvoir presente em sua obra *O Segundo Sexo*, em que discute a posição secundária da mulher na sociedade em relação à primordial que pertence aos homens, assim como o condicionamento do feminino a um papel determinado socialmente. Ademais, utilizamos as teorias da autora e pesquisadora Gerda Lerner, a partir de sua obra *A Criação do Patriarcado*: história da opressão das mulheres pelos homens, em que traz um estudo bastante completo a respeito da situação histórica das mulheres a partir da opressão masculina. Utilizamos também *O Contrato Sexual*, de Carole Pateman – que discute sobre o contrato de casamento/sexual pelo qual as mulheres são submetidas sem retorno significativo. Outras obras filosóficas também serão teorias de base como: *A Condição Humana*, de Hannah Arendt; *O Homem Revoltado*, de Albert Camus; *O Visível e o Invisível*, de Merleau-Ponty.

A abordagem utilizada nesta pesquisa é a hermenêutica fenomenológica, pois o objetivo é interpretar a discussão social da questão da mulher, visto que o foco da pesquisa é identificar os caminhos que colocaram a mulher em uma situação inferior, submissa e dependente do homem, apresentados nas obras de artes escolhidas. Assim, a dissertação visa analisar algumas personagens femininas que representam o papel de sujeição ao masculino, bem como as impossibilidades de as mulheres alcançarem as suas independências no campo social e emocional.

A construção deste trabalho se efetiva por meio de três capítulos que abordam minuciosamente a situação da mulher tanto em aspectos históricos quanto em

representações ficcionais. O primeiro discute sobre a “Situação Histórica da Existência Mulher na Sociedade”, em que traz um levantamento histórico sobre a condição desta, passando por diversos momentos como sociedades primitivas, idade média, período feudal até a contemporaneidade. Menciona-se aspectos sobre o patriarcalismo para a compreensão do porquê a mulher encontrar-se sob o domínio de um outro sexo. Também fala sobre as mulheres do século XIX, por meio da análise da personagem literária “Capitu” – da obra *Dom Casmurro*; a qual representa um dos arquétipos femininos que nos fazem refletir sobre como uma mulher forte e destemida, dotada de diversas outras qualidades, pode ser considerada ameaça à “fortaleza” masculina.

O segundo capítulo reflete *A mulher sob a perspectiva de Simone de Beauvoir*, com a apresentação do conto “Senhor Diretor” da obra de Lygia Fagundes Telles. Neste capítulo, teremos um aprofundamento na obra da filósofa – *O Segundo Sexo*, que traz um estudo relevante sobre a condição de ser o Outro atribuída às mulheres – desde um percurso histórico, biológico, político, social e psicanalítico, além da análise do referido conto a partir da teoria da filósofa.

Por fim, o terceiro capítulo trabalha *A Voz feminina Contemporânea: Violência e Morte*, com as obras: *O que fazer com estes pedaços?* – de Piedad Bonnett, que traz uma vertente da destruição feminina por meio dos silêncios acumulados diariamente na vida de uma mulher insatisfeita com o casamento; e, por fim, *Mulheres Empilhadas* - de Patrícia Melo, que aborda um grande desafio da contemporaneidade sobre a situação feminina, perpassando por dependências subjetivas, bem como a falta de seriedade institucional e relatos sobre o feminicídio. Este capítulo entra em questões que desafiam a humanidade da mulher na atualidade, como a falta de liberdade com seu próprio corpo; suas opiniões; o modo de vida independente e a própria vida.

A escolha desse tema ocorreu pelo motivo de que viver como mulher não é tarefa fácil, e não há um período da história – conforme as teorias abordadas - em que tenha sido diferente. O feminino é rotulado como frágil e incapaz de exercer certas funções sociais, variando conforme a época. Ele vive sob a perspectiva da opressão, da inferiorização e da violência. Mesmo quando deseja autonomia nos diversos aspectos da vida, ainda é moldado aos olhares masculinos. Além de estar sob constante ameaça e julgamentos, de ser submetido à servidão, à dependência emocional e financeira, à repetida violência sexual, física e psicológica. Não tem direitos reais sobre o próprio corpo, nem sobre seus pensamentos. Contudo, isso nem sempre é visto com tanta clareza pela sociedade, por isso, ainda se faz necessário estudos a respeito da situação da mulher,

de seu condicionamento social, pois apenas a consciência da sujeição feminina poderá devolver a humanidade das mulheres.

1. SITUAÇÃO HISTÓRICA DA EXISTÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e ainda hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência, nunca emergiu, como um sujeito, em face dos outros membros da coletividade.

SIMONE DE BEAUVOIR

Este capítulo tem como propósito fazer um levantamento histórico a respeito da situação da mulher na sociedade ocidental, do período feudal à modernidade. O objetivo é relacionar os fatos da realidade vivida pelas mulheres nesses períodos com as de personagens femininas nas artes e, principalmente, na ficção. Para isso, fizemos um levantamento histórico do estado de condicionamento da existência feminina via procedimento discursivo, representado nas diferentes modalidades artísticas, culturais e sociais, que refletiu no modo de aceitação da mulher do estado de “não-ser” como pressuposto de sua condição existencial, isto é, aceitar a sua situação², imposta por regras predeterminadas pela sociedade, como condição³ de sua existência essencial.

Nesse sentido, a “situação” está para a existência do indivíduo em sociedade. Refere-se ao modo de comportamento dos seres humanos nas suas relações diversas em um determinado modelo ou sistema social, no qual predomina poder, hierarquia, função e diferentes modos de relações entre os indivíduos. Por outro lado, a condição está para o *devoir*, no qual o humano, como um todo, se projeta para além das forças sociais, independente das diferenciações de raça, gênero e de classe social. O *devoir* requer tomada de consciência de si no mundo.

Albert Camus, em *O homem revoltado* (2023, p. 28-29), a esse respeito afirma:

Por mais confusa que seja, uma tomada de consciência nasce do movimento de revolta: a percepção, subitamente reveladora, de que há no homem algo com o qual pode identificar-se, mesmo que só por algum tempo. Até então, essa identificação não era realmente sentida. O escravo aceitava todas as exações anteriores ao movimento de insurreição. Muito freqüentemente havia recebido, sem reagir, ordens mais revoltantes do que aquela que desencadeia a sua recusa. Usava de paciência, rejeitando-as talvez dentro de si, mas, já que se calava, mais preocupado com seu interesse imediato do que consciente de seu direito. Com a perda da paciência, com a impaciência,

² A Situação é um princípio de passagem, no qual o indivíduo sofre determinações impostas por um condicionamento temporal, normalmente, por imposições sociais.

³ A Condição é inerente ao indivíduo, pressupõe seu estado humano de *devoir*, portanto, relaciona-se ao saber filosófico.

começa ao contrário um movimento que se pode estender a tudo o que antes era aceito. Esse ímpeto é quase sempre retroativo. O escravo, no instante em que rejeita a ordem humilhante de seu superior, rejeita ao mesmo tempo a própria condição de escravo. O movimento de revolta leva-o além do ponto em que estava com a simples recusa. Ultrapassa até mesmo o limite que fixava para o adversário, exigindo agora ser tratado como igual.

Para o autor, a tomada de consciência surge da revolta de que o outro não tem o direito do domínio sobre a condição e existência alheia, principalmente no que se refere a um jogo de interesses e de construção de poderes. Antes da revolta, a identificação do domínio não era perceptiva e tudo era aceitável. É com a impaciência que esse movimento começa, ela leva a percepção de direitos antes não vistos e, a recusa da aceitação pode ir além de um ato isolado, pode ir em busca da igualdade.

Com efeito, a ação contra o domínio patriarcal, que tem percorrido em nossa sociedade, é objeto da tomada de consciência por meio da revolta dos movimentos feministas e das percepções claras de teóricas como Simone de Beauvoir – ao trazer uma das obras mais completas sobre a situação da mulher: *O Segundo Sexo* (2016) em que aborda o feminino como o *Outro*, diante do domínio masculino. O *Outro* é aquele que ainda está no plano da aceitação, que não tem o poder sobre sua própria vida, que depende emocionalmente, financeiramente e sexualmente do ser-ativo (o masculino). É o escravo social diante dos condicionantes que lhe são impostos.

Para Hannah Arendt, em *A condição humana* (2020: p.11-12).

A condição humana compreende mais que as condições sob as quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados, porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens constantemente condicionam, no entanto, os seus produtores humanos. Além das condições sob as quais a vida é dada ao homem na Terra e, em parte delas, os homens constantemente criam suas próprias condições, produzidas por eles mesmos, que, a despeito de sua origem humana e de sua variabilidade, possuem o mesmo poder condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou mantenha uma duradoura relação com ela assume imediatamente o caráter de condição da existência humana. O impacto da realidade do mundo sobre a existência humana é sentido e recebido como força condicionante.

Para a autora, os homens são seres condicionados, mas não apenas ao que a vida foi dada a ele, suas condições são além. Eles criam a *vita activa* e as coisas e tornam-se condicionados a elas. Além das condições dos produtos dos homens, estes também criam suas próprias condições que possuem o mesmo poder condicionante das coisas naturais. Portanto, a condição da existência humana ocorre por meio do contato com as coisas e do

quanto estas têm durabilidade na vida humana. A relação de poder dos condicionamentos masculinos sobre as mulheres segue esse padrão de dominação.

Desse modo, essa força condicionante determina o modo de existência das relações entre os homens e as mulheres, e, assim, traduz a condição em que a mulher existe. Ela está condicionada a ser o *Outro*, pois esta condição foi produzida e perdurada por toda a existência humana, na maioria das sociedades, o que é responsável por seu estado social e, em decorrência, pelo seu condicionamento e não revolta.

A revolta, como tomada de consciência, remete à teoria nietzschiana sobre a condição trágica da vida. Para ele, os seres humanos constituem um elo com o mundo e se formam por dois instintos impulsivos que andam lado a lado e na maior parte do tempo em guerra aberta, mutuamente se desafiando e excitando para darem origem a criações novas, cada vez mais robustas (NIETZSCHE, 1996, p. 19). O filósofo encontra na tragédia grega clássica, com Apolo e Dionísio, a representação da vida, da aceitação da vida em sua totalidade, na qual “o trágico seria a afirmação da vida, também nos seus mais estranhos, mais árduos problemas, a vontade de viver fruindo o sacrifício dos mais altos tipos produzidos pela sua inexaurabilidade” (Idem, p. 37).

Nesse sentido, a tragicidade é inerente à condição humana, aceitá-la como tal é o princípio norteador da vontade de viver e base para tomada de consciência da vida como afirmação do próprio viver. No caso referente à situação das mulheres em uma sociedade que a leva a viver de modo adverso às suas potencialidades humanas, aceitar, não é conformar, mas reconhecer-se no processo, tomar consciência de si no contexto social em que habita, enfrentar a dor, a angústia e o mal que a limita. Ou seja: o revoltar-se de acordo com a teoria de Camus é, ao mesmo tempo, afirmar-se como sujeito de sua própria existência e essencialidade humana. Isso, em síntese, pressupõe afirmação da vida.

Para além disso, a situação da mulher é marcada em diversas obras de ficção – perpassando pela literatura, e tendo o seu máximo em teorias filosóficas como as de Simone de Beauvoir, em sua obra *O Segundo Sexo*, publicado pela primeira vez em 1949.

Na literatura, as obras *Dom Casmurro* – de Machado de Assis, *¿Qué hacer com estos pedazos?* – de Piedad Bonnett e *Mulheres Empilhadas* – de Patrícia Melo trazem um pouco da configuração feminina nas sociedades. A primeira tem como personagem principal “Capitu” – uma mulher do século XIX – que mostra uma força, astúcia e inteligência incomuns para a sociedade da época. Também era detentora de um poder sedutor, o qual incomodava os que estavam a seu redor. Esses atributos, que eram sua força, foram os motivos de sua derrota.

A segunda obra tem como representação feminina a personagem Emília, que narra seu cotidiano e suas experiências de modo subjetivo e introspectivo, colocando em evidência as limitações que predominam na vida das mulheres contemporâneas. A personagem compreende sua situação, mas não consegue se desvencilhar do silêncio, que a conduz a um modo de vida que não é como ela gostaria que fosse.

Já a terceira obra traz situações nas quais as mulheres contemporâneas estão submetidas, como o ao feminicídio e outras formas de violência, a desvalorização do gênero feminino e as respostas institucionais a esse respeito.

1.1 Abordagem histórica: a força do patriarcalismo

A concepção dada ao mundo foi formada pelo poder do patriarcado, a força do masculino, em cujos feitos históricos de poder social foram destinados a este sexo, o que contribuiu para situar às mulheres ao plano *secundário* (o que foi compreendido e documentado no século XIX pela filósofa Simone de Beauvoir) como, por exemplo, a funções de apoio, ajudante ou alguém que se limitava a apenas aplaudir e dar o suporte necessário aos que a exigiam na hierarquia do domínio patriarcal.

Por séculos, os poderes sociais, culturais, políticos e psicológicos foram privilégios masculinos. E qualquer tentativa de grupos femininos opostos a esses privilégios foram objeto de imediata desvalorização e de posições ridicularizantes. Isso porque, jamais o grupo detentor de tantos privilégios poderia se imaginar compartilhando igualdades com aquelas que sempre estiveram no papel de servi-los.

Não se sabe ao certo quando e como a submissão feminina passou a existir. O que temos são teorias possíveis de justificar essa posição da mulher. Uma delas é o fator biológico que incumbiu ao sexo feminino à reprodução. A maternidade condicionou a mulher aos primeiros cuidados com o filho, a sua proteção e alimentação. Isso a colocou de um modo mais passivo e vinculada aos cuidados do lar, o que é conceituado como “explicação tradicionalista” pela historiadora e professora Gerda Lerner,

A explicação tradicionalista concentra-se na capacidade reprodutiva feminina e vê a maternidade como a maior meta na vida das mulheres, definindo, assim, como desviantes mulheres que não se tornam mães. Considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda a vida adulta a ter e criar filhos. Assim, vê-se a divisão sexual do trabalho com base em diferenças biológicas como justa e funcional. (LERNER: 2019, p. 43).

Diante da capacidade reprodutiva feminina, a geração e, conseqüentemente, o cuidado dos filhos tornou-se a função mais importante na vida das mulheres, principalmente por ser o único modo de expandir a população social. Portanto, a idade reprodutiva da mulher pode ter sido o seu momento mais valorizado nas sociedades antigas e medievais, como é relatado por Rouche, na Alta Idade Média Ocidental, entre os séculos V ao VIII,

A sociedade franca favorece eminentemente a procriação. Quem matar uma jovem livre em idade de procriar deverá pagar seiscentos soldos — o mesmo que para um antrustião —, mas pagará apenas duzentos se eliminar uma mulher que já passou da menopausa. Quem bater numa mulher grávida e com isso provocar-lhe a morte, pagará setecentos soldos de multa; se apenas sobrevier um aborto, a multa cairá para cem. No fim do século VI o rei Gontran incluiu mais uma cláusula, provavelmente porque tal espécie de delito se multiplicava: seiscentos soldos pela morte de uma mulher grávida e mais seiscentos se o feto for o de um menino. Não poderia ser mais explícito. Dado que um menino de menos de doze anos "vale" seiscentos soldos e a menina da mesma idade apenas duzentos, estabelece-se uma verdadeira hierarquia de valores: na base da escala, a menina e a velha incapazes de carregar um filho no ventre; no meio, o menino; no alto, a mulher grávida! Como, ademais, a idade do casamento sempre é muito próxima da maioridade — ou seja, por volta dos doze anos (Fortunato assinala o caso da pequena Vilitutha, casada aos treze anos e morta de parto pouco depois) —, como o rei Gontran houve por bem infligir 62,5 soldos de multa a toda mulher que desse a outra uma poção mágica de ervas e plantas abortivas a tal ponto que esta última nunca mais tivesse filhos, tudo finalmente converge para que a mulher só seja levada em consideração enquanto mãe, enquanto genitrix [genitora]. (ROUCHE: 2009, p.449)

Infere-se, portanto, que a mulher tinha um valor grandioso quando exercia a capacidade de reproduzir, o que não se estende às que não a tem, como a menina e a velha, após a menopausa. Isso confirma a destinação valorativa da maternidade às mulheres, e que, ao contrário, àquelas que não podiam gerar não eram levadas em consideração. O documento ainda explicita a valorização do menino em detrimento da menina desde o nascimento, visto que os atributos do sexo masculino eram nitidamente mais valorizados. Por outro lado, aos homens foi proporcionado o lado mais ativo da sociedade, como as aventuras nas caças, nas guerras e nas navegações. Além disso, puderam contribuir com o progresso social, modificando e construindo objetos, enquanto o trabalho das mulheres se resumiu a repetições no campo doméstico. A isso foi denominado assimetria sexual, em que,

A conseqüente explicação da assimetria sexual coloca as causas da submissão feminina em fatores biológicos pertinentes aos homens. A maior força física, a capacidade de correr mais rápido e levantar mais peso e a maior agressividade

dos homens fazem com que eles se tornem caçadores. Portanto, tornam-se os provedores de alimento nas tribos e são mais valorizados e honrados do que as mulheres. As habilidades decorrentes da experiência em caça, conseqüentemente, permitem que se tornem guerreiros. O homem-caçador, superior em força, habilidade e com experiência oriunda do uso de ferramentas e armas, “naturalmente” vai proteger e defender a mulher, mais vulnerável, cujo aparato biológico a destina à maternidade e aos cuidados com o outro. (LERNER: 2019, p.43).

Como dito, a assimetria sexual no campo biológico foi responsável por permitir ao homem maior desenvoltura social, o que lhe trouxe mais valorização, diante dos trabalhos de cuidados cotidianos a que se dedicavam às mulheres. Esse fator biológico situou a mulher na posição de subalterna perante os poderes conquistados pelo masculino, além de justificar o poder masculino pelas vulnerabilidades femininas. Para tanto, as diferenças sexuais e do trabalho constituíram a dominação masculina. E, assim, é delimitada ao “[...] lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais”. (BOURDIEU, 2023, p. 24).

No entanto, para Beauvoir “a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: por que a mulher é o Outro?” (BEAUVOIR: 2016, p.65). Para ela, é preciso saber como foi incorporado à mulher o papel que a define através da história, como a humanidade vem concebendo a fêmea. Portanto, é preciso adentrar em um contexto ontológico, econômico, social e psicológico para esclarecer a sujeição da mulher à espécie, aos limites impostos, às suas capacidades individuais, e aos seus corpos. (BEAUVOIR: 2016, P.65).

Na Idade Antiga, em Roma, Públio Ovídio Naso, um poeta nascido em 43 a.C., escreveu a obra *Ars Amatoria* entre os anos I a.C. e I d.C., catalogada como parte do gênero elegíaco com caráter de aconselhamento ou didático, que também pode ser considerada um manual de galanteio. A obra é dividida em três livros: os dois primeiros se dedicam a dar conselhos amorosos e de sedução aos homens, já o terceiro fornece conselhos da arte de amar às mulheres. Ovídio escreveu a respeito de mulheres libertas que não tinham um papel virtuoso a ser cumprido, pois não estavam sob a tutela do pai ou do marido, como jovens solteiras, prostitutas, cortesãs ou concubinas – já que estas poderiam oferecer aos homens seus prazeres com possibilidades mínimas de punição. (MAZIOLI, 2022).

As matronas – mulheres respeitáveis, mães de família, estão excluídas dos conselhos de Ovídio, pois eram proibidas por lei de frequentar o teatro de acordo com as

leis de Otávio Augusto – governante da época, e Ovídio exorta as mulheres livres que podem usufruir dos prazeres: “Ó mulheres que o pudor, as leis e a condição autorizam a tanto, aprendei a lição” (*Ars Am.*, III, 58). Isso porque no governo de Augusto foram outorgadas uma série de leis que visavam colocar um Programa de Reforma Moral em funcionamento (*Res Gestae Divi Augusti*, 8,5). A primeira lei dessa reforma foi aplicada em 18 a.C.: a *Lex Iulia de Adulteris Coercendis* – Lei Júlia sobre Adulterio – que definiu o adultério como uma relação sexual entre uma mulher casada e um homem que não era seu marido. Ambos eram incriminados, a esposa adúltera, e o homem que cometia a ofensa contra o marido dela. A mesma lei não era aplicada ao homem casado que se relacionava com outras mulheres, mesmo que o sistema de casamento fosse monogâmico. (MAZIOLI, 2022).

Em Roma, no final da República e no começo do Império, as mulheres dos homens públicos não tinham papel relevante socialmente, eram chamadas de “criaturinhas” e não pertenciam ao mundo político no qual os homens dominavam. Eram “condenadas” pela sensualidade capaz de distrair o seu homem, como um ato de imprudência. Às vezes, em tempos difíceis, podiam até serem ouvidas como fonte de conselhos e de coragem, no entanto, pouco se valorava a relação conjugal no que diz respeito aos assuntos de ordem pública. O adultério em nada punia o marido, mas ao contrário, podia desencadear uma vingança maléfica contra a mulher ou o amante. (BROWN: 2009, p. 202).

Por conseguinte, além do fator biológico, político e social que posiciona a mulher em um lugar de secundário em relação aos atributos masculinos, no decorrer da história, um dos argumentos de grande força para justificar a inferioridade e submissão feminina é o que provém das divindades míticas ou religiosas, com grande contribuição da religião cristã, como dito abaixo,

[...] a mulher é submissa ao homem porque assim foi criada por Deus. Tradicionalistas aceitam o fenômeno da “assimetria sexual”, a atribuição de diferentes tarefas e papéis para homens e mulheres, algo observado em todas as sociedades humanas conhecidas, sendo prova desse ponto de vista e evidência de seu caráter “natural”. Eles argumentam que, se à mulher foi atribuída, por planejamento divino, uma função biológica diferente da do homem, a ela também devem ser atribuídas diferentes tarefas sociais. Se Deus ou a natureza criaram diferenças entre os sexos, que, em consequência, determinaram a divisão sexual do trabalho, ninguém pode ser culpado pela desigualdade sexual e pela dominação masculina. (LERNER: 2019, p.39).

Com efeito, a construção da ideia divina de submissão feminina é colocada como a mais adequada e natural para o bem e equilíbrio da sociedade. A criação, por Deus, das

diferenças sexuais é aceita como justificativa para a definição rígida de papéis e funções destinadas às mulheres e aos homens. Assim, a divisão sexual do trabalho adquire um *status* de naturalidade. Com efeito, a ordem “natural” criada por Deus garantiu diversos privilégios ao homem, que pode conquistar espaços diversificados no âmbito social, elevando-se intelectualmente, politicamente e economicamente; ao contrário das mulheres, encerradas em casa e garantindo o bem-estar da família, ainda que desejasse uma vida diferente.

Além disso, com o advento do cristianismo, a virgindade passa a ser muito valorizada e protegida por leis nas sociedades germânicas e romanas, assim como o corpo feminino tornou-se um tabu entre os francos, como aduz Rouche,

Nesses tempos conturbados em que a violência predomina, como veremos, a virgem constitui, portanto, o futuro da parentela. Donde deriva toda uma série de medidas para reprimir a ruptura ou a impossibilidade do casamento. Realmente é necessário evitar o estupro e o rapto das mulheres, o incesto e o adultério. São incontáveis os artigos das leis germânicas e romanas a respeito desses delitos. Já assinala que o corpo feminino constituía tabu entre os francos. A mesma coisa ocorre entre os burgúndios. A violação de uma escrava é sancionada, mas o resultado parece irreversível. As mulheres vítimas de tal ato são ditas "corrompidas". Entre os galo-romanos o estupro de uma mulher livre era punido com a morte; o de uma escrava, com o pagamento de seu valor. Em outras palavras, uma mulher corrompida não vale mais nada. Já não tem sequer o direito de ser proprietária de seus bens, como o Código de Eurico determina para os visigodos a propósito da viúva "que está convencida de se ter aviltado pelo adultério ou numa união desonesta". Podemos apostar que a única saída para essas mulheres era a prostituição, rigorosamente proibida e no entanto usual. (ROUCHE: 2009, p.459).

Uma mulher “corrompida” – sem a virgindade antes do casamento consagrado, perdia o espaço na sociedade, não valia mais nada, nem poderia mais ser proprietária de seus bens, de acordo com o Código de Eurico. Isso porque nesta sociedade valorizava-se a garantia de parentalidade, ou seja, a verdadeira descendência dos filhos aos pais.

Em 249 d.C. foi escrito o tratado *habitu uirginum* – sobre o hábito da virgem – por Cipriano, um bispo da congregação cristã da *ciuitas* de Cartago, entre os anos de 249 e 258 d.C. No tratado, Cipriano aconselha às virgens, como meio de imposição de normas condicionantes ao comportamento das mulheres. Para tanto, cria-se uma valorização e exaltação das virgens, com elogios como virtuosas, convencendo-as de que são superiores e, portanto, sua conduta deveria ser cuidada e preservada de modo recatado, estabelecendo um código de disciplina quanto à sexualidade da mulher, para, então, agradar a Deus. (SOARES: 2022, p. 50). Abaixo é apresentado um exemplo desse código de conduta virginal.

Está reservada a ti a magnífica recompensa, o grande prêmio da virtude, o maior dom da castidade. Queres saber de que males te livra e que benefícios trará a virtude da castidade? *MultiPLICARÁ*, diz Deus à mulher, *tuas angústias e gemidos, e parirás com dor, te sujeitarás a teu marido e ele terá domínio sobre ti* (*Gen*, 3, 16). Vós estais livres desta sentença, não terás que temer as angústias e os gemidos das mulheres; nenhum temor ao parto dos filhos, nem o domínio do marido. (*De hab. uirg.*, 22). (SOARES: 2022, p.50).

A religião cristã, com grande poder no ocidente, disseminou, desde o princípio, normas de condutas para as mulheres, com foco no controle de seus corpos, desejos e potencialidades, com objetivo de diminuí-las, enfraquecê-las e subordiná-las. Como prova disso, estão as reproduções misóginas disseminadas pelos patrísticos, primeiros padres da Igreja Católica, que se dedicaram a desenvolver uma filosofia baseada no pensamento cristão e no conhecimento religioso.

Os referidos padres da filosofia patrística e seus discursos misóginos são: *Tertuliano* (c.155- c.222) que discursa sobre a aparência feminina – afirmando que elas não devem se maquiar, tingir os cabelos ou se enfeitar, pois são herdeiras da queda de Eva e, portanto, impregnadas do pecado contraído desde sua origem; assim como diz que as mulheres possuem um desejo sexual nocivo, o qual deve ser eliminado; *Santo Ambrósio* (c. 339 – 397), que tem uma visão discriminatória da mulher no casamento e afirma a ideia de imperfeição feminina – alegando que a mulher é inferior ao homem, pois ela tem uma tendência a enganar, já que Eva enganou Adão. Que ela é de natureza fraca e imperfeita, e, por isso, a evangelização só pode ser realizada por homens. E deve sempre estar sujeita à tutela do homem ou da família de Cristo no intuito de direcionar sus passos; *São João Crisóstomo* (c. 344 – 407) segue a linha de Tertuliano e diz que as mulheres devem se vestir com modéstia, buscando a simplicidade, obediência ao marido e optar pelo silêncio. Na obra *Homília IX*, ele cita a passagem bíblica de Timóteo 1.2:8-15, de São Paulo, recomendando às mulheres que seus adornos materiais sejam sóbrios e modestos, pois quanto menos elas se mostram, mais belas se tornam; *São Jerônimo* (c. 347 – 420) alega que a mulher deveria se manter virgem e solteira, para que obtenha a salvação. Acredita que o homem sábio deve orar muito, por isso é melhor que não se case, pois a esposa pode lhe oferecer muitas distrações. *Santo Agostinho* (c. 354 – 430), que aparentemente é mais suave às mulheres, não foge da tradição dominadora – declarando que a mulher foi criada para ser auxiliar do homem, seja pai, marido ou filho, colocando o homem naturalmente superior à mulher. (PIRES: 2022)

Partindo para a constituição mitológica, temos Lilith⁴ “um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa [...]” (ROBLES: 2019, p.35) para justificar a origem do mundo ao papel feminino.

São diversas as narrativas do mito de Lilith, que são encontradas em documentos históricos de povos que ocuparam o crescente fértil, na antiga faixa do Mediterrâneo, desde 700 a.C. até a Idade Média. Da Assíria até a Babilônia, passando pelas culturas egípcias e greco-romanas, essas muitas narrativas são decorrentes de diferentes influências culturais. Uma característica comum às apresentações do mito é a de Lilith como uma figura temida, que causava males a homens, puérperas e crianças recém-nascidas. (SARTO: 2023, p.17)

Lilith também é vista com ímpeto sexual, uma mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, considerada a primeira mulher de Adão, com ele criada do pó e insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta fragilidade de Eva. (ROBLES:2019).

Conforme Sicuteri (1987, p.19), na tradição hebraica, o amor de Adão por Lilith é conhecido como perturbado; “não havia paz entre eles porque quando eles se uniam na carne, evidentemente na posição mais natural, a mulher por baixo e o homem por cima, Lilith mostrava impaciência”. Assim perguntava a Adão:

«__ por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que devo abrir-me sob teu corpo?»

Talvez aqui houvesse uma resposta feita de silêncio ou perplexidade por parte do companheiro. Mas Lilith insiste:

"__Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual".

Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma paridade, uma harmonia que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Malgrado este pedido, ainda úmido de calor súplice, Adão responde com uma recusa seca: Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar o seu corpo. Portanto: existe um imperativo, uma ordem que não é lícito transgredir. A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão.

⁴ Lilith é usualmente derivado da palavra Babilônica/Assíria Lilitu. É uma demônia vivendo em um tronco de salgueiro vigiado pela deusa Inanna (Anath) em uma margem do Eufrates. A etimologia do hebreu popular parece derivar Lilith de layl, noite, e ela frequentemente aparece como um monstro noturno peludo no folclore Árabe. (Graves e Patai, 1983:68).

É a ruptura do equilíbrio. Qual é a ordem e a regra do equilíbrio? Está escrito: "O homem é obrigado à reprodução, não a mulher". (SICUTERI: 1987, p.19).

Lilith é consagrada, portanto, a primeira esposa de Adão pela cultura hebraica, porém, ela enfrentou a tentativa de submissão desejada pelo companheiro, exigindo igualdade entre ambos, o que não lhe sendo concedido. Dessa forma, abandonou Adão e sua figura foi associada a de um demônio. Ela é a primeira mulher do mundo e não nasceu de uma costela, portanto é inteira assim como Adão.

Mas, como era Lilith? Ainda há um mistério sobre isso, pois nos testemunhos da Torah temos a descrição da primeira mulher que, subentendida no Gênesis, deveria ser Eva. Mas há uma passagem do Beresit-Rabba que se refere a outra mulher, que é cheia de *saliva e sangue*, e perturba Adão. Sobre Eva, ao contrário, são destacadas as belezas e os ornamentos. Acreditamos que a descoberta de Lilith, com a reação que conhecemos, de recusa, e a segunda exclamação ("Desta vez são ossos dos meus ossos", etc.) são uma só experiência psicológica de aproximação onde poderíamos ver uma condensação de duas experiências: a primeira, o conhecimento carnal, é censurada e removida; a segunda, ao contrário, exprime a aceitação da imagem "boa", externa, da companheira, aquela que é mais agradável ao Pai e à Lei, mas que será, também esta, inexoravelmente fonte de pecado. Tratar-se-ia, pois, de uma experiência libídica profunda distinta em duas fases, com um princípio implícito de ambivalência. (SICUTERI: 1987, p.17).

Para Sicuteri (1987), tanto Lilith quanto Eva trazem um *princípio implícito de ambivalência*, por traduzirem uma parte desejável e outra não desejável, já que ambas são frutos do pecado e, assim, poderiam pertencer a uma *experiência libídica* profunda em duas fases, o que traz temor e desejo ao homem. O autor acredita tratar-se de única experiência psicológica sobre as figuras de Lilith e Eva devido à aproximação do bem e do mal em ambas, contudo, o desejo carnal é mais brando em Eva, e seus impulsos são pautados na obediência e não no enfrentamento, como em Lilith.

E, ao falar sobre a serpente-demônio ou o próprio demônio, o autor afirma que este existe em Lilith, e que é responsável por impulsionar a mulher a uma ação que o homem não permite, pois, em Lilith há a recusa de ficar por baixo do homem, o que a faz exigir a troca e posições, enquanto em Eva, a transgressão ocorre sobre a árvore, em obediência a serpente. Desse modo, a serpente em Lilith referencia-se ao próprio comando e desejo que ela expressa ao dizer "Por que devo sempre deitar-me embaixo de ti? Também eu fui feita de pó e por isso sou tua igual". Em Eva a relação de desobediência é externa a Adão. (SICUTERI: 1987, p.20).

Em resumo, Laraia traduz a figura de Lilith em,

Lilith seria uma figura sedutora, de longos cabelos, que voa à noite, como uma coruja, para atacar os homens que dormem sozinhos. As poluições noturnas masculinas podem significar um ato de conúbio com a demônia, capaz de gerar filhos demônios para a mesma. As crianças recém-nascidas são as suas principais vítimas. A crença em Lilith, durante muito tempo, serviu para justificar as mortes inexplicáveis dos recém-nascidos. Uma forma de proteger as crianças contra a fúria da bela demônia é escrever na porta do quarto os nomes dos três anjos enviados pelo Senhor. Outra maneira é a de afixar no berço do recém-nascido, três fitas, cada uma delas com um nome dos três anjos. (LARAIA: 2000).

Assim é constituída a figura de Lilith, como um ser feminino perigoso, causadora de grandes males para os homens e as crianças, já que em sua origem não foi submissa ao seu companheiro.

Ainda no âmbito religioso, Del Priore (2004) afirma que,

A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e portanto cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na Epístola aos Efésios, 1 não deixa dúvidas quanto a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”. De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada. O mesmo Paulo de Tarso, em outro escrito, determinava, sem meias-palavras: Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes, se enfeitem com pudor e modéstia; nem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; mas que se ornem, ao contrário, com boas obras, como convém a mulheres que se professam piedosas. Durante a instrução, a mulher conserve o silêncio, com toda submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou doutrine o homem. Que ela conserve, pois, o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão. Entretanto, ela será salva pela sua maternidade, desde que, com modéstia, permaneça na fé, no amor e na santidade. (DEL PRIORE: 2004, p.37)

Portanto, o desenvolvimento do cristianismo se deu através do Império Romano, eminentemente patriarcal. A conversão do Império não se fez de baixo para cima, mas de cima para baixo, e, por isso, a estrutura patriarcal do Império pouco mudou com a sua conversão. Ela continuou com uma grande base patriarcal, apesar de, daí por diante, denominar-se cristã. Sua conversão real com a integração dos símbolos propostos no mito

cristão continuou através dos séculos e, até hoje, está longe de se concluir. (DEL PRIORE, 2004).

Na mitologia grega podemos citar a deusa Hera, a “padroeira das mulheres casadas, seu mundo adquire sentido em função do esposo. Sobre Hera recaem as virtudes e superstições do protótipo que sustenta o lar com o ideal do marido bem-sucedido, reconhecido o seu poder e notável em seu trabalho”. (ROBLES: 2019, p. 49). Ela é o que está em muitas mulheres que acreditam ser o casamento a maior fonte de felicidade feminina. É fiel enquanto Zeus a humilha e maltrata, é ciumenta e vive em busca de evidências das traições de seu marido. (ROBLES:2019).

Era irmã e esposa de Zeus, denominada deusa do casamento, apresentava muito ciúmes diante das infidelidades constantes do marido. De fato, ele não hesitava em recorrer a todos os meios para obter o amor das mortais por cuja beleza se apaixonava. Como ela não conseguia dominar o rei dos deuses, seu ódio voltava-se contra suas rivais ou os filhos que Zeus tinha com elas. (VASCONCELOS:1998, p.89).

Hera representa o modelo feminino voltado ao amor incondicional para um homem, que a seus olhos, é divino, cheio de poder, mas não se importa com o equilíbrio do matrimônio. O homem apresenta uma multiplicidade de desejos que não hesita em cumpri-los, principalmente o da infidelidade conjugal. A mulher, por outro lado, tende a se tornar vingativa e cheia de cólera sobre aqueles que chama a atenção de seu esposo, como meio de abrandar seu sentimento raivoso e, porém, manter o seu companheiro contigo, ainda que não aceite o que ele faça.

Essas representações femininas, colocadas como frágeis, inferiores, demoníacas, ciumentas, causadora de grandes males, submissas – baseiam a origem do mundo dividido em dois gêneros, um prestigiado – o masculino e o outro desprestigiado – o feminino.

Não obstante, “Na Grécia Clássica e na tradição judaico-cristã, Pandora e Eva respectivamente desempenham o mesmo papel: o de demonstrar que a curiosidade feminina é a causa das desgraças humanas e da expulsão do homem do Paraíso.”. (GARCIA: 2015, p. 12). Assim foi construído, ao longo da história humana, o ideal de feminino, caracterizado ora por um ser maligno, ardiloso e perigoso, ora por uma figura mais tolerante, mais dependente e mais vulnerável - esta última como ideal para o equilíbrio do mundo.

Contudo, por volta do século XIX, o argumento religioso foi perdendo força, abrindo espaço para justificativas científicas, na qual predominava a teoria darwinista, em que para a manutenção da espécie era necessário que as mulheres cumprissem o seu

papel biológico da maternidade, sendo, então, privadas da sociedade econômica e educacional. Neste período, elas eram consideradas inadequadas para a educação superior. (LERNER: 2019). “Menstruação, menopausa e até gravidez eram vistas como debilitantes, doenças ou condições anormais, que incapacitavam as mulheres e as tornavam de fato inferiores.” (LERNER: 2019, p.42).

As mulheres foram convencidas de que eram necessárias aos cuidados dos filhos e da família para o desenvolvimento econômico da sociedade. Essas deveriam ser suas funções mais importantes, enquanto os homens dominavam os aspectos econômicos e sociais. Eles eram preparados no âmbito educacional e profissional, e, por conseguinte, estabilizavam-se economicamente. Desse modo, à mulher restava apenas a dependência e a sorte de um bom casamento, visto que sua dedicação era solidária, amorosa e cuidadora, ou seja, sem valores econômicos.

Para Friedrich Engels, a grande derrota do sexo feminino é oriunda do desenvolvimento da propriedade privada. Ele acredita que as sociedades antes da divisão de propriedades eram organizadas de modo mais igualitário, em que cada gênero contribuía de modo importante para a sobrevivência da espécie. Assim, as mulheres eram responsáveis pelo lar, pelas crianças e a preparação dos alimentos. Os homens caçavam, pescavam, iam às guerras, produziam ferramentas e matéria prima para os alimentos. Ele considera essa divisão de trabalho primitiva, mas igualitária. Assim, não havia dominação masculina sobre a feminina. (ENGELS: 2019).

Contudo, não há na história uma comprovação de que as mulheres tiveram poderes iguais ou superiores aos homens em uma sociedade. O que se conclui diante dos documentos já estudados é que há maior probabilidade de que homens foram mais dominadores e privilegiados do que as mulheres, de formas diretas ou simbólicas, a depender do contexto social e cultural de cada época.

No entanto, para Engels, a apropriação das terras fez com que fosse dado ao homem mais poder, visto que a mulher não tinha o direito de possuí-las. Nesse contexto, surge também a família monogâmica, e, novamente, a exigência da virgindade da mulher, pois era preciso garantir a verdadeira paternidade, já que as propriedades passariam aos herdeiros. (ENGELS: 2019).

Desse modo, a mulher foi incorporada ao sistema patriarcal, pois, caso não contraísse matrimônio, ficaria sob a responsabilidade e ordens do pai, mas nunca herdeira ou proprietária. Com efeito, a esposa continuava a ser destinada aos serviços de ordem

privada, responsável pelos trabalhos domésticos e a criação dos filhos, cujo marido era o chefe do lar, da mulher e dos filhos.

Engels afirma ainda que a propriedade de terras foi o fenômeno que proporcionou mais poder aos homens, colocando a mulher sem reais condições de conquistar uma vida própria, e que isso a colocou de vez dependente do poder masculino. Entretanto, mais uma vez, em mais um período da história, as mulheres foram ordenadas a se colocarem em uma posição secundária, sem escolhas, sem poder de modificar o que fora estabelecido.

Porém, Carole Pateman diverge da ideia de que a força masculina sobre a feminina surge apenas com o advento do patriarcado, pois, as relações de dominação entre esses gêneros vêm, antes, da predominância sexual masculina.

A interpretação patriarcal do “patriarcado” como direito paterno provocou, paradoxalmente, o ocultamento da origem da família na relação entre marido e esposa. O fato de que homens e mulheres fazem parte de um contrato de casamento – um contrato original que instituiu o casamento e a família –, e de que eles são marido e esposa antes de serem pai e mãe, é esquecido. O direito conjugal está, assim, subsumido sob o direito paterno e, segundo as histórias feministas contemporâneas que recuperam a ideia de um matriarcado primitivo ilustram, as discussões sobre o patriarcado giram em torno do poder (familiar) da mãe e do pai, ocultando, portanto, a questão social mais ampla referente ao caráter das relações entre homens e mulheres e à abrangência do direito sexual masculino. (PATEMAN: 2020, p.48)

Conforme a autora, homens e mulheres são marido e esposas antes de serem pais e mãe, portanto o domínio masculino é mais abrangente do que quando este se torna pai, pois sua força está no *contrato sexual*, em que o homem adquire o direito sexual sobre a mulher. Ao firmar um contrato de casamento, o contrato sexual garantido pelo masculino se sobrepõe ao feminino, dando direitos de exploração da esposa no âmbito doméstico, impondo, pelo seu sexo, poderes dominantes sobre o outro. Consequentemente, ao nascer os filhos, aumenta-se o poder do pai, que antes já dominava a mãe.

Mais tarde, na jovem república norte-americana, redefiniam-se ideias tradicionalistas sobre gênero. “No período colonial dos Estados Unidos, tal como na Europa do século XVIII, as mulheres eram vistas como subordinadas e dependentes de seus parentes homens dentro da família, [...]. Haviam sido excluídas do acesso à educação, da participação e do poder na vida pública.” (LERNER: 2019, p.55). Embora, com as mudanças sociais, a mulher continua sendo direcionada aos cuidados com o lar, como seu lugar “natural” e benevolente para com a sociedade.

Agora, com homens criando uma nova nação, eles atribuíram à mulher o novo papel de “mãe da república”, responsável pela criação dos cidadãos homens que conduziram a sociedade. As mulheres republicanas agora seriam soberanas na esfera doméstica, ao mesmo tempo que os homens reivindicavam com firmeza a esfera pública, inclusive a vida econômica, como seu domínio exclusivo. Esferas específicas determinadas pelo sexo, como definidas no “culto à verdadeira mulheridade”, tornaram-se a ideologia predominante. Enquanto os homens institucionalizavam sua dominância na economia, na educação e na política, as mulheres eram encorajadas a se adaptar a seu status de subordinação por uma ideologia que deu à função materna um significado superior. (LERNER: 2019, p. 55).

Com efeito, mesmo com mudanças do paradigma político e social, o androcentrismo permaneceu forte e indissolúvel. O aprisionamento feminino, agora, baseia-se principalmente por meio de posicionamentos ideológicos, dos quais, a verdadeira mulher é aquela dotada de cuidados no âmbito doméstico. Assim, realiza sua contribuição para o bem e o desenvolvimento da sociedade. Fora desse contexto, a mulher não é bem-vista e aceita na maior parte dos grupos.

De acordo com Pateman, “A base do patriarcalismo é um contrato tácito de troca: sustento econômico e proteção dados pelo homem em troca da subordinação em todos os aspectos, e das assistências sexual e doméstica gratuita dadas pela mulher.” (PATEMAN: 2020, p.53).

Neste ínterim, o patriarcado é tido como um sistema político, que se apropriou do corpo, dos direitos e da liberdade das mulheres. O controle patriarcal deu-se na família, nas relações sexuais, nos trabalhos e em outras esferas. Portanto, aquilo que parecia individual, era, na verdade, um problema comum a todas as mulheres, fruto de um sistema opressor. Uma das terríveis consequências desse sistema foi a naturalização da violência doméstica, entendida como apenas um problema de casal, em que a mulher, por séculos, acreditou ser culpa dela. (GARCIA: 2015).

Assim sendo, a história nos traz como predomina o poder masculino sobre o feminino. E isso fez com que as mulheres fossem excluídas de diversas transformações sociais, da produção econômica e de suas liberdades físicas e emocionais. Até mesmo a ideia de inferioridade intelectual foi construída em detrimento das mulheres e perdurou até o Renascimento como uma “[...] ideia de uma profunda desigualdade tanto das capacidades intelectuais e cognitivas entre homens e mulheres quanto da função dos dois sexos em relação aos papéis sociais.” (GARCIA:2015, p.25).

A impossibilidade de as mulheres pertencerem de fato às suas sociedades vêm de diversos mecanismos criados para isso. Certamente, o argumento de que elas eram

inferiores intelectualmente a privaram de produzir e demonstrar suas capacidades, visto que apenas a ideia construída é capaz de dominar o objeto desejado.

Entretanto,

Na Idade Média, Cristine de Pizan (1363-1431), considerada a primeira mulher escritora profissional, reivindica para as mulheres o primeiro direito do qual derivam todos os outros, ou seja, o do reconhecimento da condição de sujeito, com toda a dignidade que isso implica e com todas as qualidades que se atribuía somente aos homens: inteligência, força, valor, criatividade. Reivindica também como valores humanos igualmente dignos de consideração tudo aquilo que se reconhece como próprio das mulheres e que em consequência é desvalorizado: a ternura, o cuidado com as pessoas, a ocupação com tarefas menores – as tarefas domésticas. (GARCIA: 2015, p.29).

Cristine de Pizan traz a fala da mulher medieval quando reivindica o reconhecimento de sua condição de sujeito, das qualidades que se atribuía somente aos homens, como inteligência, força, valor, criatividade e o reconhecimento do que é próprio das mulheres, como a ternura, o cuidado com as pessoas, a ocupação com tarefas menores e as tarefas domésticas. A importância dessas reivindicações não está apenas na busca pelo direito pleiteado por uma mulher da Idade Média, mas também para a percepção do quanto a mulher medieval estava impedida de exercer suas condições de sujeito – como as de exercitar as suas capacidades produtivas que não fossem destinadas ao lar – bem como a falta de valorização do ser mulher e de tudo que lhe é atribuído.

Compreender as limitações impostas às mulheres em diferentes períodos sociais é uma tarefa complexa, visto que se esbarra em uma construção de domínio e privilégios demasiado poderosos. Um exemplo considerável é a formação do pensamento intelectual do filósofo Rousseau,

Rousseau, um dos principais teóricos do período da Revolução Francesa, filósofo radical que pretendia desmascarar qualquer poder ilegítimo, que nem admitia a força como critério de desigualdade, que apela à liberdade como um tipo de bem que ninguém está autorizado a alienar e que defendia a ideia de distribuir o poder igualmente entre todos os indivíduos, afirmava que a sujeição da mulher e sua exclusão é desejável. [...] (GARCIA: 2019, p.40).

Mesmo em uma reflexão sobre a liberdade dos indivíduos como um direito natural, a mulher é excluída desse pensamento, já que seu trabalho de sujeição à sociedade em geral tem grandes benefícios aos que dele se privilegiam. Portanto, era mais interessante pensar sobre a liberdade ou condição de outros indivíduos. As mulheres pouco significavam, já que aparentemente já tinham uma função importante a cumprir, a

de dar a vida, cuidar e proporcionar aos homens todas as capacidades para desenvolverem sistemas poderosos e confortáveis.

Em consequência, as mulheres estiveram sempre em desvantagens sobre diversos campos em que os homens dominaram, já que eram designadas a atividades pouco valoradas ou de efeito construtivo ao próprio bem.

De maneira universal, mulheres de todas as classes tinham menos tempo livre do que homens e, em razão da criação dos filhos e da servidão familiar, o tempo livre que tinham em geral não lhes pertencia. O tempo dos homens pensadores, seu tempo de se dedicar ao trabalho e aos estudos, desde o início da filosofia grega, é respeitado como algo privativo. Assim como os escravos de Aristóteles, as mulheres, “que, com seus corpos, servem às necessidades da vida”, sofreram por mais de 2.500 anos as desvantagens de um tempo fragmentado e sempre interrompido. Por fim, o tipo de desenvolvimento de caráter que torna uma mente capaz de ver novas conexões e de moldar uma nova ordem de abstrações é o exato oposto do que se exige das mulheres, treinadas para aceitar sua posição de subordinação e orientada ao serviço. (LERNER: 2019, p. 274).

Lerner fala claramente sobre a impossibilidade ou dificuldade de mulheres se dedicarem a outras funções que não fossem as de cuidados, pois esse sempre foi o papel designado a elas. Enquanto os homens dispuseram de tempo e oportunidades de permearem o mundo produtivo e a dedicação intelectual. Diante disso, a estrutura patriarcal ou de domínio masculino colocou mulheres em um lugar e homens em outro, o que foi responsável pela criação da consciência coletiva sobre a idealização feminina e masculina nas sociedades. O que, para Bourdieu baseia-se em,

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la. A ordem social funciona como uma intensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão sexual do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, [...]. (BOURDIEU: 2023, p.24).

Para o autor, a “máquina simbólica” que permeia na sociedade traduz o homem como o poder supremo, sem oposições diretas, apenas aceitação. Esse poder simbólico integra a sociedade e conduz o homem e a mulher em lugares distintos, construindo e perpetuando caminhos que não costumam ser objetos de questionamento. O que vai de acordo com a teoria de Simone de Beauvoir (2016) quando afirma que a mulher é uma construção social e não uma essência, e que, portanto, um grupo dominador a colocou em segundo plano na ordem social.

1.2. O olhar masculino sobre o feminino em Dom Casmurro: a sedução como desejo e ameaça

Dom Casmurro - do escritor Machado de Assis - foi publicado pela primeira vez em 1899, alinhado à escola literária do Realismo- com uma abordagem psicológica e ambientado na cidade do Rio de Janeiro, narrado em primeira pessoa pela personagem Bentinho, um homem branco e rico que tem um envolvimento com Capitu, sua vizinha, primeiro como amigos, depois, como amantes.

No século XIX, a elite brasileira continuava a viver sob a linhagem patriarcal, com poderes simbólicos e reais advindos da dominação masculina, em que as mulheres não tinham o direito e oportunidades de se constituírem de modo autônomo e livre.

Para tanto, a literatura da época, especialmente na obra aqui mencionada, nos traz algumas construções de personagem que representam parte da simbologia feminina vivenciada por este gênero, como em Capitu, cuja construção permeia em uma mulher objeto de julgamento, condicionada às imposições sociais e suprimida de uma verdadeira independência.

A personagem Capitu é uma construção machadiana que vai além da superficialidade do papel de gênero feminino instituído às mulheres da época, apesar de ela se ater às convenções sociais que lhe eram esperadas. Ela mostrou, a seu modo, uma mulher cheia de competência e astúcia, não tão bem vistas para uma figura feminina da época.

1.2.1 Capitu: sedução, desejo e aniquilamento

Capitulina – personagem feminina de Dom Casmurro – descrita minuciosamente em várias páginas da obra de Machado de Assis, traz a profundidade do ser mulher, que até então vinha sendo mostrada apenas de modo superficial e condicionada ao papel de gênero esperado pela sociedade da época.

Capitu nos surpreende ao mostrar, ainda que de modo sutil, uma grande força feminina com capacidade de conduzir a todos ao seu redor para que seus desejos sejam atendidos. É uma mulher astuta, inteligente, desejosa e corajosa. Assim pode ser descrita essa personagem que seria capaz de conquistar a mais nobre de suas intenções, sem muitos esforços. Contudo, as sociedades jamais tiveram condições de se preparar para uma mulher que fosse, em sua maior parte, liderança, ainda que de modo simbólico. Com

efeito, ora ou outra, Capitu seria alvo de tentativas de desconstrução, pois sua presença e atitudes afirmativas não poderiam prevalecer em um momento em que as mulheres só poderiam ser consideradas inferiores e obedientes aos homens.

A narrativa começa diante da inquietação masculina sobre a feminina apresentada pela personagem Bento, que, já em idade madura, resolve expor, mediante seu olhar subjetivo, toda a história que envolve a si e Capitu.

Ora, como tudo cansa, esta monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro. Jurisprudência, filosofia e política acudiram-me, mas não me acudiram as forças necessárias. Depois, pensei em fazer uma “História dos Subúrbios”, menos seca que as memórias do padre Luís Gonçalves dos Santos, relativas à cidade; era obra modesta, mas exigia documentos e datas, como preliminares, tudo árido e longo. Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do *Fausto: Aí vindes outra vez, inquietas sombras?*

Fiquei tão alegre com esta ideia, que ainda agora me treme a pena na mão. Sim, Nero, Augusto, Massinissa, e tu, grande César, que me incitas a fazer os meus comentários, agradeço-vos o conselho, e vou deitar ao papel as reminiscências que me vierem vindo. Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. (ASSIS: 2018, p. 51-52).

Neste momento, ao ser despertado por uma representação feminina “*os bustos pintados na parede*”, Bento escolhe narrar sua trajetória com Capitu, não afastando algum tom de melancolia, nostalgia e de sofrimento. Escrever sobre sua história seria um modo de revivê-la, visto que foi seu maior feito. Contudo, a lembrança de Capitu lhe traz angústias assombrosas – “*Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras ...*”. As “sombras” que ele considera ter vivido ao longo de sua vida com Capitu lhe perseguem e a escrita poderia ser em suas mãos um meio compensatório de se tornar com maior importância nesta história.

A narrativa sobre Capitu tem início com a denúncia feita por José Dias a Dona Glória, quando sugere que Bentinho e Capitu podem estar de namoros, visto que estão sempre juntos e pelos cantos. E nesta descrição refere-se a Capitu como “*A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê*” (ASSIS: 2018, p. 52). A menina, desde pequena, é vista como alguém detentora de comportamento inadequado - não bem detalhado, mas sugestivo de que pode ser responsável em desviar os caminhos de Bentinho. Capitu, como dito, é denunciada como um perigo ao redor.

Por outro lado, Bentinho é apresentado como medroso e protegido por sua mãe, no episódio em que narra ter medo de montar a cavalo.

Também não me esqueceu o que ele me fez uma tarde. Posto que nascido na roça (donde vim com dois anos) e apesar dos costumes do tempo, eu não sabia montar, e tinha medo ao cavalo. Tio Cosme pegou em mim e escanchou-me em cima da besta. Quando me vi no alto (tinha nove anos), sozinho e desamparado, o chão lá embaixo, entrei a gritar desesperadamente: “Mamãe! Mamãe!” Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:

- Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa?

- Não está acostumado.

- Deve acostumar-se. Padre que seja, se for vigário na roça, é preciso que monte a cavalo; e, aqui mesmo, ainda não sendo padre, se quiser florear como os outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, mana Glória.

- Pois que se queixe; tenho medo.

- Medo! Ora, medo!

A verdade é que eu só vim a aprender equitação mais tarde, menos por gosto que por vergonha de dizer que não sabia montar. (ASSIS: 2018, p. 57).

Nesta passagem, infere-se que Bentinho não apresenta comportamentos esperados ao domínio e ao poder masculino. Isso devido à expressão de surpresa apontada por seu tio quando descobre que o menino, naquela idade, ainda não sabe montar e que tem medo. Portanto, Bentinho é iniciado na narrativa como um arquétipo frágil, comparando-se ao que se espera de um homem.

Bentinho se apresenta com certas fragilidades em diversos momentos da narrativa, como no trecho em que ele conta a Capitu sobre a possibilidade de ir para o seminário, em que presenciamos mais uma vez sua insegurança e impotência, principalmente em relação às atitudes daquela moça.

[...] Capitu não parecia crer nem descreer, não parecia sequer ouvir, era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincava comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas:

- Beata! Carola! Papa-missas!

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão. É verdade que também gostava de mim, e naturalmente mais, ou melhor, ou de outra maneira, coisa bastante a explicar o despeito que lhe trazia a ameaça da separação; mas os impropérios, como entender que lhe chamasse de nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos, que eram os seus? Que ela também ia à missa, e três ou quatro vezes minha mãe é que a levou, na nossa velha sege. Também lhe dera um rosário, uma cruz de ouro e um livro de *Horas*... Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida pelos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... Eu, assustado, não sabia que fizesse; repetia os juramentos, prometia ir naquela mesma noite declarar em casa que, por nada neste mundo, entraria no seminário (ASSIS: 2018, p. 75).

Como visto, Bentinho se mostra atordoado diante da atitude de Capitu, não tem ação que acompanhe sua reação. Mostra-se amedrontado e assustado com a capacidade vigorante de sua amiga. Fica incrédulo que ela tenha tamanha desenvoltura. Esse comportamento vindo de uma mulher não é o esperado; ao contrário, ele, a todo tempo, espera que ela volte a calma e a reflexão. Neste sentido

Como vê, Capitu, aos quatorze anos, tinha já ideias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Supõe uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para Europa, Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no paquete e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera. Tal era a feição do caráter da minha amiga; pelo que não admira que, combatendo os meus projetos de resistência franca fosse antes pelos meios brandos, pela ação do empenho, da palavra, da persuasão lenta e diuturna, e examinasse antes as pessoas com quem podíamos contar. (ASSIS: 2018, p.77-78).

Bentinho descreve Capitu com personalidade calculista e manipuladora, de modo a conquistar seus interesses de maneira gradual. Contudo, de acordo com Beauvoir “O pensamento e a ação têm suas raízes no falo; por não possuir falo, a mulher não tem direito nem a um nem a outra; pode desempenhar o papel de homem, e até brilhantemente, mas seu desempenho é falso” (BEAUVOIR: 2016, p.291). Desse modo, o comportamento de Capitu demonstra estranheza porque não é característico de uma mulher, mas de um homem.

Ainda, nos dizeres de José Dias, “A gente Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o Diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.” (ASSIS: 2018, p.85). Isso remete a personagem a um arquétipo de perigosa, esperta, sedutora, dissimulada, ardilosa, entre outros. Neste sentido, o poder de Capitu transcende a todos ao seu redor, o que é perfeitamente incomodativo, ainda mais para quem não a tem em suas mãos.

Dentre todas as características apontadas à personagem, a sedução é a que mais lhe representa. Assim, tem-se por definição deste termo *persuadir de modo astucioso; atrair de modo irresistível, fascinar; cativar; deslumbrar [...]*.⁵

⁵ Dicionário Porto Editora. Disponível em: www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/seduzir.

Com efeito, Baudrillard afirma que a sedução é o maior poder que existe e que pertence ao feminino, já que para este não é tão simples mostrar o que de fato é real para si. O feminino não é a vítima estigmatizada pelos anos históricos, é o transformador da opressão, a arte de seduzir. Assim, o masculino é o recalque da sedução feminina, e, portanto, usa do poder sexual e político sobre as mulheres. (BAUDRILLARD: 1992, p.11). Neste contexto,

O feminino está em outro lugar, sempre esteve em outro lugar: é esse o segredo do seu poder. Assim como se diz que uma coisa dura porque sua existência é inadequada a sua essência, é preciso dizer que o feminino seduz porque nunca está onde pensa estar. Portanto está muito menos nessa história de sofrimento e de opressão que lhe é imputada – o calvário histórico das mulheres (sua astúcia está em dissimular-se nele). Ele só assume a forma de servidão nessa estrutura que o determina e recalca ainda mais dramaticamente – mas por meio de que aberração cúmplice (de que senão justamente do masculino?) querem nos fazer crer que essa é a história do feminino? O recalque já está aí por inteiro, na narrativa da miséria sexual e política das mulheres, excluindo-se qualquer outro modo de poder e de soberania. (BAUDRILLARD: 1992, p.11).

Para o autor, o lugar em que o feminino está não é acessado diretamente e esse é seu maior poder. O feminino seduz porque não é o que simplesmente parece ser, portanto, isso seria sua grande força, aquela capaz de conquistar o que se deseja, utilizando-se de artifícios que resultam em sedução. Por conseguinte, Bentinho não mede esforços para demonstrar o potencial feminino e particular de Capitu. A sua visão de Capitu, de um ser peculiar, intensifica o poder feminino da sedução; que é um ou o maior desafio masculino, já que sua força está em sublimar a realidade.

Não obstante, no percurso patriarcal, o masculino foi construído para dominar, portanto, o contrário, quando a mulher mostra um poder maior, o coloca em uma posição medíocre, fraca, em que suas estruturas, sejam interessantes ou não, deixam de ser significantes.

Bentinho reconhecia em Capitu tamanha grandeza, detalhava suas características com um peso nas qualidades, a considerava como uma mulher especial, uma criatura peculiar, que o intrigava ao ponto de se reconhecer inferior a ela. *Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem.* (ASSIS: 2018, p. 94). “Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se podia dizer que conferia, rotulava e pensava na memória a minha exposição. Esta imagem é porventura melhor que a outra, mas a ótima delas é nenhuma”. (ASSIS: 2018, p.94).

Conforme o narrador, Capitu era dotada de qualidades elevadas: corajosa, astuta, admirável e curiosa. Ele somatiza esses predicados de modo a colocá-los superiores às suas, como exposto no trecho que segue.

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio, onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. Se não estudou latim com o padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de menina. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber (ASSIS: 2018, p.94-95).

Nesta passagem, ele deixa claro o quanto Capitu demonstrava interesse pelo que não sabia, e, por isso, poderia aprender diversas coisas, como o que não aprendera no colégio, procurava aprender fora dele. Bentinho fala também sobre um lado ousado e subversivo da menina, quando a esta foi negado ter aulas de latim porque, conforme o padre, não era para meninas, mas Capitu não se mostrava satisfeita ou conformada com esse argumento, o que a fez aumentar sua curiosidade.

Adiante, Baudrillard nos ensina que toda grande força é de fato uma fraqueza e que a construção masculina da astúcia, do domínio e da coragem é, na verdade, uma muralha construída para proteger a fragilidade natural do homem. Destarte, o homem é residual, pois é a mulher quem lidera os artifícios da vida, ainda que pelo manifesto da sedução. Portanto, em Bentinho, a fortaleza fálica já se mostra comprometida perante a magnitude de Capitu. “[...] o masculino sempre foi apenas residual, uma formação secundária e frágil que é preciso defender à força de supressões, de instituições e de artifícios. A fortaleza fálica de fato apresenta todos os signos da fortaleza, ou seja, da fraqueza”. (BAUDRILLARD: 1992, p. 21). Esse rompimento do domínio masculino pelo feminino reconhecidamente pelo narrador, o torna ainda mais frágil do que apenas vivenciar um poder simbólico.

Nesta narrativa, o feminino é cheio de vida, gosta de aprender e de enfrentar desafios, é mais autônomo do que a sociedade da época lhe permitia, e, por isso, era muito fácil se tornar alvo de críticas e julgamentos. Capitu era uma mulher com força atemporal, tentando mostrar suas capacidades, ainda que suas escolhas fossem limitadas. Portanto, utilizava-se da linguagem, persuasão e estratégias para dominar aqueles aos quais poderiam lhe ser úteis.

Pelo contexto de sua época, as opções eram poucas, e a mais valorizada era a do casamento e formação de uma família, sendo assim, destinou sua vitalidade a Bentinho, visto que este já era próximo, amigo e de boa família, era um homem branco e rico - e isso o colocava no topo da sociedade. Não fez questão de conhecer outros rapazes, mas de dominar para si aquele que já estava ali. Fê-lo com maestria, não porque o objeto merecia tanto, mas para provar a si mesma o ápice de suas capacidades.

Adiante, Bentinho fala sobre o enigma dos olhos de Capitu,

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. [...]. (ASSIS: 2018, p.98).

Bentinho percebia em Capitu, cada vez mais, uma força enigmática que o atraía de tal modo que não conseguia controlar, como “uma força que o arrastava para dentro”, podendo ela ser comparada ao arquétipo da feiticeira/bruxa que tinha o poder de controlá-lo de todos os modos possíveis. Ele não podia conter esse domínio, essa sedução, portanto, tornou-se prisioneiro de seus encantos. A mulher *bruxa* é constantemente desejada, mas também causa medo, pois é ela que tem maior controle, e, por isso, não raras vezes, é a mais censurada.

Capitu não é a primeira mulher subjugada por seus poderes e encantos, o arquétipo da mulher bruxa foi criado e fortalecido na Idade Média no regime inquisitorial, que por meio dos “símbolos de Cristo e da Igreja formaram progressivamente os símbolos do demônio e de suas bruxas.” (BYINGTON: 2020, p.48). Neste momento, mulheres que eram curandeiras - que possuíam domínio de ervas medicinais para a cura de enfermidades, ou que não seguiam à risca normas sociais da época - como se comportar de maneira recatada, obedecer aos pais e ao marido, as que eram mentalmente insanas ou perturbadas, eram julgadas como hereges e pecadoras e, portanto, alvos dos inquisidores - acusadas de feitiçaria ou bruxaria e, assim, assassinadas.

Essa construção religiosa e cultural foi responsável pelo fortalecimento da misoginia e pela morte de muitas mulheres nesse período, principalmente devido a publicação do documento *Malleus Maleficarum* - em 1487, escrito por Sprenger e

Kramer, que pode ser traduzido como “Martelo das Bruxas” ou “Martelo das Feiticeiras”, um manual utilizado pelo tribunal da Santa Inquisição no final do século XV justamente para identificar as mulheres que passaram a ser vistas como uma ameaça à igreja medieval. Esse livro descreve como identificar, julgar e punir uma bruxa; bem como reforçou a misoginia em torno da sexualidade feminina devido aos exames ou torturas sexuais aos quais as supostas bruxas eram submetidas.

De acordo com Byington (2020), ainda que a bula papal que nomeou Sprenger e Kramer como inquisidores contra a bruxaria, o *Malleus* é dirigido principalmente às bruxas. Seu texto é alimentado pelo ódio à mulher, pela misoginia, em função da qual são atribuídas a ela características desabonadoras, interpretadas com conotações machistas, as mais pejorativas, na primeira parte do livro, para justificar as práticas terríveis prescritas na terceira parte, que descrevia as punições,

A razão natural para isto é que ela é mais carnal que o homem, como fica claro pelas inúmeras abominações carnis que pratica. Deve-se notar que houve um defeito na fabricação da primeira mulher, pois ela foi formada por uma costela de peito de homem, que é torta. Devido a esse defeito, ela é um animal imperfeito que engana sempre. (*Malleus maleficarum*, primeira parte, questão VI). (BYINGTON: 2020, p.52.).

No imaginário cultural, “a bruxa passava então a carregar a projeção da sombra da mãe terrível filicida e da mulher adulta reprimida, cuja sexualidade adquiria, por isso, poderes de sedução fantásticos.” (BYINGTON: 2020, p.54).

A tamanha força colocada sobre a mulher bruxa é ilustrada no *Malleus*, como o fato de o poder atribuído às acusadas e a culpa persecutória dos juízes serem de tal ordem, que elas deveriam ser apanhadas em redes a fim de que seus pés não tocassem o chão para provocar relâmpagos; deveriam também entrar na sala de acusação de costas, pois seu mero olhar seria capaz de controlar o raciocínio dos juízes e determinar sua liberdade. (*Malleus maleficarum*, terceira parte, questão XV). (BYINGTON: 2020, p.55). A força do olhar enfeitiçador é trazida por Bentinho ao se referir a Capitu.

[...] dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro [...]. (ASSIS: 2018, p.98).

No século XIX, a filósofa Simone de Beauvoir afirma que a mulher, para o homem, é um desafio a ser superado, comparando-a a elementos da natureza, os quais os homens são instigados a dominar. A autora traz às claras a inquietude do masculino frente a uma mulher possivelmente inalcançável.

Para o marinheiro, o mar é uma mulher perigosa, pérfida, difícil de conquistar mas que ele ama através de seu esforço para domá-la. Orgulhosa, rebelde, virginal e má, a montanha é uma mulher para o alpinista que quer violar ainda que correndo perigo de morrer. Afirma-se, muitas vezes, que essas comparações são manifestações de uma sublimação sexual; elas exprimem antes uma afinidade tão original entre a mulher e os elementos quanto a própria sexualidade. O homem espera da posse da mulher mais do que a simples satisfação de um instinto; ela é o objeto privilegiado através do qual ele domina a Natureza (BEAUVOIR: 2016, p.219).

A montanha, o mar e a mulher trazem ao homem o desejo de conquista porque nenhum deles é previsível ou de fácil acesso. Todos eles têm perigos obscuros, e, nessa tentativa de descobri-los, é que os homens sentem o vigor masculino, quando apenas o domínio é significativo. *A mulher perigosa, pérfida, difícil de conquistar* - torna-se para o homem uma obsessão, em que são projetadas as conquistas sobre os elementos da natureza - ou sobre o domínio desta, ainda mais quando se trata de um terreno virginal. Para Bentinho, Capitu representa esse modelo feminino - quando o enigma que ela transmite o fascina, mesmo trazendo sutilezas de perigo. Não obstante, Baudrillard afirma que “Na sedução, o feminino não é um termo marcado nem não-marcado. Tampouco recobre uma ‘autonomia’ de desejo ou de gozo, uma autonomia de corpo, de fala ou de escrita que teria perdido (?); não reivindica sua verdade, ele seduz”. (BAUDRILLARD: 1992, p.12).

A sedução, conforme o autor, é o maior poder existente, mas não pertence a todos, e sim ao feminino. Aquela que o tem é capaz de conquistar grandes triunfos, de um modo, aos olhos alheios, desleal. Ela enfraquece o seu opositor de tal modo a conseguir deixá-lo impotente, assim como Bentinho se sente diante de Capitu.

Quando Pádua, vindo pelo interior, entrou na sala de visitas, Capitu, em pé, de costas para mim, inclinada sobre a costura, como a recolhê-la, perguntava em voz alta:

- Mas, Bentinho, que é protonotário apostólico?
- Ora, vivam! – exclamou o pai.
- Que susto, meu Deus!

Agora é que o lance é o mesmo; mas se conto aqui, tais quais, os lances de há quarenta anos, é para mostrar que Capitu não se dominava só em presença da mãe; o pai não lhe meteu mais medo. No meio de uma situação que me atava a língua, usava da palavra com a maior ingenuidade deste mundo. A minha

persuasão é que o coração não lhe batia mais nem menos. Alegou susto e deu à cara um ar meio enfiado; mas eu, que sabia tudo, vi que era mentira e fiquei com inveja. Foi logo falar ao pai, que apertou minha mão, e quis saber por que a filha falava em protonotário apostólico. Capitu repetiu-lhe o que ouvira de mim, e opinou logo que o pai devia ir cumprimentar o padre em casa dele; ela iria à minha. E, coligindo os petrechos da costura, enfiou pelo corredor, bradando infantilmente:

- Mamãe, jantar, papai chegou! (ASSIS:2018, p.108).

A todo tempo Bentinho narra Capitu como uma mulher capaz de lidar com diversas situações, que se sobressai de modo invejável, mesmo que um tanto frio e calculista. E, neste ínterim, ele coloca-se no papel de espectador, observando todos os movimentos de sua amiga, comparando-se a ela e confessando seus sentimentos de inveja.

[...] No meio de uma situação que me atava a língua, usava da palavra com a maior ingenuidade deste mundo. A minha persuasão é que o coração não lhe batia mais nem menos. Alegou susto e deu à cara um ar meio enfiado; mas eu, que sabia tudo, vi que era mentira e fiquei com inveja. [...]. (ASSIS: 2018, p.108).

Capitu, ainda menina, já era indomável - como observa Bentinho no trecho acima e isso o fascinava, como afirma na passagem a seguir: “[...] mas se conto aqui, tais quais, os lances de há quarenta anos, é para mostrar que Capitu não se dominava só em presença da mãe; o pai não lhe meteu mais medo [...]”. (ASSIS: 2018, p.108). Portanto, ela era a montanha a ser desbravada por ele, como dito na teoria de Beauvoir (2016).

Os perigos ocultos de Capitu deslumbram Bentinho. Sua amiga e amada sempre foi, para ele, capaz de dissimular e de se mostrar competente para o lado travesso. Essa descrição percorre em vários trechos de sua narração, tais como em: “Capitu olhou para mim, mas de um modo que me fez lembrar a definição de José Dias, oblíquo e dissimulado; levantou o olhar, sem levantar os olhos. [...]” (ASSIS: 2028, p.117).

Bentinho reconhece a si e suas fraquezas, e, ao mesmo tempo, encanta-se com a incógnita que é Capitu, o que nas palavras de Baudrillard (1992), o feminino é indistinção tanto do superficial quanto da profundidade, é marcado pelo que não é traduzido, o que não é solucionável,

Não é exatamente o feminino como superfície que se opõe ao masculino como profundidade; é o feminino como indistinção da superfície e da profundidade. Ou como indiferença entre o autêntico e o artificial. [...]
Isso só pode ser dito do feminino. O masculino conhece uma discriminação segura e um absoluto critério de veracidade. O masculino é certo, o feminino é insolúvel (BAUDRILLARD: 1992, p. 16)

Entretanto, o masculino é marcado pela veracidade, pelas certezas, pela detenção do absoluto enquanto o feminino está subjacente. No diálogo abaixo, Bentinho tenta intimidar Capitu sobre sua possível carreira de padre, quando mais uma vez, é surpreendido por ela.

[...] Tive então uma ideia ruim; disse-lhe que, afinal de contas, a vida de padre não era má, e eu podia aceitá-la sem grande pena. Como desforço, era pueril; mas eu sentia a secreta esperança de vê-la atirar-se a mim lavada em lágrimas. Capitu limitou-se a arregalar muito os olhos, e acabou por dizer:

- Padre é bom, não há dúvida; melhor que padre só cônego, por causa das meias roxas. O roxo é cor muito bonita. Pensando bem, é melhor cônego.

- Mas não se pode ser cônego sem ser primeiramente padre – disse-lhe eu mordendo os beiços.

- Bem; comece pelas meias pretas, depois virão as roxas. O que eu não quero perder é sua missa nova; avise-me a tempo para fazer um vestido à moda, saia balão e babados grandes... Mas talvez nesse tempo a moda seja outra. A igreja há de ser grande, Carmo ou São Francisco.

- Ou Candelária.

- Candelária também. Qualquer serve, contanto que eu ouça a missa nova. Hei de fazer um figurão. Muita gente há de perguntar: “Quem é aquela moça faceira que ali está com um vestido tão bonito?” – “Aquele é Dona Capitolina, uma moça que morou na rua de Matacavalos...”

- Que morou? Você vai mudar-se?

- Quem sabe onde é que há de morar amanhã? – disse ela com um tom leve de melancolia; mas tornando logo ao sarcasmo. – E você no altar, metido na alva, com a capa de ouro por cima, cantando... *Pater noster*...

Ah! Como eu sinto não ser um poeta romântico para dizer que isto era um duelo de ironias! Contaria os meus botes e os dela, a graça de um e a prontidão de outro, e o sangue correndo, e o furor na alma, até o meu golpe final que foi este:

- Pois sim, Capitu, você ouvirá a minha missa nova, mas com uma condição.

Ao que ela respondeu:

- Vossa Reverendíssima pode falar.

- Promete uma coisa?

- Que é?

- Diga se promete.

- Não sabendo o que é, não prometo.

- A falar verdade são duas coisas – continuei eu – por haver-me acudido outra ideia.

- Duas? Diga quais são.

- A primeira é que só se há de confessar comigo, para eu lhe dar a penitência e a absolvição. A segunda é que...

- A primeira está prometida – disse ela vendo-me hesitar, e acrescentou que esperava a segunda.

Palavra que me custou, e antes não me chegasse a sair da boca; não ouviria o que ouvi, e não escreveria aqui uma coisa que vai talvez achar incrédulos.

- A segunda... sim... é que... Promete-me que seja eu o padre que case você?

- Que me case? – disse ela um tanto comovida.

Logo depois fez descair os lábios, e abanou a cabeça.

- Não, Bentinho – disse - , seria esperar muito tempo, você não vai virar padre amanhã e leva muitos anos... Olhe, prometo outra coisa; prometo que há de batizar o meu primeiro filho (ASSIS: 2018, p. 120).

Bentinho descreve Capitu com uma perspicácia emocional que a deixa sempre poderosa, de modo a instigar desafios perante os que estão ao seu lado. Ele a admira por

isso, mas sente-se fraco diante dela, pois não consegue atingi-la, não consegue dominá-la, por isso é a parte limitada dessa junção. Ele venera de Capitu porque ela é um ser à frente dele. Assim, além de constituir entusiasmo por ela, também busca superá-la, como um desafio de si mesmo cuja base de referência é sua amiga/amada.

A mediocridade masculina anseia por desafios os quais possam diminuí-la de modo a se sentirem potentes e conquistadores. Sem essas capacidades, os homens não sentem a força que se julgam detentores. E, quando percebem que não são aptos a construir esse legado, torna-se comum o uso de meios ardilosos e covardes em relação a seus ameaçadores. Portanto, em algum momento, Bentinho começaria a desconstruir a plenitude de Capitu.

Para tanto, inicia a narrativa de Escobar, um amigo que conheceu no seminário.

Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até o fundo do quintal. A alma da gente como sabes, é uma casa assim disposta, não raro com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro. Também as há fechadas e escuras, sem janelas ou com poucas e gradeadas, à semelhança de conventos e prisões. Outrossim, capelas e bazares, simples alpendres ou paços suntuosos. Não sei o que era a minha. Eu não era ainda casmurro, nem dom casmurro; o receio é que me tolhia a fraqueza, mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou, até que [...]. (ASSIS: 2018, p.135).

No trecho em que aborda sobre o início da amizade com Escobar, Bentinho faz uma reflexão sobre a “alma”, no sentido da disposição por deixar-se apreciar o desconhecido. Fala de como Escobar não tem ressalvas em entrar em um mundo diferente, quando este consegue, com facilidade, chegar e permanecer na intimidade de Bentinho, enquanto este ainda nem sabe ao certo como é o seu perfil a esse respeito, pois ao dizer a frase: “Não sei o que era a minha”, ao se referir a sua alma, não sabia se era fechada, escura ou aberta. Contudo, mostra o medo que tem de a fraqueza o impedir de realizações ao dizer: “o receio é que me tolhia a fraqueza, mas suas portas” - no sentido de se permitir aos feitos – ainda, “não tinham chaves nem fechaduras”, o que permitia a entrada - no caso de Escobar, ou metaforicamente de novas experiências. Neste momento, sua consciência clara era de que ainda não era “casmurro⁶” ou “Dom Casmurro”; sujeito fechado em si mesmo – no entanto, seu perfil era o de ser mais receptivo do que ativo.

⁶ Triste; aquele que está sempre macambúzio e fechado em si mesmo. Disponível em: [Casmurro - Dicio, Dicionário Online de Português](#).

Na sequência, em um diálogo com José Dias, quando este o visitou no seminário, Bentinho continuou a demonstrar sua incapacidade de lidar com a abrangência de Capitu.

- Capitu como vai?

[...]

- Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo, enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não – um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “Algum peralta da vizinhança”. Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu – e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível, mas certo. E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e [...] (ASSIS: 2018, p. 143).

Aqui, ele mostra sua insegurança ao expressar ciúmes exagerado pelo fato de Capitu ser uma menina alegre, feliz e segura. Isso não é aceitável a Bentinho, que se sente amedrontado e angustiado diante da postura de sua amada. Ele a tem como sua, e jamais poderia imaginá-la com outro moço, tem uma ideia de posse sobre a amada, tanto que foi incapaz de pensar que ela pudesse se afeiçoar a outro rapaz. Bentinho entra profundamente em um sentimento de amor, ciúmes e possessão, não suportando qualquer ideia de sua amada ter a possibilidade de substituí-lo por outro rapaz. Também apresenta um sentimento de desigualdade entre o seu sofrimento e as emoções descritas por José Dias a respeito de Capitu, pois enquanto ele chora todas as noites e sente muita falta da amada, esta, aparentemente, se encontra muito bem.

Na sequência, confessa claramente que Capitu jamais teria algo para se comprometer com ele, quando diz:

E... quê? Sabes o que é que trocariam mais; se o não achar, por ti mesmo, escusado é ler o resto do capítulo e do livro, não acharás mais nada, ainda que

eu o diga com todas as letras da etimologia. Mas se o achaste, compreenderás que eu, depois de estremeecer, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, descer o resto da ladeira, correr, chegar à casa Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos, quantos já lhe dera o peralta da vizinhança. Não fiz nada. Os mesmos sonhos que ora conto não tiveram, naqueles três ou quatro minutos, esta lógica de movimentos e pensamentos. Eram soltos, emendados e mal-emendados, com o desenho truncado e torto, uma confusão, um turbilhão, que me cegava e ensurdecia. [...]. (ASSIS: 2018, p. 143-144).

Nesta passagem, Bentinho afirma categoricamente que Capitu não traiu seus sentimentos por ele, que não se envolveu com outros rapazes. No entanto, seus pensamentos se apresentam confusos, como uma passagem delirante, cheia de dúvidas oscilando entre certezas sobre a postura de Capitu. Portanto, demonstra pouca capacidade de lidar com suas emoções a respeito da amada. Além disso, apresenta outra passagem em que demonstra claramente uma crise de ciúmes, e, conseqüentemente, mostra-se temeroso e com certa desconfiança de Capitu.

Assim se explicam a minha estada debaixo da janela de Capitu e a passagem de um cavaleiro, um dândi, como então dizíamos. Montava um belo cavalo alazão, firme na sela, rédea na mão esquerda, a direita à cinta, botas de verniz, figura e postura esbeltas: a cara não me era desconhecida. Tinham passado outros, e ainda outros viriam atrás; todos íam às suas namoradas.

[...]

Ora, o dândi do cavalo baio não passou como os outros; era a trombeta do juízo final e soou a tempo; assim faz o Destino, que é o seu próprio contrarregra. O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. A rigor, era natural admitir as belas figuras; mas aquele sujeito costumava passar ali, às tardes; morava no antigo Campo da Aclamação, e depois... E depois... Vão lá raciocinar com um coração de brasa, como era o meu! Nem disse nada a Capitu; saí da rua à pressa, enfiei pelo meu corredor e, quando dei por mim, estava na sala de visitas. (ASSIS: 2028, p.158-159).

Bentinho entra em desespero por acreditar em uma suposta traição de Capitu. Seus pensamentos se confundem com o medo advindo pela fala anterior de José Dias, sobre a possibilidade de ela se envolver com algum peralta da vizinhança. Isso porque “Um dos sonhos do homem é “marcar” a mulher de maneira a que pertença sua para sempre.” (BEAUVOIR: 2016, p. 227). Não conseguindo, seu ciúme ganha vida em seu interior, fazendo com que ela mude a sua postura, tenha pensamentos obsessivos e condene a amada a ponto de que eliminá-la. Do amor, passa-se ao ódio e ao desejo de vingança, como apresentado no momento seguinte.

Na sala de visitas, tio Cosme e José Dias conversavam, um sentado, outro andando e parando. A vista de José Dias lembrou-me o que ele me dissera no seminário: “Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança que case com ela...” Era certamente alusão ao cavaleiro. Tal recordação agravou a impressão que eu trazia da rua [...].

Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. Via-me já ordenado, diante dela, que choraria de arrependimento e me pediria perdão, mas eu, frio e sereno, não teria mais que desprezo, muito desprezo; voltava-lhe as costas. Chamava-lhe perversa. Duas vezes dei por mim mordendo os dentes, como se a tivesse entre elas.

Da cama ouvi a voz dela, que viera passar o resto da tarde com minha mãe, e naturalmente comigo, como das outras vezes, mas, por maior que fosse o abalo que me deu, não me fez sair do quarto. Capitu ria alto, falava alto, como se me avisasse; eu continuava surdo, a sós comigo e o meu desprezo. A vontade que me dava era crava-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com sangue [...]. (ASSIS: 2018, p.159-161).

O ciúme exagerado de Bentinho faz com que ele crie situações irreais, que o leva a culpar a amada. Neste sentido, a mulher, marcada pelo seduzir, torna-se facilmente culpada pelas suspeitas de traição criadas pelo homem. A partir do momento em que este a tem, seu desejo passa a ser possessivo ao ponto de jamais conseguir imaginar que a amada possa ser objeto de desejo alheio. E se ela o for, então a culpa é dela. Neste momento ela se torna indigna, desonesta, traidora e desvalorizada, como nas palavras de Beauvoir (2016, p.257), “Ela é infiel para além mesmo de seus desejos, seus pensamentos, sua consciência; pelo fato de ser encarada como objeto está entregue a toda subjetividade que resolve apossar-se dela;[...]” e, mesmo que esteja “encerrada no harém, escondida sob véus, nem assim se tem certeza de que não inspire desejos a ninguém: inspirar desejo a um estranho já é estar em falta com o esposo e com a sociedade.” (BEAUVOIR: 2016, p. 257).

Não obstante, ele continua a invejar a amada pelo seu comportamento cauteloso e poder de autocontrole. Reconhece nela uma maturidade emocional que ele ainda não conseguiu atingir, como aduz na passagem seguinte:

Nem sobressalto nem nada, nenhum ar de mistério da parte de Capitu; voltouse para mim e disse-me que lavasse lembranças a minha mãe e enfiou pelo corredor. Todas as minhas invejas foram com ela. Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não? (ASSIS: 2018, p.170).

O narrador expressa claramente uma comparação de Capitu a si, valorizando-a e menosprezando-se. O que ele encontra em Capitu são virtudes que ele gostaria de ter, mas não as têm. Reconhece isso muito bem e exprime momentos de suposições negativas em

sua vida. Mais uma vez, ele atribui características elevadas da amada, principalmente em relação a si mesmo.

Na sequência é apresentado um momento metafórico que indica uma profecia na vida de Bentinho, que se coloca esperançoso ao seu novo ciclo, o início de sua profissão e o seu casamento com Capitu.

No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz”.

- E por que não seria feliz? - Perguntou José Dias, endireitando o tronco e fitando-me.
- Você ouviu? - perguntei eu erguendo-me também, espantado.
- Ouviu o quê?
- Ouviu uma voz que dizia que eu serei feliz?
- É boa! Você mesmo é que está dizendo...

Ainda agora sou capaz de jurar que a voz era da fada; naturalmente as fadas, expulsas dos contos e dos versos, meteram-se no coração da gente e falam de dentro para fora. Esta, prima das feiticeiras da Escócia: “Tu serás rei, Macbeth!” “Tu serás feliz Bentinho!” Ao cabo é a mesma predição, pela mesma toada universal e eterna. [...]. (ASSIS: 2018, p. 190-191).

Aqui o narrador traz uma ironia, pois na peça *Macbeth*, de William Shakespeare, três bruxas predizem que Macbeth será rei, e Macbeth, depois de vários crimes, torna-se rei. Mas a coroa lhe traz remorso e desgraça. Desta forma, Bentinho associa a suposta voz da fada ao mesmo predizer das bruxas de *Macbeth*, presumindo, assim, que sua felicidade seria responsável pela sua derrota na vida. Essa derrota seria causada pelo seu maior desejo, Capitu.

E, no momento do funeral de Escobar, que morreu ainda jovem, Bentinho acredita perceber sentimentos diferentes em Capitu, como relata abaixo.

[...] Capitu olhou alguns instantes para o cadáver, tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou as carícias para a amiga, e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã. (ASSIS: 2018, p. 220-221).

Esta cena mostra mais um episódio de ciúme de Bentinho com Capitu. Aos olhos dele, Capitu sentia demasiado a morte do amigo Escobar. Motivo para o qual colocasse em seus pensamentos a infidelidade da sua mulher. Ademais, dali em diante, passou a

acreditar que seu filho estaria muito mais parecido com Escobar, tanto no aspecto físico quanto nos modos, e com isso, concluiu pela traição de ambos, como mencionado nos relatos seguintes.

Era depois do jantar; estávamos ainda à mesa, Capitu brincava com o filho, ou ele com ela, ou um com outro, porque, em verdade, queriam-se muito, mas é também certo que ele me queria ainda mais a mim. Aproximei-me de Ezequiel, achei que Capitu tinha razão, eram os olhos de Escobar, mas não me pareciam esquisitos por isso. [...]. (ASSIS:2018, p.227)

Para Bentinho, Ezequiel é filho de Escobar, o que o faz concretizar a ideia de traição de Capitu com seu amigo. A partir disso, ele não consegue mais conviver com sua amada e manda-a para outro país com a criança. Apesar da negação de Capitu sobre tais alegações, Bentinho se mostra perverso, cruel e vingativo. Contudo, essa desconfiança sobre a honestidade de Capitu não surgiu com a entrada de Escobar, ela já estava enraizada no narrador, era parte dele desde que a conheceu quando menino, como já mostrado em momentos anteriores e também na passagem abaixo.

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros ciúmes, dir-me-ia, como no seu capítulo IX, versículo 1: “Não tenhas ciúmes de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti”. Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS: 2018, p.245-246).

Claramente o narrador enaltece a figura feminina em seus maiores perigos. A figura da mulher sedutora, enigmática e inacessível de algum modo, é fruto da sua valorização, pois, conforme Beauvoir (2016), para o homem a mulher deve ter um lado perverso, maligno, deve ser enganadora, incompreendida, dentre outros adjetivos maliciosos, pois isso o encanta, desperta-o ao desafio de dominá-la, assim como Bentinho reafirma no trecho acima.

“Uma mulher deve ter caprichos”, dizia com autoridade um homem a uma mulher bem-comportada. O capricho é imprevisível, empresta à mulher a graça da água ondulante; a mentira enfeita-a com reflexões fascinantes; o coquetismo, a perversidade dão-lhe um perfume capitoso. Enganadora, esquiva, incompreendida, dúplice, assim é que ela se presta aos desejos contraditórios do homem [...].” (BEAUVOIR: 2016, p. 262).

Porém, esse valor atribuído ao feminino pode causar inveja, medo e desejo de destruição, posto que ele pertence ao outro e não a si mesmo. Sabendo de toda essa potência feminina, Bentinho sente-se fraco e dominado pelo sentimento da mediocridade e da consciência de que jamais poderia alcançar o poder de Capitu, torna-se, então, mesmo de modo indesejável, um rival da amada. Para isso, usa de seu poder financeiro, visto que na sociedade do século XIX, as mulheres raramente participavam da produção econômica ou acadêmica, tendo como melhor opção a dependência de um ser masculino e como símbolo de sucesso o casamento e a família. Com efeito, o maior poder de Bentinho era o de exportar a sua mulher, colocando-a distante e nunca mais a vendo, para não mais sentir sua força e magnitude.

2. A MULHER SOB A PERSPECTIVA DE SIMONE DE BEAUVOIR

Orgulho e preconceito, O morro dos ventos uivantes, Villette e Middlemarch foram escritos por mulheres às quais estava obrigatoriamente vedada qualquer experiência além da que tinham numa sala de estar de classe média. Não lhes era possível nenhuma experiência pessoal da guerra, da política, dos negócios ou da vida no mar. Mesmo a vida emocional delas era estritamente regulada pela lei e pelos costumes. Quando George Eliot se arriscou a viver com o sr. Lewes sem ser casada com ele, a opinião pública ficou escandalizada. Sob tal pressão, ela se recolheu a um isolamento suburbano que teve, inevitavelmente os piores efeitos possíveis sobre sua obra. Segundo o que escreveu, não convidava ninguém para sua casa e só via as pessoas quando elas tinham a iniciativa própria de pedir licença para visita-la. Na mesma época, no outro extremo da Europa, Tolstói levava uma vida livre de soldado, como homens e mulheres de todas as classes, coisa pela qual ninguém o censurava e que instilou em seus romances grande parte de seu incrível vigor e amplitude.

VIRGINIA WOOLF

A construção dos sujeitos sempre foi determinada, em maior parte, por um meio social, um contexto histórico e político. Contudo, para garantir os privilégios e liberdades masculinas, foi preciso condicionar as mulheres a papéis de sujeição e de dependência, com o mínimo de liberdade possível. Desse modo, a situação feminina foi determinada pelo poder masculino e a elas foi atribuído o lado passivo da história. Elas foram direcionadas à obediência, ao trabalho de cuidado e não econômico, à servidão e não a voz ativa, à repressão sexual, à vida privada e não pública, ao tédio e não às aventuras. E a eles o mundo foi dado e distribuído para todos os seus prazeres, como se legítimo fosse.

Com efeito, o enraizamento da ideia de necessidade feminina sobre a masculina tem perdurado por séculos até os dias atuais, mesmo com diversas conquistas no campo do direito, da política, da academia, da moral e dos costumes. A mulher ainda é um objeto de domínio dos homens, o que as limita em conquistar seu verdadeiro eu, sua verdadeira independência, sua verdadeira liberdade. E assim, no século XIX, a filósofa Simone de Beauvoir detalha em profundidade a situação da mulher a partir de dados da biologia, do ponto de vista psicanalítico, do ponto de vista do materialismo histórico, dos diversos contextos históricos, dos mitos, da vida íntima das mulheres - relacionados ao domínio e

poder masculino, que definem os rumos sociais, e, portanto, concluiu ser a mulher *O Outro*.

2.1 A mulher é o *Outro* em “Segundo Sexo”: teoria de Simone de Beauvoir

Existem papéis que foram construídos socialmente quanto aos gêneros. Mulheres e homens foram condicionados a modos muito antes estabelecidos. E, diante desse fenômeno, a mulher é o “Outro”, é a que se submete, é a passiva, a cuidadora, a que tem menos voz e menos domínio sobre sua condição.

O conhecimento de que homens dominam a sociedade é geral. E isto é, de algum modo, naturalizado, e nem sempre discutido ou questionado. Surge muito mais como um *dever ser*, uma lei imanente. As mulheres costumam seguir caminhos muito bem definidos e limitados, sem escolhas realmente individuais. Enquanto isso, ao homem é dado o papel de força e de destaque. Neste sentido, Beauvoir (2016) afirma que a mulher permaneceu enraizada mais tempo à natureza do que o homem e que isto foi a sua fraqueza e também o seu prestígio, como dito a seguir,

A desvalorização da mulher representa uma etapa necessária na história da humanidade, porque não era de seu valor positivo, mas de sua fraqueza que ela tirava seu prestígio; nela encarnaram-se os inquietantes mistérios naturais: o homem escapa de seu domínio quando se liberta da natureza. Foi a passagem da pedra ao bronze que lhe permitiu realizar, com seu trabalho, a conquista do solo e de si próprio (BEAUVOIR: 2016, p.110)

Historicamente, mulheres e homens foram condicionados a funções biológicas, em que elas ficaram a cargo dos afazeres domésticos primordialmente devido à maternidade e menor força física, enquanto isso, o trabalho externo de enfrentamento aos desafios da natureza pertenceu aos homens, visto o condicionamento físico e a pouca utilidade na manutenção de vida dos bebês, que dependiam exclusivamente do leite materno para a sobrevivência. Neste ínterim, os homens não aprenderam apenas a dominar a natureza, mas também a transformá-la, e isso foi crucial para a construção da independência e dominação masculina. Por outro lado, as mulheres lidavam com o trabalho repetitivo, apenas para a manutenção da sobrevivência.

Portanto, “[...] o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos.” (BEAUVOIR: 2016,

p.112). A partir de então, a construção do sujeito feminino torna-se condicionada a uma necessidade social, prolongada durante séculos como meio injustificado de limitação às mulheres e suas capacidades. Um arquétipo feminino foi criado, de modo a excluir qualquer outro, tornando-se a verdade entre os humanos, com uma força resistente e capaz de invisibilizar a humanidade feminina.

Neste sentido, foi “Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino” (BEAUVOIR: 2016, p.112).

Ela não escolhe o seu destino, pois não consegue se ver livre aos “olhos” e comandos masculinos. O domínio patriarcal limitou a valorização do papel feminino aos cuidados com a família e trabalhos domésticos, sendo estes os mais importantes na vida de qualquer mulher, ao custo de qualquer sentimento diverso. Portanto, não podemos dizer que as mulheres foram livres para escolher suas atribuições na vida, visto que qualquer escolha diversa a essa só pode ocorrer com muita resistência e, na maioria das vezes, luta, enfrentamento de toda uma sociedade presa a convenções dominantes.

Isso porque, “São eles que decidem se as divindades supremas devem ser femininas ou masculinas. O lugar da mulher na sociedade sempre é estabelecido por eles. Em nenhuma época ela impôs sua própria lei.” (BEAUVOIR: 2016, p.112-113).

Deuses, leis, trabalho, filhos, comportamentos – todos escolhidos pelos homens em detrimento das mulheres, cujo domínio nunca foi de fato delas. E isso não apenas proporcionou poder e privilégio aos homens, mas foi responsável pela crença de que as mulheres são seres incapazes de realizar atividades valorativas na sociedade. O que as direciona a repetir o discurso dominante e a valorizar as atividades masculinas ou apenas a existência deles, ao contrário, também desvalorizando a si e suas companheiras. O homem tornou-se então o centro do mundo - construindo o fenômeno do androcentrismo, não pelas suas capacidades de benefícios à sociedade, mas pelo medo da expansão feminina e, conseqüentemente, a destruição da possibilidade dessa expansão.

Por outro lado, não basta dizer que apenas as justificativas biológicas foram responsáveis por inferiorizar as mulheres ao longo dos séculos, mas a exclusão do mundo do trabalho, em que foram submetidas, impossibilitou a elas buscarem maiores liberdades, como afirma a autora,

Não basta dizer que a invenção do bronze e do ferro modificou profundamente o equilíbrio das forças produtoras e que com isso se verificou a inferioridade da mulher; essa inferioridade não é suficiente em si para explicar a opressão

que suportou. O que lhe foi nefasto foi o fato de que, não se tornando um companheiro de trabalho para o operário, ela se viu excluída do *mitsein* humano (BEAUVOIR:2016, p.113).

Para a filósofa Hannah Arendt, a sujeição era considerada uma necessidade para os antigos, como meio principal de garantir a liberdade do dominador.

Os antigos [...] achavam necessário ter escravos em virtude da natureza servil de todas as ocupações que fornecessem o necessário para a manutenção da vida. Era precisamente com base nisso que a instituição da escravidão era defendida e justificada. Trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem dominados pelas necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade dominando outros que eles, à força, sujeitavam a necessidade. (ARENDR: 2020, p.102-103).

E ainda, na Antiguidade, “Tudo o que os homens tinham em comum com as outras formas de vida animal não era considerado humano”. (ARENDR: 2020, p.103).

Destarte, o trabalho surge a partir de uma necessidade humana e sua maior parte existe para a manutenção da vida. Entretanto, a partir das descobertas de transformação da natureza, a valorização dos modos de trabalho se diferenciou, e, não obstante, os homens detiveram as ocupações de valor mais significativo socialmente. Ficaram a cargo das mulheres os trabalhos de suporte à estrutura masculina, impedindo àquelas de construir sua independência financeira e autonomia na vida.

Assim como na Antiguidade a desvalorização do trabalho foi usada como justificativa para a manutenção da escravidão e, claramente, só eram livres aqueles que não necessitavam laborar, a construção da ideia de que o papel da mulher tinha de ser voltado para o privado e não ao público, torna-se o seu aprisionamento, a sua escravidão. Ao mesmo tempo, concedendo ao masculino o poder e a liberdade de se beneficiar com as conquistas e prazeres sociais.

Toda essa construção passa por diversas e longas criações. As narrativas, as leis e as religiões dominaram esse cenário. De um lado, a força masculina, tanto física quanto institucional e simbólica, de outro, a fragilidade feminina, a limitação de escolhas e a submissão entendida como o ser mulher. Assim, a mulher é historicamente posicionada na condição de inimiga, como traz Beauvoir (2016),

Pôr o Outro é definir um maniqueísmo. Eis por que todas as religiões e os códigos tratam a mulher com tanta hostilidade. Na época em que o gênero

humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, o patriarcado se acha definitivamente estabelecido: são os homens que compõem os códigos. É natural que deem à mulher uma situação subordinada. Mas poderíamos imaginar que a considerassem com a mesma benevolência com que encaravam as reses e as crianças. Não é o que ocorre. Organizando a opressão da mulher, os legisladores têm medo dela. Das virtudes ambivalentes de que ela se revestia retém-se principalmente o aspecto nefasto: de sagrada, ela se torna impura. Eva entregue a Adão para ser sua companheira perde o gênero humano; quando querem vingar-se dos homens, os deuses pagãos inventam a mulher e é a primeira dessas criaturas, Pandora, que desencadeia todos os males de que sofre a humanidade. O Outro é a passividade diante da atividade, a diversidade que quebra a unidade, a matéria oposta à forma, a desordem que resiste à ordem. A mulher é, assim, votada ao Mal. “Há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”, diz Pitágoras. (BEAUVOIR: 2016, p.116).

Uma das teorias da imposição patriarcal sobre as mulheres é de que os homens têm medo destas, o medo da magnitude feminina, da força ambivalente. O medo do feminino pode ser o reflexo da insegurança masculina sobre suas fraquezas. Porém, esse medo tornou-se a ferramenta de impulsionamento da opressão das mulheres. Como exemplo, temos a figura do Bispo Hildeberto de Lavardin (1056-1133), conhecido por notória misoginia pois considerava a mulher o pior inimigo do homem:

A mulher, coisa frágil, inconstante a não ser no crime, não deixa nunca espontaneamente de ser nociva. A mulher, chama voraz, loucura extrema, inimiga íntima, aprende e ensina tudo o que pode prejudicar. A mulher, vil forum, coisa pública, nascida para enganar, pensa ter triunfado quando pode ser culpada. Consumindo tudo no vício, é consumida por todos; predadora dos homens, torna-se ela própria a presa. (DUBY; PERROT: 1993, p.38).

Não obstante, viveu maritalmente, foi polígamo e teve vários filhos. (DUBY; PERROT: 1993, p.38).

Desse modo, a mulher, historicamente desvalorizada, foi incorporada ao âmbito privado e à dependência masculina. As possibilidades de autonomia são negadas a ela. Assim, sua única referência capaz de lidar com assuntos públicos, como a economia, ciência e política é masculina. Elas foram construídas à margem, sem poder vislumbrar caminhos diferentes. E, por séculos, a maior expressão de poder feminina é um bom casamento e filhos saudáveis. Enquanto isso, a valorização social é construída em torno do homem, que é dono do poder real e simbólico.

Com o advento da propriedade privada, a história dos detentores de terras se confunde com estas e devem ser preservadas por suas futuras gerações, por isso, o aprisionamento da mulher para a garantia da reprodução da prole foi fundamental, além

disso, fortifica-se a virgindade como meio de assegurar a verdadeira paternidade dos filhos. Assim sendo,

Destronada pelo advento da propriedade privada, é a ela que o destino da mulher permanece ligado durante os séculos: em grande parte, sua história confunde-se com a história da herança. Compreenderemos a importância fundamental dessa instituição se lembrarmos o fato de que o proprietário aliena sua história na propriedade; a esta se apega mais do que à própria vida; ela ultrapassa os estreitos limites da vida temporal, subsiste além da destruição do corpo, encarnação terrestre e sensível da alma imortal. Mas essa sobrevivência só realiza-se a propriedade continua nas mãos do proprietário: ela só pode ser sua além da morte se pertencer a indivíduos em quem se prolongue e se reconheça, que são *seus*. Cultivar a propriedade paterna, render culto aos manes do pai é, para o herdeiro, uma só e mesma obrigação: ele assegura a sobrevivência dos antepassados na terra e no mundo subterrâneo. O homem não aceitará, portanto, partilhar com a mulher nem os seus bens nem os seus filhos. Não conseguirá impor totalmente, e para sempre, suas pretensões. Mas, no momento em que o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos sobre a detenção e a transmissão dos bens. Pareceria lógico, aliás, negar-lhes. Quando se admite que os filhos de uma mulher não são dela, passam eles a não ter nenhum laço com o grupo de origem da mulher. Pelo casamento, a mulher não é mais emprestada por um clã a outro; ela é radicalmente tirada do grupo em que nasceu e anexada ao esposo; ele compra-a como compra uma rês ou um escravo e impõe-lhe as divindades domésticas; e os filhos que ela engendra pertencem à família do esposo. Se ela fosse herdeira, transmitiria as riquezas da família paterna à do marido: excluem-na cuidadosamente da sucessão. Mas, inversamente, pelo fato de nada possuir, a mulher não é elevada à dignidade de pessoa; ela própria faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido. (BEAUVOIR: 2016, p.117-118).

Sem direitos econômicos, a mulher ficou vulnerável e subordinada ao masculino, reduzindo, assim, sua integridade humana. As formas de opressão à mulher a reduzem a incapacidades, pois impossibilitam-na ao desenvolvimento produtivo, fazendo-se crer em limitações naturais. Quando ela é tolhida na produção do seu sustento, também se torna incapaz de ter a liberdade de seu corpo. Conforme a autora supracitada, mesmo sem direitos à propriedade privada, é nesta que a mulher permanece por séculos, onde sua existência é alienada, retirando-a da liberdade e possibilidade da vida pública, para que pertença unicamente à propriedade do pai ou do marido.

As raízes históricas da opressão contra a mulher, em boa parte, foram fundamentadas em construções materiais e quando estas não foram mais possíveis, restou a desvalorização do sexo pelo sexo. Pois,

É no momento em que a mulher se acha mais emancipada, praticamente, que se proclama a inferioridade de seu sexo, o que constitui um notável exemplo do processo de justificação masculina de que falei: como não limitam mais seus direitos como filha, esposa, irmã, é como sexo que lhe recusam a

igualdade com o homem, pretextando, para dominá-la, “a imbecilidade, a fragilidade do sexo”. (BEAUVOIR: 2016, p. 132).

A subordinação feminina ao masculino é construída pelos maiores poderes sociais. São os poderes políticos, econômicos e religiosos, todos comandados por homens que trabalham para manter essa posição. Entretanto, mesmo quando a mulher consegue não depender totalmente de um homem, a desvalorização continua a persegui-la, minimizando seu gênero, limitando sua participação pública e violentando seu corpo, como se não houvesse lei que o protegesse.

São várias as instituições que seguem reduzindo o papel feminino na sociedade, como por exemplo, a religião, que é, talvez, a consciência mais próxima de um povo, capaz de direcionar a sociedade a um modo de pensar como produto da verdade. E ela coloca a mulher sempre em uma posição inferior, como coitada, benevolente, submissa ou má. Isso para justificar a maleficência do mito inicial de Lilith e Eva, a primeira, narrada no folclore hebreu que escolhe uma vida diferente da convivência com Adão, a segunda, uma personagem bíblica, que experimenta o proibido. Além de trazer um modelo exemplar, que é Maria, a virgem-mãe.

Diante das narrativas religiosas, a mulher é vista como perigosa, traidora, imoral e por isso deve ser punida, podada e vigiada aos olhos masculinos, que foram construídos referente a figura de Adão, aquele que foi vítima do feminino e representa o ideal humano. Assim, o masculino entende ser o responsável pela conduta feminina, dominando seus caminhos, prazeres e comportamentos. E, sendo essa mítica narrada de séculos em séculos, de países em países, cidades em cidades, bairros em bairros, tanto homens quanto mulheres tornam a acreditar fielmente que devem venerar essa conjectura. Com efeito, para a mulher é ofertado o papel secundário quanto ao protagonismo religioso, para que fique claro que seu lugar é o *Outro*. Assim,

A ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher. Há, talvez, no Evangelho um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres como aos leprosos; são os pequenos, os escravos e as mulheres, que se apegam mais apaixonadamente à nova lei. Logo no início do cristianismo, eram as mulheres, quando se submetiam ao julgo da Igreja, relativamente honradas; testemunharam como mártires ao lado dos homens; não podiam, entretanto, tomar parte no culto senão a título secundário; as “diaconiasas” só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indígenas. E se o casamento é encarado como uma instituição que exige fidelidade recíproca, parece evidente que a esposa deve ser totalmente subordinada ao esposo: com São Paulo afirma-se a tradição judaica ferozmente antifeminista. São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no

Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. (BEAUVOIR: 2016, p.134).

Todavia, as sociedades transformam-se e, para Simone de Beauvoir (2016: p.152), a partir do século XVIII, a liberdade e a independência da mulher aumentam. Contudo, os costumes permanecem severos: a jovem recebe pouca educação e tem apenas dois caminhos, o casamento ou o convento, ainda que não seja de sua vontade. A burguesia, classe em ascensão e cuja existência se consolida, impõe à pessoa uma moral rigorosa. Em compensação, a decomposição da nobreza outorga às mulheres as maiores licenças, e a alta burguesia, por sua vez, é contaminada por tais exemplos; nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher. No entanto, para a maioria delas essa liberdade permanece negativa e abstrata: elas se restringem a procurar o prazer. Mas as que são ambiciosas e inteligentes criam possibilidades de ação para si mesmas. A vida dos salões toma novo impulso. As mulheres constituem o público predileto do escritor. Interessam-se pessoalmente pela literatura, pela filosofia, pelas ciências.

Neste teor, afirma Garcia que,

Os últimos anos do século XVIII marcam a transição entre a Idade Moderna e a Contemporânea. As características desse período histórico são o desenvolvimento científico e técnico e seus fundamentos foram três: o racionalismo, o empirismo e o utilitarismo. Ao mundo que anunciavam teoricamente os filósofos se chegaria graças aos processos revolucionários. Por um lado, as revoluções políticas que derrubariam o Absolutismo e instaurariam a democracia e, por outro, a Revolução Industrial, que transformaria os meios tradicionais de produção. Neste espírito, Thomas Jefferson redige a Declaração de Independência dos Estados Unidos em 1776 e na França, em 1789, se proclama a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. (GARCIA: 2015, p. 39).

A partir de então, houve aumento da produtividade, mudança nas relações de trabalho, alterações no modo de vida e padrões de consumo da sociedade; alterou-se a relação entre o homem e a natureza, houve avanços em diversos campos do conhecimento, entre outras mudanças. Consequentemente, a mulher passou a ter novas oportunidades, principalmente com o crescimento industrial, que a possibilitou um novo paradigma, já que toda mão-de-obra tornou-se necessária, e, ademais, o trabalho da mulher era bem mais barato do que o do homem. Desse modo,

Como o súbito desenvolvimento da indústria exige uma mão de obra mais considerável do que a fornecida pelos trabalhadores masculinos, a colaboração da mulher é necessária. Essa é a grande revolução que, no século XIX,

transforma o destino da mulher e abre, para ela, uma nova era. (BEAUVOIR: 2016, p. 165).

Mesmo em condições precárias, a abertura das fábricas às mulheres permitiu a elas o início de uma mudança comportamental, considerando uma possibilidade de independência, e, conseqüentemente, a não escolha pelo casamento e filhos. Com efeito, algumas mulheres começaram a participar das lutas de classes, reivindicando melhores condições de trabalhos, o que entabula a busca por direitos negados por séculos a elas.

Para Engels, a sorte da mulher está estreitamente ligada à história da propriedade privada; ela perdeu o poder materno pelo patriarcado, que a escravizou ao patrimônio. No entanto, a revolução industrial é a contrapartida dessa decadência e resultará na emancipação feminina. Ou seja, a mulher só poderia ser emancipada com a possibilidade de independência pelo trabalho e não mais requisitada ao trabalho doméstico, a não ser de modo ínfimo. (BEAUVOIR:2016, p.166).

A partir dessas mudanças, às mulheres são trazidos outros grandes desafios. Nas fábricas ou em outros trabalhos, elas são menos respeitadas pela sua condição de mulher. São vistas apenas como suporte, enquanto o trabalho de fato é de responsabilidade do masculino. Portanto, os salários delas são menores e as oportunidades de crescimento profissional são restritas. Ela ainda é vista como sendo responsabilidade de algum homem, seja o pai ou o marido; ou tendo que priorizar os cuidados com a família, por isso, a vida profissional por si só lhe é negada diante da restrição de direitos e da imposição simbólica da fragilidade. Isso porque,

A homens e mulheres igualmente repugna submeterem-se às ordens de uma mulher, têm mais confiança no homem; ser mulher, se não chega a constituir uma tara, é pelo menos uma singularidade. Para realizar-se, a mulher precisa assegurar-se um apoio masculino. São os homens que ocupam os melhores lugares, que detêm os postos mais importantes (BEAUVOIR: 2016, p.194).

Destarte, a construção da independência feminina é marcada pelo ofuscamento da busca da verdadeira condição humana, diante dos entraves construídos pelos detentores do poder, com objetivo de controlar o outro e, assim, alimentar o seu poder de lugar no mundo. Mesmo que haja mudanças sociais consideradas favoráveis às mulheres, possibilitando-as de integrarem a si mesmas, as limitações continuam existindo à medida dessas transformações. Neste sentido, Simone de Beauvoir afirma que “Abrem-se as fábricas, os escritórios, as faculdades às mulheres, mas continua-se a considerar que o

casamento é para elas uma carreira das mais honrosas e que as dispensa de qualquer outra participação na vida coletiva.” (BEAUVOIR: 2016, p. 194).

A valorização do “honroso” a um grupo ou gênero social é um efeito limitador das escolhas singulares. É passível de tornar o ser incapacitado de sentir liberdade suficiente para dominar a sua existência. O que, muitas vezes, foi *honroso* para as mulheres, para os homens foi uma mera permissão de participar. Participar dos cuidados com os filhos, participar da ideia de fidelidade, participar dos cuidados da casa, participar da proteção e cuidados da mulher, participar dos proventos da casa, entre outros. Já a integralidade dessa honra pertence à mulher, cuja responsabilidade do sucesso familiar lhe foi incumbida. Não obstante, “[...] ela precisa de um esforço moral maior que o do homem para escolher o caminho da independência.”. (BEAUVOIR: 2016, p.196).

Os homens, “desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu como o Outro.” (BEAUVOIR:2016, p. 199). Portanto, a fortaleza masculina está diante da submissão feminina. Podemos considerar que a maior e mais consistente luta dos homens é a de impedir a libertação das mulheres. Com elas realmente livres, eles seriam reduzidos a não essenciais.

Diante disso, vimos em um percurso histórico, que as mulheres foram sujeitadas ao protagonismo masculino, sendo limitadas a criar suas próprias histórias, seus próprios desejos, seus deuses, suas crenças, suas leis. Tudo isso foi dominado pelo poder masculino, que, estrategicamente, colocou a mulher no papel secundário. Esse lugar contribuiu para a formação do pensamento humano, situando a inferioridade feminina como verdadeira. Uma mostra disso encontra-se na sensação de estranhamento quando uma mulher se destaca em papéis normalmente aceitos apenas ao masculino, pois a nossa formação é voltada para a credibilidade de que mulheres não possuem legitimidade para atuarem em campos diferentes daqueles historicamente destinados a elas.

Essa formação foi gerada a partir da apropriação masculina da visão holística do mundo. Isso porque, como ensina Beauvoir,

Todo mito implica um Sujeito que projeta suas esperanças e seus temores num céu transcendente. As mulheres, não se colocando como Sujeito, não criaram o mito viril no qual seus projetos se refletiriam; elas não possuem nem religião nem poesia que lhes pertençam exclusivamente: é ainda através dos sonhos dos homens que elas sonham. São os deuses fabricados pelos homens que elas adoram. Estes forjaram para sua própria exaltação as grandes figuras viris: Hércules, Prometeu, Parsifal; no destino desses heróis a mulher tem apenas um papel secundário. (BEAUVOIR: 2016, p. 202, 203).

Desse modo, “A representação do mundo, como o próprio mundo, é operação dos homens; eles o descrevem do ponto de vista que lhes é peculiar e que confundem com a verdade absoluta”. (BEAUVOIR: 2016, p. 203). Portanto, as narrativas de maior alcance e maior valor cultural são exemplos de estereótipos com objetivo de normatizar o comportamento feminino em uma espécie de: ora como maléfica e perigosa, ora com uma docilidade inofensiva, de uma bondade incondicional, como modo de controle subjetivo a partir do sexo viril, agressivo, combatente e coerente, que foi destinado ao masculino.

Além da justificativa biológica que condicionou a mulher aos serviços meramente reprodutores e domésticos, o masculino apropriou-se do discurso como ferramenta de controle e poder para permanecer no lugar de domínio social, utilizando como sustentáculo o trabalho reles e o corpo da mulher.

Neste segmento, em geral, as religiões disseminaram a ideia de servilidade feminina, pois

A Igreja exprime e serve uma civilização patriarcal na qual é conveniente que a mulher permaneça anexada ao homem. É fazendo-se escrava dócil que ela se torna também uma santa abençoada. Assim, no coração da Idade Média, ergue-se a imagem mais acabada da mulher propícia aos homens: a figura da Virgem Maria cerca-se de glória. É a imagem invertida de Eva, a pecadora; esmaga a serpente sob o pé; é mediadora da salvação como Eva o foi da danação. (BEAUVOIR: 2016, p.236).

Por outro lado, a função biológica da maternidade é um poder ameaçador, visto que a reprodução e manutenção da vida humana depende primordialmente da mulher. Portanto, “É como mãe que a mulher é temível; é na maternidade que é preciso transfigurá-la e escravizá-la.” (BEAUVOIR: 2016, p. 236).

E, para isso, “Desde que foi escravizada como Mãe, é primeiramente como mãe que será querida e respeitada.” (BEAUVOIR: 2016, p. 237). A valorização da figura materna é um meio de condicionar a mulher neste papel, impedindo-a de fazer escolhas diferentes. Com efeito, é dito à mulher aquilo que é importante para a vida dela. Porém, a maternidade, já não sendo mais indispensável pela manutenção da vida humana, tornou-se demasiadamente valorizada como meio de condicionar as mulheres a esta função. Contudo, à sociedade, a figura materna transcende qualquer outra que a mulher queira ocupar, inclusive a erótica, pois, “E a própria esposa, quando sua magia erótica se dissipa, apresenta-se a muitos homens menos como amante do que como mãe dos filhos.”. (BEAUVOIR: 2016, p. 241).

Assim,

Ele orgulha-se de sua mulher como de sua casa, suas terras, seus rebanhos, suas riquezas, e por vezes mais ainda; é através dela que manifesta sua força aos olhos do mundo; ela é sua medida e sua parte na terra. Entre os orientais, a mulher deve ser gorda: vê-se assim que é bem alimentada e honra seu senhor. Um muçulmano é tanto mais considerado quanto maior número de mulheres florescentes possui. Na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é representar, sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são sinais exteriores da fortuna do marido, ao mesmo título que a carroceria de seu automóvel. Rico, ele a cobre de pelos e joias. Mais pobre, elogia-lhe as qualidades morais e os talentos de dona de casa; o mais deserdado, se tem apego à mulher que o serve, imagina possuir alguma coisa na terra. (BEAUVOIR: 2016, p. 241).

Portanto, como menciona a autora, assim foi sendo construída a ideia da servidão feminina, com intuito de satisfazer os desejos masculinos, como se os seus próprios interesses não fossem importantes ou tivessem os mesmos valores que são atribuídos aos deles. Neste sentido, há uma distância marcada no que se refere à integridade feminina, já que ela sempre passa pelos mandamentos masculinos. “Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*”. (BEAUVOIR: 2016, p. 17).

A construção do arquétipo feminino marcado pelo discurso e poder masculino tem sido suficiente para controlar a trajetória das mulheres. E muitos desses caminhos acabam se tornando grandes desilusões, com mulheres infelizes e frustradas, isso porque em algum momento elas se sentem vazias, com pensamentos alusivos ao que poderia ser diferente. Portanto,

Assim como não basta dizer que a mulher é uma fêmea, não se pode defini-la pela consciência que tem de sua feminilidade; toma consciência desta no seio da sociedade de que é membro. Interiorizando o inconsciente e toda a vida psíquica, a própria linguagem da psicanálise sugere que o drama do indivíduo desenrola-se nele: as palavras “complexo”, “tendência” etc. implicam-no. Mas uma vida é uma relação com o mundo; é escolhendo-se através do mundo que o indivíduo se define; é para o mundo que nos devemos voltar a fim de responder às questões que nos preocupam. (BEAUVOIR: 2016, p. 78).

A mulher é construída socialmente e isso implica certa obrigação no estado de ser. Portanto, a valorização criada sobre elas impera sobre qualquer outro meio de constituição. Defini-la pela sua feminilidade é o mesmo que limitá-la sobre as possibilidades de constituição do seu eu. Assim, é preciso compreender as relações do

mundo com singularidade para se constituir enquanto sujeito livre e independente. Porém, conforme Beauvoir,

[...] a mulher não lisonjeia apenas a vaidade social do homem; ela lhe dá também um orgulho mais íntimo; ele se encanta com o domínio que tem sobre ela; às imagens naturalistas do arado entalhando a terra superpõem-se símbolos mais espirituais, quando a mulher se torna uma pessoa; não é apenas eroticamente, é também moral e intelectualmente que o marido “forma” a esposa; ele a educa, marca-a, impõe-lhe sua personalidade. Um dos devaneios em que o homem se compraz é o da impregnação das coisas pela sua vontade, da moldagem das formas, da penetração da subsistência delas. A mulher é por excelência a argila que se deixa passivamente malaxar e moldar; mas cedendo, ela resiste, o que permite à ação masculina perpetuar-se. (BEAUVOIR: 2016, P.242).

A humanidade feminina foi direcionada ao homem, aos seus interesses, aos seus desejos e aos seus prazeres. Para além disso ela não o convém. Primeiro ela deve servi-lo e o que vem depois disso é residual, não tem relevância social ou é visto até mesmo como chacota e muita discriminação. Cabe ao homem conduzir a vida da mulher, porque simbolicamente, ele detém a verdade e a coerência humana, enquanto ela parece ser incapaz de compreender a existência social, de guiar a própria vida e de se sustentar em meio aos desafios da humanidade. Neste sentido,

É preciso, ademais, observar que é no seio de uma sociedade em que subsiste a comunidade conjugal que a mulher procura emancipa-se pelo trabalho; ligada ao lar do pai e do marido, contenta-se, na maioria das vezes, com trazer para casa um auxílio; trabalha fora da família mas para esta; e como não se trata, para a operária, de atender à totalidade de suas necessidades, ela é induzida a aceitar uma remuneração muito inferior à exigida por um homem. (BEAUVOIR: 2016, p.169).

Ainda que a mulher tente construir uma vida mais independente, esbarra em uma estrutura praticamente sedimentada, pois, mesmo com a abertura no campo do trabalho para elas, muitas continuam a priorizar a servidão familiar, com menores salários e maior carga de trabalho, elas sustentam a estrutura doméstica para o bem comum. Enquanto isso, os homens continuam dominando o prestígio social e os melhores campos públicos. E, assim, continuamos uma sociedade cheia de mulheres oprimidas em seu mais íntimo ser, vivendo em prol de uma construção social pelo olhar masculino, com muitas dificuldades para uma verdadeira emancipação. São mulheres aprisionadas pela ideia do amor, pela ideia do casamento, pela ideia da estabilidade, da segurança e da sua própria

valorização por meio da figura masculina, por isso, situadas na posição do *Outro* nas relações entre os sujeitos.

1.2. Lygia Fagundes Telles e a voz feminina em “Senhor Diretor”

O conto “Senhor Diretor”, de Lygia Fagundes Telles, narra a angústia da personagem Maria Emília, uma professora aposentada de sessenta e um anos, paulista, solteira e virgem, que fica muito incomodada com a exposição erótica feminina em uma capa de revista e resolve escrever uma carta ao Diretor do jornal para questionar o excesso de imoralidade sexual nas mídias. Durante a escrita, Maria Emília oscila, principalmente, entre pensamentos sexualmente reprimidos e a rigidez de normas sobre os corpos e o sexo.

O conto tem início com uma metáfora representando a polarização entre a velhice e a juventude, com a frase “Seca no Nordeste. Na Amazônia, cheia”, em que a primeira faz uma alusão a tudo o que se perde ao envelhecer, enquanto a segunda, demonstra a abundância presente na vida quando se é jovem. Essa dualidade caminhará por todo o texto narrado por Maria Emília.

Seca no Nordeste. Na Amazônia, cheia - leu Maria Emília na manchete do jornal preso aos varais da banca com prendedores de roupa. Desviou o olhar severo para a capa da revista com a jovem de biquíni amarelo na frente, ele atrás, enlaçando-a na altura dos seios nus, amassados sob os braços peludos. Estavam molhados como se tivessem saído juntos de uma ducha. Sérios. Por que todas essas fotos obscenas tinham esse ar agressivo? Emendados feito animais. E brilhosos, escorrendo uma água oleosa, desde Sodoma e Gomorra os óleos e unguentos perfumados fazendo parte das orgias. Até a manteiga, imagine a inocente manteiga. Audácia da Mariana em contar o episódio da manteiga, aquela indecência que viu num cinema em Paris. (TELLES: 2009, p.17).

A narradora, diante de uma banca de jornais, deparou-se com uma capa de revista estampando dois jovens de modo sensual. A moça na frente e o rapaz atrás, abraçando-a na altura dos seios nus. Estavam molhados e sérios. Essa é a descrição observada por Maria Emília, que fica indignada com a cena, julgando um excesso de exposição com foco na sexualidade. Faz severas críticas aos detalhes presenciados na capa de revista, como ao comparar o casal a animais e por parecerem agressivos, além de estarem brilhando, com uma mistura de água e óleo - que podem direcionar o pensamento erótico de deslizamento da pele e das partes íntimas - tais como a manteiga, mencionada no

trecho, referenciada por um filme assistido em Paris, por Mariana, amiga da narradora. A manteiga foi utilizada em uma cena de sexo anal, quando não havia lubrificante. Por isso, o espanto de Maria Emília, que condena toda ação e simbologia que remete ao prazer sexual.

Se uma mulher de sessenta e quatro anos e meio se deixa levar como uma folha na correnteza, o que dizer então dos jovens? Meus Céus, meus Céus, os frágeis jovens sem estrutura, sem defesa, vendo esses filmes. Essas publicações. Televisão é outro foco de imoralidade. Anúncios mais sujos, uma afronta. Hoje mesmo escreveria uma carta ao Jornal da Tarde, carta vazada em termos educados. Suspirou. Ainda há pessoas educadas mas que também (a fisionomia endureceu) podem ficar coléricas. Senhor Diretor: antes e acima de tudo quero me apresentar, professora aposentada que sou, paulista, solteira. Um momento, solteira não, imagine, por que declinar meu estado civil? (TELLES: 2009, p.18)

Maria Emília mostra-se constantemente preocupada com a liberdade sexual apresentada pelas diversas mídias, tanto na revista, como no cinema e na televisão. Acredita ser um foco de imoralidade e se preocupa como os jovens podem se comportar diante disso. Em suma, não aceita o debate ou expressão do prazer sexual, que em sua visão é algo que deveria ficar escondido por sua natureza perigosa para não causar mal à sociedade. Com o intuito de fazer algo sobre o tema, resolve escrever uma carta ao diretor do Jornal da Tarde, para denunciar sua inconformidade à tendência comportamental sobre o sexo. Para isso, ela se apresenta como professora aposentada, paulista e solteira, mas questiona a informação de “solteira”, como sendo uma inferioridade em relação ao seu estado civil.

A personagem apresenta-se muito rígida consigo mesma, principalmente nas questões em que considera serem imorais. Ao questionar os programas que passam na televisão, considerando-os inadequados às crianças e com certa boçalidade, entrega o seu íntimo solitário - “[...] digo que a tevê está exorbitando de um modo geral em nos impor a imagem da boçalidade e digo que resisti em comprar uma televisão, Senhor Diretor. Mas sou sozinha, e às vezes, a solidão. A perigosa solidão. Mas fico vigilante [...]” (TELLES: 2009, p.18).

Além disso, ela abre a temática do envelhecimento comparando-se a Mariana, sua amiga, que tenta manter uma aparência e estilo jovem - “Então conta bandalheiras, me diz ôi! no telefone e usa calça grudada no *derrière*. Só falta usar aquelas camisetas com coisas escritas nas costas.” (TELLES: 2009, p.19). Mas confessa a dificuldade do

envelhecer - “Tanto medo, Senhor Diretor. Tanto medo. Eu também tenho medo, é duro envelhecer, reconheço.” (TELLES: 2009, p.19). Neste momento, ela reflete sobre as mudanças que o envelhecimento traz para o corpo e não se sente feliz. Tenta não misturar os assuntos da carta, mas entre seus pensamentos surgem lapsos e diversos atos falhos.

A poluição também ficaria para uma outra vez, o que interessava denunciar era essa poluição da alma. A Mariana, por exemplo. Está resistindo bem ao ar, até que está saudável apesar da asma, mas e por dentro? *Resistir, quem há de? Uma ilusão gemia em cada canto* - gemia ou chorava? tempo de sentimento. De poesia. Agora o tempo ficou só de detergentes para as pias, desodorantes para as partes [...]. (TELLES: 2009, p.19).

Mesmo que pensasse em outro assunto, sempre voltava para a questão moral da sexualidade, contudo, trazia também um ressentimento por não ter vivido aventuras em sua vida. O tempo que outrora era de *poesia e de sentimentos* - quando poderia ter explorado diversos sentidos físicos e emocionais, já não lhe permite tanto.

A narradora insiste em querer alertar a sociedade sobre as perversidades anunciadas ao redor - “[...] e daí, Senhor Diretor, é preciso alertar a população, alertar as autoridades, temos que neutralizar essa influência perversa. [...]”. (TELLES: 2009, p.20). Ela acredita que há uma ordem midiática para controlar as pessoas, por meio dos anúncios e que são perversas e imorais - “A ordem de beber Coca-Cola não corresponde de um certo modo a essa ordem de fazer amor, Faça amor, faça amor!”. (TELLES: 2009, p.21). Essa moralidade requerida e vivenciada pela narradora tem origem no modo como as mulheres são conduzidas nas sociedades patriarcais. Elas não podem sentir, desejar e vivenciar experiências de modo autônomo, pois estão presas a amarras criadas para limitá-las. Isso porque conforme Beauvoir (2016),

[...] Ao contrário, na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu “ser-outro”; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, aprender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. (BEAUVOIR: 2016, p.25).

Em meio aos pensamentos críticos sobre as exposições publicitárias, a narradora se entrega ao devaneio da imagem de um falo - órgão genital masculino - erotizando-o e ao mesmo tempo o condenando.

Cheguei um dia a ter uma miragem quando em lugar da garrafinha escorrendo água no anúncio, vi um fálus no fundo vermelho. Em ereção, espumejando no céu de fogo - horror, horror, nunca vi nenhum fálus, mas a gente não acaba mesmo fazendo associações desse tipo? (TELLES: 2009, p.21).

A moralidade sexual tem uma construção diferente para homens e mulheres, com efeito, para Beauvoir (2016),

A civilização patriarcal destinou a mulher à castidade [...] para ela, o ato carnal, não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta, queda, derrota, fraqueza; ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se “cede”, se “cai”, suscita o desprezo [...]. (BEAUVOIR: 2016, p.126).

Portanto, diante dos relatos, apresentam-se desejos reprimidos pela narradora, por não ter apreciado os impulsos sexuais e o êxtase da libido. E ainda questiona de modo referencial, como estão vivendo os “santos” - com tantas provocações expostas sem qualquer pudor - “E os santos, meus Céus, como é que estão se defendendo os que têm vocação para a santidade? É preciso ter couro de jacaré para aguentar tamanho impacto. E esta pobre pele tão fina apesar do tempo, ainda preservada nas partes cobertas.” (TELLES: 2009, p.21). Nesta fala, Maria Emília deixa claro o quanto é difícil resistir às provocações que lhe percorre. E, ainda, menciona que vive em si um árduo desejo sexual, apesar da idade, ao dizer: *E esta pobre pele tão fina apesar do tempo, ainda preservada nas partes cobertas*. As “partes cobertas” podem ser referenciadas às suas partes íntimas, que ainda sentem os desejos nunca experimentados. As partes íntimas são as que mais ficam cobertas em nossa cultura, por isso a narradora as denominou assim.

Apesar da rigidez que tem consigo mesma, Maria Emília deixa transparecer lapsos ambíguos de seu âmago, como em: “Era um bom assunto para a carta, a sujeira dos nossos jardins, o único problema é que podia ficar comprida demais. E queria ser breve. Mas é difícil ser breve, Senhor Diretor. Tão difícil.” (TELLES: 2009, p.21). A ênfase em “difícil ser breve” demonstra a confusão em que a narradora entra em seus pensamentos. Os diversos temas que ela também gostaria de mencionar na carta, mas não pode, pois ficaria muito extensa, podem representar os diversos momentos que ela gostaria de ter vivido e não o fez, por isso é tão difícil ser breve, já que sua imaginação é prolixa.

Adiante, ela faz a leitura de um título de notícia,

O Nordeste passa por uma forte estiagem que já destruiu mais de 90% da produção agrícola, ao passo que a Amazônia sofre o flagelo das cheias com a chegada das chuvas - leu Maria Emília. Desespero na escassez. Desespero no excesso. Não tive ninguém, mas Mariana exorbitou: três maridos sem falar nos amantes. (TELLES: 2009, p.22).

Nesta passagem é apresentada uma oposição climática - seca no Nordeste, cheia na Amazônia, também é usada como metáfora pela narradora para se referir a si e sua amiga Mariana. Maria Emília é representada pela seca, pois não teve ninguém, viveu sozinha e não teve a umidade trazida pelas relações sexuais. Já Mariana representa a cheia, o excesso, pois teve três maridos e amantes, teve companhias e sexo abundantes.

[...] Ficou olhando, crispada, o homem de cabelos emplastados que se aproximou para examinar de perto o pôster colorido preso no varal inferior da banca. Ele usava brilhantina e mesmo sem ver-lhe a cara podia adivinhar a cupidez dos olhinhos ramelosos (deviam ser miúdos, ramelosos) colados ao biquíni vermelho da ruiva montada de frente numa cadeira, empinados os bicos dos seios duros. Botas, chapéu de caubói, um revólver em cada mão. E o biquíni tão ajustado entre as pernas que se via nitidamente o montículo de pelos aplacados sob o cetim, mais expostos do que se estivessem sem nada em cima. Olha aí, Senhor Diretor. A imagem da mulher-objeto, como dizem as meninas lá do grupo feminista. Meninas inteligentes, cultas, quase todas de nível universitário. Mas, meus Céus, se ao menos fossem mais moderadas. Mais discretas, Reivindicar tanta coisa ao mesmo tempo, tanta mudança de repente não pode ser prejudicial? Um abalo nas nossas raízes, acho que estão correndo demais. Com a idade delas eu nem pensava, por exemplo, nesta palavra, prostituta. E a própria se levanta e começa a defender a profissão, pensei que não estivesse entendendo direito, *profissão!* (TELLES: 2009, p.23).

A narradora fica muito incomodada com a apreciação alheia sobre a imagem erotizada da mulher no pôster da banca de revista, sempre destacando as partes íntimas como aterrorizantes, desconfortavelmente de se olhar. Evoca ao Senhor Diretor para dizer-lhe da imagem da mulher-objeto. Com efeito,

O rapaz reivindica suas tendências eróticas porque assume alegremente a sua virilidade; nele o desejo sexual é agressivo, preênsil; ele vê nesse desejo uma afirmação de sua subjetividade e de sua transcendência; vangloria-se disso junto dos amigos; o sexo permanece para ele uma perturbação de que se orgulha; o impulso que o impele para a mulher é da mesma natureza daquele que o impele para o mundo, por isso nele se reconhece. Ao contrário, a vida sexual da menina sempre foi clandestina; quando seu ertismo se transforma e invade toda a carne, o mistério vira angústia: ela suporta a perturbação como se se tratasse de uma doença vergonhosa; não é ativa: é um estado, e nem mesmo em imaginação ela pode livrar-se dela por uma decisão autônoma; não

sonha com pegar, amassar, violentar: é espera e apelo; sente-se dependente; e em perigo na sua carne alienada. (BEAUVOIR: 2009, p.69).

Maria Emília é a voz feminina da repressão sexual, apresenta medos, vergonha e pudor em relação a tudo que se refere ao desejo carnal, pois é assim que a maioria das meninas são educadas. Como diz Beauvoir (2016), elas não têm autonomia para explorar o mundo nem seus desejos sexuais.

A seguir, a narradora presencia os debates feministas, mas fica com receio de tantas mudanças, pois ainda se encontra enraizada no conservadorismo.

Quando se levantou a advogada de óculos, respirei: agora o nível das discussões vai subir, pensei, e até que no começo ela foi bastante feliz quando fez uma exposição das raízes históricas da condição da mulher, acho tão nobre essa expressão, condição da mulher. E de repente desatou a falar em clitóris, porque o clitóris, o clitóris... E com homens por ali, eu já não sabia onde enfiar a cabeça quando ela contou que não sei mais em que país eles faziam uma incisão no clitóris da mulher para que ela não sentisse nenhum prazer, o sexo transformado em agulheiro - simples instrumento de penetração. E deu outros exemplos igualmente horríveis. Concordo, uma crueldade essas práticas todas. Mas trazer isso para um debate? Quis disfarçar, mostrar que não estava chocada mas quando dei conta de mim, estava aplaudindo mais do que todas [...]. (TELLES: 2009, p.24).

Aqui a narradora demonstra mais uma vez a contradição entre ideias conservadoras e progressistas. Continua a apresentar incômodo quando se fala em prazer sexual, mas no final ela se vê aplaudindo mais do que todas as outras, portanto, compreende a verdade na fala das feministas. E ainda reflete, a partir do que ouviu sobre a fragilidade ou repressão do prazer sexual feminino, como no caso de sua mãe - “[...] Fiquei deprimida, pensando na mamãe que não fez a tal incisão mas que nunca sentiu o menor prazer. E teve oito filhos. Oito. Quarenta anos de casamento sem prazer: um agulheiro calado.”. (TELLES: 2009, p.24). Neste sentido, “Jogos e sonhos orientam a menina para a passividade; mas ela é um ser humano antes de se tornar uma mulher; e já sabe que aceitar a si mesma como mulher é renunciar e mutilar-se; e se a renúncia é tentadora, a mutilação é odiosa.”. (BEAUVOIR: 2016, p.40).

O Senhor Diretor, a quem Maria Emília escreve, representa uma figura masculina com poder de ação e de controle, já que determina o que deve ser publicado no jornal. Essa figura refere-se ao domínio patriarcal, senhor da ordem e da repressão feminina. Isso é perceptível na fala em que Maria Emília faz uma confissão no dia de seu aniversário: “[...] Senhor Diretor, hoje é o meu aniversário e como estava um domingo tão azul, preendi

aqui esta flor. Meu costume é sóbrio, meu penteado é sóbrio. Uma sóbria senhora que se permitiu usar uma flor, Posso?”. (TELLES: 2009, p.25). Ao ousar utilizar uma flor em um dia especial, ela se coloca na necessidade de justificar o porquê ao Senhor Diretor e ainda lhe pedir permissão “Posso?”, com a consoante “P” maiúscula para destacar o pedido. Ela faz isso naturalmente, sem qualquer crítica, visto que o poder não está nela, mas na figura masculina representada pelo Senhor Diretor.

Em uma sala de cinema, Maria Emília observa o comportamento dos jovens, que ao namorarem, excedem os limites convenientes para lugares públicos.

Ela foi afundando na poltrona enquanto a loura emergia do fundo na direção do homem, Meus Céus, também aqui?! Fixou o olhar no casal todo enrolado na fileira da frente. Beijavam-se com tanta fúria que o som pegajoso era ainda mais nítido do que o barulho dos dois corpos amassando a folhagem na tela. Um pouco adiante, na mesma fileira, outro casal que acabara de chegar já se atracava resfolegante, a mão dele procurando sob as roupas dela - encontrou? Encontrou. Podia sentir o hálito ardente dos corpos se sacudindo tão intensamente que toda a tosca fila de cadeiras começou a se sacudir no mesmo ritmo. Encolheu-se. Feito bichos. O melhor era não ligar, pensar em outra coisa, que coisa? A manchete, tinha memória excelente, no colégio podia repetir uma página inteira lida duas ou três vezes, *O Nordeste passa por uma forte estiagem, por uma forte estiagem* mas onde anda o homem da lanterninha, não tem mais esse homem? Eram tão atentos os vaga-lumes acendendo suas lanternas na cara dos inconvenientes, Mas não vai clarear? Se ao menos clareasse. Segurou com força no assento e o couro da poltrona lhe pareceu viscoso, Sêmen? Calçou as luvas e juntou as pernas. Senhor Diretor: antes e acima de tudo, quero me apresentar, professora aposentada que sou. Paulista. Virgem. Fechou os olhos, virgem, virgem verdadeira, não é para escrever mas não seria um dado importante? (TELLES: 2009, p.28).

Ela segue fazendo uma reflexão sobre o comportamento desses jovens que se entregam com tanta voracidade. Acha tudo isso inconveniente e tenta se desligar, pensar em outra coisa, quando lhe vem a manchete na cabeça, porém, fala apenas na estiagem do nordeste, a metáfora de sua vida, a seca - que remete à falta de interação sexual. E volta-se para o Senhor Diretor, apresentando-se e repetindo que é virgem. Essa ênfase na virgindade lhe persegue pelo fato de que ela gostaria que fosse diferente. Os desejos que não foram expressados, agora estão reprimidos. E, diante disso, reflete sobre o que deveria ser o certo ou o normal.

[...] E se por acaso o certo for isso mesmo que está aí? Esse gozo, essa alegria úmida nos corpos. Nas palavras. Esse arfar espumante como o rio daquelas meninas, aquelas minhas alunas que eram como um rio, tentou detê-lo com sua voz rouca, com seus vincos e o rio transbordou inundando tudo, camas, casas, ruas... E se o normal for o sexo contente da moça suspirando aí nessa poltrona - pois não seria para isso mesmo que foi feito? Virgem, Senhor Diretor. Que

sei eu desse desejo que ferve desde a Bíblia, todos conhecendo e gerando e conhecendo e gerando, homens, plantas, bichos. (TELLES: 2009, p.29).

A narradora, conscientemente, tenta perceber com outro olhar as experiências de gozo transbordadas pelos jovens naquele cinema, revendo seus conceitos sobre a liberdade sexual e entrega de prazeres e se reconhece como quem nunca experimentou essas aventuras. Ela também traz as possíveis raízes dessa repressão - “Mamãe tinha medo do sexo, herdei esse medo - não foi dela que herdei? Aquelas moças lá do movimento feminista, tão desreprimidas, tão soltas, será que são assim mesmo ou representam? Nenhum pudor, falam de tudo. Fazem de tudo.”. (TELLES: 2009, p.29). E questiona o modo como são as feministas, principalmente porque elas apresentam características opostas às suas e de sua mãe, que são comedidas. Ainda neste contexto, ela recorda uma passagem com a mãe - “[...] e me lembrei dela dizendo à minha avó que cumpria seus deveres de esposa sem nenhum prazer até o amargo fim. Até o amargo fim, mamãe? A fonte de seu sofrimento era agora esta fonte de onde corria um fluxo.” (TELLES: 2009, p.29). Nesta reflexão, a narradora compreende a rejeição consciente e voluntária da mãe quanto às relações sexuais, e, conseqüentemente, a sua privação sexual seria em decorrência do sofrimento da mãe; o que pode ser evidenciado na fala da autora a seguir,

[...] se uma educação infeliz lentamente arraigou nelas o horror à sexualidade, conservarão sua repugnância de menina púbere em relação ao homem. Acontece também que as circunstâncias conduzam, contra sua vontade, certas mulheres a uma virgindade prolongada. (BEAUVOIR: 2016, p.122).

Ao se lembrar de histórias de traição, a narradora reflete sobre um diálogo que teve com sua amiga Mariana.

[...] Não seria pura inveja? Esse meu sentimento de superioridade. Desprezo. Inveja, meus Céus? Eu tinha inveja da sua vida inquieta, imprevista, rica de acontecimentos, rica de paixão - era então inveja? Olha que você pintou e bordou, eu lhe disse outro dia e ela riu e seu olhar ficou úmido como se ainda fosse jovem, juventude é umidade. Os poros fechados retendo água da carne sumorosa, que fruta lembra, pêssego? Que a gente morde e o sumo escorre cálido, a gente? Que outros morderam, que sei eu dessa fruta? (TELLES: 2009, p.30).

Destarte, entende que seu comportamento de superioridade e desprezo pelas atitudes da amiga seriam, na verdade, inveja da vida animada que a amiga teve e ela não. Percebe-se, assim, certa melancolia da narradora ao admitir que gostaria de ter tido uma

vida diferente, em que pudesse ter vivido paixões e aventuras sexuais, das quais se privou, pensando ser o melhor, o mais correto. E então começa a questionar o que a levou a isso: “Coma com as asas fechadas, mamãe me dizia. Viva com as asas fechadas, podia ter dito.”. (TELLES: 2009, p.30-31); “Mas tanta disciplina, tanta exatidão pode se chamar de amor?”. (TELLES: 2009, p.31); “É a vontade de Deus, mamãe costumava dizer e eu fiquei repetindo, É a vontade de Deus, mas seria mesmo? Que sei eu dessa vontade? (TELLES: 2009, p.31).

Com toda clareza, a educação repressiva de Maria Emília vem de uma herança patriarcal, que controla o corpo e os desejos femininos, e que a fez se fechar no medo das descobertas prazerosas do sexo e das paixões. Passou a vida se resguardando até perceber que já não tinha mais umidade, que a velhice lhe trazia também a seca, que a faz refletir sobre o tempo que passou de modo pouco desbravado.

3. A VOZ FEMININA CONTEMPORÂNEA

A sociedade civil moderna não está estruturada no parentesco e no poder dos pais; no mundo moderno, as mulheres são subordinadas aos homens como homens, como fraternidade. O contrato original é feito depois da derrota política do pai e cria o patriarcado fraternal moderno.

CAROLE PATEMAN

O poder masculino sobre o feminino ainda é evidente na sociedade moderna. Não há mais limitações civis que impeçam as mulheres de escolherem seus caminhos, porém, elas ainda estão sujeitas aos domínios simbólicos do poder e da força do masculino. Há uma grande valorização do homem moderno apenas por ser homem, mas não mais pela única opção responsável pela construção do sujeito mulher. As amarras da atualidade estão entre as singelas, sutis e silenciosas, que são mais entrelaçadas ao invisível e não menos perigosas e entre a violência física, que em seu ápice encerra-se no feminicídio.

Ser mulher ainda é uma condição desfavorável, pois as situações de confiança, força, liderança e liberdade plena são destinadas aos homens. A elas ainda é atribuída a necessidade de dependência, proteção, segurança masculina, e de amor e casamento como resolução da vida. Contudo, muitos homens vêm aniquilando a vida das mulheres, com atos de violência. Portanto, a liberdade delas é limitada pelo poder e fraqueza deles. Mesmo que não tenham mais os direitos civis sobre a liberdade das mulheres, nem o direito de encarcerá-las, nem de violentá-las, os homens se tornaram o extremo mais perigoso na vida de uma mulher. Assim, a liberdade delas é limitada de uma maneira ou de outra, em prol da não aceitação masculina da construção da humanidade feminina.

3.1. O que fazer com esses pedaços?

Matar as mulheres nem sempre ocorre de maneira literal, pois, quando elas não atingem sua imanência, são facilmente submetidas a mortes silenciosas, como se a vida autônoma não lhes fosse permitida.

Conquistar um espaço público, ainda que arduamente, não tem sido suficientemente capaz de libertar as mulheres do senhorio masculino. A elas ainda é atribuído o dever de valorizar os caprichos do macho. E essa demasiada valorização

masculina continua a colocar a mulher em uma posição incapacitante, principalmente quanto à possibilidade de ela escolher seu caminho sem qualquer interferência dominante. Mulheres ainda são deveras silenciadas, seja pelo domínio público ainda ser a maior parte masculina, seja pelas relações pessoais que a colocam sempre no papel redentora.

Piedad Bonnett traz na obra “¿Qué hacer con estos pedazos?” (O que fazer com esses pedaços?) a vivência e reflexão de uma personagem feminina de sessenta e quatro anos que tem sua vida à margem daqueles que estão ao seu redor. Retrata de modo intimista o existencialismo feminino agarrado aos outros e nunca a si mesmo.

A narrativa começa com Emilia sendo totalmente desconsiderada pela decisão de seu marido em reformar a cozinha da casa deles.

Emilia vio entrar a su marido con el que debía ser un maestro de obra, o un pintor o un plomero. Toda la vida él se ha ocupado de las reparaciones, algo que ella agradece y también odia, porque siempre es sin aviso, mañana empiezan a pintar la casa, la semana entrante vienen a mirar esas humedades. Podrías preguntarme, ¿no?, protesta Emilia todas las veces. En esta oportunidad ella sólo comprendió de qué se trataba cuando el maestro se fue y el marido entró a su estudio con cara triunfante y le anunció que estaba pensando remodelar la cocina. Remodelar ça cocina puede ser el fin del mundo, gimió Emilia, abriendo a la vez los ojos y la boca, y empezando a argumentar, vacilante por la estupefacción, que a ella su cocina le encantaba, que esa madera finísima, que le gustaba ese aspecto viejo de los aparadores, ese aire de lugar usado, que ellos no necesitaban una cocina nueva, que era un gasto innecesario, pordió. Pero él quería tener una cocina con agrado, poder moverse cómodamente. Pero si tú no cocinas, cocina Mima, suplicó Emilia, anticipándose a la derrota. Y la derrota la avasalló, como tantas veces, culpable como vive del deseo que la domina desde hace un tiempo de no hacer sino lo que le dé la gana, lo que no la incomode. (BONNETT: 2022, p. 11).⁷

Emília deixa claro que o marido tem o costume de tomar decisões a respeito dos concertos e reformas da casa sem consultá-la. Isso a incomoda porque é sempre repentino. A reforma da cozinha é algo que ela não gostaria que acontecesse, primeiro porque gosta do ambiente do jeito que está, segundo porque seria um gasto desnecessário. Contudo, o marido quer uma cozinha moderna, espaçosa e mais confortável, sendo que não tem o hábito de cozinhar.

⁷ Emília viu o marido entrar com o que devia ser um mestre de obras, ou um pintor ou um encanador. Durante toda a vida ele se encarregou dos reparos, coisa que ela aprecia e também odeia, porque é sempre sem avisar, amanhã começam a pintar a casa, semana que vem, vem ver aquela umidade. Você poderia me perguntar, não é?, protesta Emília todas às vezes. Dessa vez ela só entendeu do que se tratava quando o mestre saiu e o marido entrou no escritório com cara de triunfante e anunciou que estava pensando em reformar a cozinha. Remodelar a sua cozinha pode ser o fim do mundo, Emília gemeu, abrindo os olhos e a boca ao mesmo tempo, e começando a argumentar, hesitante e estupefacta, que adorava a sua cozinha, com a madeira mais fina, que gostava daquela aparência antiga. dos aparadores, aquele ar de lugar usado, que não precisavam de cozinha nova, que era um gasto desnecessário, por Deus. Mas ele queria ter uma cozinha bonita, para poder se movimentar confortavelmente. Mas se você não cozinha, Mima cozinha, implorou Emília, antecipando a derrota. E a derrota a dominou, como tantas vezes, culpada como vive do desejo que a domina há algum tempo de não fazer nada além do que quer, do que não a incomoda.

Neste contexto, fica evidente a dominação masculina sobre a feminina, o que na obra de Bourdieu, sobre a condição feminina e a violência simbólica, o autor afirma que “A força particular da sociodiceia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: *ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada*”. (BOURDIEU: 2023, p.45). Portanto, a força masculina, em seu sentido de existir, tem uma relação histórica com a formação biológica, responsável pela construção social da naturalização do domínio simbólico.

A personagem não se sente confortável com a ideia de remodelar sua cozinha, já que uma reforma causa diversos transtornos dentro de uma casa. Ela apenas queria permanecer quieta, sem ser incomodada, de fazer apenas o que gostaria. Esse era o seu desejo, mas também o motivo de sentir culpa já há um tempo.

Conforme Pateman,

A família é o “império” da mulher, e ela “reina” ao “se deixar comandar no que ela quer fazer”. Entretanto, se ela não quer fazer o que é necessário para manter a autoridade conjugal de seu marido, então a sociedade civil está em perigo. O “reinado” dela consiste em sua capacidade de “reconhecer a voz do chefe da casa”; se ela falha, a desordem que resulta leva “ao infortúnio, ao escândalo e à desonra”. (PATEMAN: 2020, p.150-151).

Assim, de um lado temos a predominância dos desejos do marido sobre o da mulher quanto às escolhas do ambiente cotidiano, ao ponto de ela, sequer, poder dar sua opinião antes das tomadas de decisões do marido. De outro, temos a demonstração do sentimento de culpa presente na personagem pelo fato de ela, já há um tempo, desejar viver a seu modo, o que contrapõe à cultura da servidão feminina e ao domínio da família sobre a particularidade da mulher. A construção social dessa instituição tem uma força muito grande sobre os indivíduos, e um peso gigante sobre as mulheres, as quais são responsáveis pela ordem interna de sua configuração, contudo, sob as ordens de um chefe, como retrato da família tradicional heterossexual. Neste sentido, mesmo com todas as liberdades civis, as mulheres estão situadas em uma prisão simbólica, com valores abstratos, capazes de definirem seus destinos.

Simone de Beauvoir diz que a causa da opressão da mulher está na vontade de perpetuar a família e manter inato o patrimônio. Portanto, se ela se liberta dessa dependência e escapa da família, seu destino pode ser consideravelmente melhor.

(BEAUVOIR: 2016). Ao não se dedicar à família, a mulher poderia ter a liberdade de fazer o que quisesse, com menos pressão e mais possibilidades. Isso porque,

O casamento sempre se apresentou de uma maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade. (BEAUVOIR: 2016, p.186).

Como diz a autora, *o homem é um indivíduo autônomo e completo*, ainda que seja casado, contudo, a mulher ainda não garantiu toda essa autonomia e completude. Assim sendo, a obra de Bonnet vem mostrando essas amarras invisíveis, por meio do cotidiano de Emília.

Tu estudio parece un campamento guerrillero, dice el marido cada tanto, y ella aprieta los labios y sus bellos hombros, medio sonriendo, una manera de aceptar y excusarse al mismo tiempo. Sí, lo reconoce. Ella, la estricta, la ordenada, la exigente, puso un día uno de sus libros fuera de lugar. Y luego otro, y otro. Y en la gran mesa del estudio vació cualquier noche todas las tarjetas que habían ido entregando a lo largo del territorio nacional y en sus viajes de trabajo al exterior, con el fin de hacer pronto una selección, pues aunque su deseo habría sido tirarlas todas a la basura, tenía el temor de descartar alguna importante, que luego le pasara haber botado, Y ahí están, hace ya meses, primero como presencias incriminadoras, luego como objetos inocuos con los que todavía puede convivir. Todavía. Del tablero de corcho que tiene al lado del escritorio cuelgan docenas de post-it, limpiar el computador, renovar Skype, con nombres y teléfonos, muchos de los cuales ya no sabe a quién corresponden. Y las revistas que recibe, de salud, de medio ambiente, literarias, han ido formando una pila en un costado de la mesa auxiliar. Aquel caos le clava un peso en la nuca, pero nunca acaba de desterrarlo. Hace de vez en cuando barridos y limpieza, pero siempre hasta un punto, porque el tiempo y la energía no le dan para llegar al final. Porque no puedo perder horas y horas solo en despejar territorio, se dice. Con tantos libros por leer. Tantos viajes que hacer. Tantas crónicas que escribir. (BONNETT: 2022, p.14).⁸

⁸ Seu estúdio parece um acampamento de guerrilha, diz o marido de vez em quando, e ela franze os lábios e os ombros lindos, meio sorrindo, uma forma de aceitar e pedir desculpas ao mesmo tempo. Sim, ela reconhece isso. Ela, a rígida, a organizada, a exigente, um dia tirou um de seus livros do lugar. E depois outro, e outro. E numa grande mesa de estudo uma noite esvaziou todos os cartões que vinham entregando em todo o território nacional e nas suas viagens de trabalho ao estrangeiro, para fazer rapidamente uma seleção, porque embora o seu desejo fosse deitá-los todos fora, no lixo, tinha medo de descartar algo importante, que depois jogou fora. E lá estão eles, meses atrás, primeiro como presenças incriminatórias, depois como objetos inócuos com os quais ela ainda pode conviver. Ainda. No quadro de cortiça ao lado da sua secretária penduram dezenas de post-its, limpa o computador, renova o Skype, com nomes e números de telefone, muitos dos quais já não sabe a quem pertencem. E as revistas que ela recebe, de saúde, ambientais, literárias, vêm se amontoando de um lado da mesinha lateral. Esse caos pesa muito em sua nuca, mas ela nunca o elimina completamente. De vez em quando ela faz varreduras e limpezas, mas sempre até certo ponto, porque o ritmo e a energia não são suficientes para chegar ao fim. Porque não posso perder horas e horas apenas limpando território, dizia-se. Com tantos livros para ler. Muitas viagens para fazer. Tantas crônicas para escrever.

Neste momento em que o marido aponta a desorganização do escritório de Emília, ela prossegue refletindo sobre como deixou-o assim, como essa desordem reflete uma mudança de comportamento pelo qual ela passou, visto que antes era rígida, organizada e exigente, mas agora não consegue colocar fim ao caos. Isso tem um motivo pelo qual ela deixa claro no final de seus pensamentos, quando escolhe priorizar a leitura de seus livros, as viagens que deseja fazer, bem como as crônicas que tem para escrever. Os afazeres meramente rotineiros já não interessam mais a personagem que deseja aproveitar o seu tempo para se empenhar naquilo que considera produtivo. Ou, compreende que neste momento de sua vida, ela já não deveria perder tempo com o que não lhe interessa.

Para tanto, faz uma comparação de como era no passado e de como é agora. Antes ela realizava tarefas que tinham de ser feitas, tarefas que todos esperam de uma mulher. O cuidado exemplar com a casa é uma delas – e isso inclui a organização – que só pode ocorrer por meio de exigências, sejam consigo ou com os outros. Já, no presente, almeja tempo e liberdade para se dedicar ao que considera mais valioso.

Ao continuar sua reflexão, a personagem alega que,

¿Qué diría un psiquiatra del caos que ella ha ido sembrando en su territorio de seis por seis? ¿Qué es una metáfora de su propio caos? ¿Un síndrome de evasión? ¿Mera inercia? ¿Simplemente una muestra de cuáles son sus prioridades? ¿Una agresión velada contra sí misma o contra los otros? (BONNETT: 2022, p.15).⁹

Compreende-se do excerto a necessidade de buscar justificativas plausíveis para aquilo que aparentemente apresenta uma anomalia. Uma explicação científica capaz de classificar seu comportamento como doença. Certamente a ideia menos interessante sobre essa situação seria a de que ela simplesmente não quer priorizar a organização, mas se entregar ao que de fato poderia lhe fazer sentido.

Assim, conforme Pateman,

A sociedade civil moderna não está estruturada no parentesco e no poder dos pais; no mundo moderno, as mulheres são subordinadas aos homens como homens, como fraternidade. O contrato original é feito depois da derrota política do pai e cria o patriarcado fraternal moderno. (PATEMAN: 2020, p. 16).

⁹ O que diria uma psiquiatra sobre o caos que tem semeado no seu território de seis por seis? Qual é a metáfora para o seu próprio caos? Uma síndrome de evasão? Mera inércia? Apenas uma amostra de quais são suas prioridades? Uma agressão velada contra si mesma ou contra os outros?

Na modernidade, os direitos constitucionais e civis estão comumente pautados na igualdade/equidade entre homens e mulheres. Os pais e maridos já não são mais proprietários legais das mulheres, contudo, a força patriarcal reside no estereótipo masculino. Apenas por serem homens, estes detêm uma força superior às mulheres. O que faz com que as mulheres sintam necessidade de estarem com eles, servindo-os de alguma maneira, e deixando-se de lado. Ademais, o condicionamento das mulheres a certos afazeres é evidenciado de diversas formas, como na passagem abaixo, que representa a doação do tempo e do trabalho feminino implicado em uma normatividade com força de obrigação ao bom desempenho da mulher.

La empleada de su padre siempre llama a su hermana. ¿Por qué? Tal vez porque la ve siempre más dispuesta. ¿O más desocupada? Puede ser. Su hermana, que enviudó hace cinco años, no sólo se trasladó muy cerca de la casa paterna para cuidar de los viejos, sino que anticipó su retiro para ayudar con el cuidado de su madre cuando su salud empezó a deteriorarse. Se apoderó de ella. La bañaba, la embadurnaba de cremas, la vestía con cuidado maternal y la sacaba a tomar el sol, con una dedicación que su madre premió con la predilección y el apego que antes nunca parecía tenerle. Cuando la anciana murió y los días vacíos de tareas agobiantes se alargaron como un enorme bostezo, su hermana sucumbió al vértigo del sinsentido. Y entonces quiso concentrarse en el padre. Pero este la apartó a fuerza de ensimismamiento, y no le quedó más remedio que ir creando rutinas amables, que le dejaron, sin remedio, mucho tiempo libre. No como Emilia, que no tiene nunca un segundo, que siempre está cumpliendo un plazo con sus artículos, tengo que entregar en dos horas, o viajando a esos lugares remotos a donde la envía la revista o a donde ella escoge ir a hacer sus reportajes de vez en cuando. (BONNETT: 2022, p. 18-19).¹⁰

A sensação de utilidade e valorização feminina é claramente apresentada na passagem acima, quando a irmã de Emília se entrega incondicionalmente aos cuidados dos pais idosos. A ocupação de seu tempo com esses cuidados ganha um valor simbólico que se sobrepõe a qualquer outro. Tanto é assim que ela antecipa sua aposentadoria para se dedicar às necessidades de seus pais – *“Su hermana, que enviudó hace cinco años, no sólo se traslado muy cerca de la casa paterna para cuidar de los viejos, sino que anticipó su retiro para ayudar con el cuidado de su madre cuando su salud empezó a deteriorarse.*

¹⁰ A funcionária de seu pai sempre liga para sua irmã. Porque? Talvez porque ela a veja sempre mais disposta. Ou mais desocupada? Pode ser. A sua irmã, que ficou viúva há cinco anos, não só se mudou para muito perto da casa do pai para cuidar do idoso, como também se aposentou cedo para ajudar a cuidar da mãe quando a sua saúde começou a deteriorar-se. Ele tomou conta dela. Ela a banhou, passou cremes, vestiu-a com cuidado maternal e levou-a para tomar sol, com uma dedicação que a mãe recompensou com a predileção e o apego que antes parecia ter tido por ela. Quando a velha morreu e os dias vazios de tarefas esmagadoras se prolongaram como um enorme bocejo, a irmã sucumbiu à vertigem da falta de sentido. E então ela quis se concentrar no pai. Mas ele a afastou através da auto-absorção, e ela não teve escolha senão criar rotinas amigáveis, o que inevitavelmente a deixou com muito tempo livre. Não como Emília, que nunca tem um segundo, que sempre cumpre prazo com seus artigos, tenho que entregar em duas horas, ou viajar para aqueles lugares remotos para onde a revista a envia ou onde ela escolhe ir para fazer suas reportagens de vez em quando.

Se apoderó de ella”. As mulheres adquirem o valor donativo porque esse valor é atribuído a elas por toda a sociedade, e, de tal modo que se confunde com a imanência feminina. Isso é demonstrado quando a mãe da personagem morre e a irmã, que se dedicava a ela, não consegue ver sentido em mais nada, já que suas tarefas de cuidados terminaram – *“Cuando la anciana murió y los días vacíos de tareas agobiantes se alargaron como un enorme bostezo, su hermana sucumbió al vértigo del sinsentido”*.

Com Emília a realidade é um pouco diversa, pois ela não se encontra no mesmo ritmo de serventia de sua irmã. Ao contrário, dedica-se ao seu trabalho, que lhe parece ser a parte mais interessante de sua vida. A benevolência da irmã da narradora é retratada como uma questão propriamente dela, enquanto a esta é percebe-se a tentativa de uma busca por vida própria.

Não obstante, o marido de Emília enseja que ela deveria parar o seu trabalho e a questiona se este vale a pena. A personagem responde que sim, mas já não entra em detalhes, pois não tem mais ânimo de lhe pormenorizar os acontecimentos de sua função com seu companheiro.

Tendrás que parar, le dice el marido, más como un reproche que como un consejo. ¿No ves cómo te enfermas? Y cuando llega de viaje la espera la pregunta inevitable: ¿valió la pena? Ella contesta, como deshaciéndose de su abrigo: claro que sí. A veces, cuando está de mal humor, agrega, cortante: mucho. Hace unos años contaba pormenorizadamente qué había hecho. De un tiempo para acá, sin embargo, la vence el desgano. (BONNETT: 2022, p. 19).¹¹

O trabalho da mulher nem sempre é visto como importante ou necessário. Ao contrário do trabalho masculino, que é tido como essencial ao desenvolvimento da sociedade e responsável pelo sustento da família.

É muito comum que a renda vinda da esposa seja complementar em uma família, ao passo que a do esposo seja a principal. Isso também é responsável por colocá-lo como o chefe da família, já que o poder financeiro, normalmente, controla todos os outros. Assim, Pateman diz que “Mas justamente porque o salário é encarado como um salário-família, os ganhos das mulheres são encarados como um ‘complemento’ ao salário do marido.” (PATEMAN: 2020, p.210).

¹¹ Você deveria parar, disse-lhe o marido, mais como uma censura do que como um conselho. Você não vê como você está doente? E quando a viagem chega, a pergunta inevitável a aguarda: valeu a pena? Ela responde, como se estivesse se livrando do casaco: claro que sim. Às vezes, quando está de mau humor, acrescenta bruscamente: muito. Há alguns anos, ela contou em detalhes o que havia feito. De um tempo para cá, porém, o desgosto a vence.

No caso acima, compreende-se que a dedicação ao trabalho de Emília é dispensável ao bem estar familiar, nos dizeres do seu marido. Contudo, em nenhum momento é pensado o quanto a vida profissional de uma mulher pode estar arraigada a sua integridade. A independência financeira não está associada apenas ao próprio sustento, mas a capacidade de produção e desenvolvimento, tanto pessoal quanto social.

Não obstante,

A grave maldição que pesa sobre ela está em que o sentido mesmo de sua existência não se encontra em suas mãos. Eis por que os êxitos e os malogros de sua vida conjugal têm muito mais gravidade para ela do que para o homem: este é um cidadão, um produtor, antes de ser um marido; ela é antes de tudo - e muitas vezes exclusivamente - uma esposa, seu trabalho não a arranca de sua posição; é desta, ao contrário, que ele tira ou não seu valor. Amorosa, generosamente devotada, ela executará suas tarefas com alegria; elas lhe parecerão insípidas corveias se as executa com rancor. Não terão nunca em seu destino senão um papel inessencial; não serão nenhum socorro nos avatares da vida conjugal. Cumpre-nos ver, portanto, como se vive concretamente essa condição essencialmente definida pelo "serviço" da cama e o "serviço" da casa e na qual a mulher só encontra sua dignidade aceitando sua vassalagem. (BEAUVOIR: 2009, p.235).

Ocupar o tempo com aquilo que é escolha própria de uma mulher, em detrimento dos cuidados com o lar, marido e rede familiar, pode ser visto como um ato subversivo e ilegítimo. Contudo, é predominante a ideia de que a mulher necessita do apoio masculino, ainda que não seja exclusivamente financeiro, mas de algum modo protetor. Assim, quando elas escolhem o caminho exclusivo da independência, seus valores sociais são reduzidos. A consequência disso é que as mulheres podem adquirir um conflito existencial, pois como vimos, as diferenças apontadas entre a irmã e Emília demonstram uma parte da sujeição feminina ao que foi construído como papel da mulher. Uma traz em si a necessidade de doação do seu tempo em prol do bem estar alheio, a outra busca distanciar-se daquilo que a incomoda, mesmo tendo que permanecer diante desses dilemas. Portanto, não há uma completude definida, já que o emaranhado papel feminino impede o livre prosseguimento dos desejos.

Desse modo, perceber ou não perceber o que está ruim às vezes não faz diferença a uma mulher, tendo em vista que sempre lhe é designado atribuições as quais são difíceis de se libertar. É mais aceitável a conformação do que a revolta. É mais aceitável permanecer do que adentrar em um mundo desconhecido. Com efeito, Merleau-Ponty elucida que,

[...] Ao mesmo tempo é verdade que o mundo é *o que vemos* e que, contudo, precisamos aprender a vê-lo. No sentido de que, em primeiro lugar, mister nos igualarmos, pelo saber, a essa visão, tomar posse dela, dizer o que é *nós* e o que é *ver*, fazer, pois, como se nada soubéssemos, como se a respeito tivéssemos que aprender tudo. (MERLEAU-PONTY: 2014, p. 18).

Em uma perspectiva de perceber o oculto, o autor afirma que é preciso aprender a ver o mundo. É preciso também se conhecer para então conhecer o que se vê, e agir como se nada soubéssemos para então aprender tudo. Neste sentido, olhar para si não significa compreender tudo o que há, mas é preciso perceber dentro e fora para então compreender o que se passa. Isso é marcado na passagem abaixo, quando Emília, em um encontro com seu pai, relata as dificuldades de expressão que perpassaram durante suas lembranças no contexto familiar.

El relato no fluye; se articula con una dificultad que pareciera nacer de una memoria inconstante, aunque Emilia descubre que esa vacilación no es otra cosa que escepticismo sobre su propia narración. Y timidez: a su padre nunca le gustó hablar de sí mismo. El padre, la madre, los Hermanos, las pérdidas, todo va emergiendo como en un espectáculo de sombras, leve, lejano, sin relieve. Un mundo fantasmagórico que se hace un poco más concreto cuando disse que le gustaba la zarzuela, pero que hace años que ya no viene ninguna. Emilia siente que esos datos escuetos son el muro de contención del que se vale su padre para impedir que se desborden las emociones, los dolores de la orfandad, quién sabe qué incertidumbres o sueños postergados. (BONNETT: 2022, p.25).¹²

Ela afirma que seu pai nunca gostou de falar de si mesmo, e que tanto o pai, como a mãe e os irmãos viveram como em um “espetáculo de sombras”. Um mundo distante sem adentrar verdadeiramente em si mesmo. Entende que o pai vive por meio de um “muro de contenções”, para não acessar suas dores, inseguranças ou sonhos adiados. Isso reflete uma construção familiar cheia de pudores e convenções, as quais são passíveis de justificar uma parte das limitações construídas na gênese familiar. Assim como são apresentadas as amarras construídas na mãe de Emília, demonstrado a seguir,

Las preguntas de lado y lado se fueron convirtiendo en las mismas, pero su mamá no oía sus respuestas sino que seguía haciendo las suyas, cómo durmieron, tienes mucho trabajo, a donde es que viajas, o hablando de la mañana lluviosa, de la mañana soleada, de cómo está oscureciendo de temprano. Jamás una queja, eso sí, porque fue una mujer de ánimo templado a pesar del dolor en los huesos, de sus insomnios, del peso del mal humor de su

¹² A história não flui; articula-se com uma dificuldade que parece nascer de uma memória inconstante, embora Emília descubra que essa hesitação nada mais é do que ceticismo em relação à sua própria narrativa. E timidez: o pai nunca gostou de falar sobre si mesmo. O pai, a mãe, os irmãos, os perdidos, tudo surge como num espetáculo de sombras, leves, distantes, sem relevo. Um mundo fantasmagórico que se torna um pouco mais concreto quando diz que gostou da ópera, mas que há anos ninguém vê. Emília sente que esses breves dados são o muro de contenção que seu pai usa para evitar que as emoções, a dor de ser órfão, sabe-se lá que incertezas ou sonhos adiados transbordem.

marido, que para entonces apenas si le dirigía la palabra. Y no porque no la quisiera, pensaba Emilia – aunque quién sabe qué es querer cuando se lleva tanto tiempo juntos – sino porque su cabeza siempre concentrada en otra cosa apenas si registraba la presencia de su mujer, a la que sentía tan naturalmente suya como la billetera en el bolsillo interior de su chaqueta. (BONNETT: 2022, p. 27).¹³

Emília, ao descrever um momento com sua mãe, mostra como esta tem características passivas, narrando uma mulher que viveu em prol do casamento e da voz masculina – , assim como tantas outras mulheres, que se dedicaram aos cuidados do marido e dos filhos, em uma situação opressora, condicionada a um modo de “dever ser”; mesmo que essa vivência seja capaz de provocar dor de algum modo – a elas é atribuído a ideia de destino. Ao homem é atribuído o poder de governar o mundo e a mulher a entrega para a família. Assim tem se passado de geração em geração, mesmo que para o contrário não haja uma proibição legal.

Emília continua trazendo o recôndito de sua mãe.

¿A qué hora nací yo, mamá? La madre contó que un jalón le arrancó un gemido y le dejó las piernas empapadas. Y que cuando le anunció a su marido, con voz incierta, que su hijo iba a nacer, este se alteró: imposible. Ese no era el día indicado. Ninguno le habría servido, comentó la madre, irónica y amarga. Así que llamaron a la comadrona, que la instaló en el parto, y su marido salió a cumplir con su deber, porque tenía un trabajo nuevo y no quería que pensarán que era irresponsable.

Emília ve a su madre en una cama enorme, e imagina baldes con agua caliente y trapos empapados, como en las películas. Ella va a nacer, pero no nace. Los huesos de las caderas de la joven crujen, en la cintura el dolor está instalado como una barra candente, y dilata muy despacio, dice la comadrona, no es raro en las primerizas. Pero las horas pasan, los dolores arrecian, y la joven empieza a vomitar y a ver cosas extrañas, círculos demenciales y oscuridades por las que se desliza con una sensación de vértigo. El chico de los mandados corre a llamar al médico, las cosas no están saliendo bien y la madre ya no resiste un minuto más. Ahora grita sin pudor, el cuerpo helado, la frente hirviendo. Ya ha empezado a anochecer y la luz de la habitación le hiere los ojos.¹⁴ . (BONNETT: 2022, p.29).

¹³ As perguntas de um lado para o outro ficaram iguais, mas a mãe dela não ouviu as respostas e continuou perguntando, como você dormiu, você tem muito trabalho, para onde você está viajando, ou falando sobre a manhã chuvosa, a manhã ensolarada, como está escurecendo cedo. Nunca uma reclamação, claro, porque era uma mulher de espírito temperante, apesar das dores nos ossos, da insônia, do peso do mau humor do marido, que naquela época mal falava com ela. E não porque ele não a amasse, pensou Emília - embora quem sabe o que significa amar quando se está há tanto tempo juntos - mas porque a cabeça dele, sempre focada em outra coisa, mal registrava a presença da esposa, que ele sentia tão naturalmente sua como a carteira no bolso interno do paletó.

¹⁴ A que horas nasci, mãe? A mãe contou que um puxão a fez gemer e deixou as pernas encharcadas. E quando ela anunciou ao marido, com voz incerta, que seu filho iria nascer, ele ficou chateado: impossível. Esse não foi o dia certo. Nenhum deles teria sido útil, comentou a mãe, irônica e amarga. Então chamaram a parteira, que preparou o parto, e o marido dela saiu para cumprir o seu dever, porque tinha um novo emprego e não queria que as pessoas pensassem que ele era irresponsável. Emília vê a mãe numa cama enorme e imagina baldes de água quente e panos encharcados, como nos filmes. Ela vai nascer, mas não nasce. Os ossos do quadril da jovem rangem, na cintura a dor se instala como uma barra em chamas e se dilata muito lentamente, diz a parteira, o que não é incomum nos primeiros partos. Mas as horas passam, a dor piora e a jovem começa a vomitar e a ver coisas estranhas, círculos insanos e trevas pelas quais desliza com uma sensação de vertigem. O rapaz de recados corre para chamar o médico, as coisas não vão bem e a mãe não resiste nem mais um minuto. Agora ele grita descaradamente, o corpo congelado, a testa fervendo. Já começou a escurecer e a luz do quarto machuca seus olhos.

E assim, encontra nas minúcias duas dores, uma subjetiva e outra física, quando sua mãe a descreve o momento de seu parto. A primeira é decorrente do sentimento de estar sozinha, ainda que legalmente acompanhada. Em um trabalho de parto, sendo deixada apenas com a parteira, sem a ajuda de mais ninguém e com a tergiversação de seu marido – a mulher é lançada para aquilo que parece ser apenas de sua responsabilidade.

Para enfatizar a delicadeza desse momento, Emília retrata em sua imaginação como teria sido o momento em que sua mãe passou pelo trabalho de parto, o qual traz detalhes profundos do quão pode ser doloroso, perigoso e até mesmo letal para a mulher e a criança. Assim, demonstra, de um lado, a pequena importância dada do pai quanto ao trabalho árduo e decisivo do parto, quanto ao sofrimento que este pode causar – o quanto é um momento sensível e importante. Porém, essa sensibilidade é deixada de lado pelo pragmatismo do homem cujas responsabilidades externas são priorizadas.

A vulnerabilidade feminina é potencializada quando à mulher não é ofertado o apoio adequado e, neste momento, há um acréscimo do desgaste causado pela indiferença.

También le contó la madre que, durante su luna de miel, cuando ella buscaba infructuosamente un baño mientras recorrían las calles del balneario triste que habían escogido para pasar una semana, su reciente marido le había dicho yo no te traje aquí a orinar.

¿Te traje? Emilia se había quedado con la boca abierta.

Mamá, ¿por qué no te separaste?

Ay, Emilia, separar...

¿Cuántos años tenías?

Dieciocho. Y bajando mucho la voz: ¿sabes? Un día me dio una palmada por hablarle con ironía.

Una palmada. En la cara. Emilia oyó ese dato con verdadero pasmo. Pero cuando en otra ocasión quiso volver a hablar de aquella escena afrentosa, su madre, con ojos estupefactos y una sonrisa incrédula, negó el hecho. De dónde sacaste eso Emilia, por Dios.¹⁵ (BONNETT: 2022, p. 30).

Diante de indagações de Emília à sua mãe, esta traz à tona momentos de violência sofrida por seu marido. Relata um momento de violência psicológica e outro física sem

¹⁵ Sua mãe também lhe contou que, durante a lua de mel, quando ela procurava sem sucesso um banheiro enquanto caminhavam pelas ruas do triste resort onde haviam escolhido passar uma semana, seu recente marido lhe disse: "Eu não trouxe você aqui para urinar."

Eu trouxe você? Emília ficou de boca aberta.

Mãe, por que você não terminou?

Ah, Emília, separar...

Quantos anos tinhas?

Dezoito. E baixando bastante a voz: sabe? Um dia ele me deu um tapa por falar ironicamente com ele.

Uma palmada. No rosto. Emília ouviu esta informação com verdadeiro espanto. Mas quando em outra ocasião ela quis falar novamente daquela cena vergonhosa, sua mãe, com olhos atordoados e um sorriso incrédulo, negou o fato. De onde você tirou isso, Emília, pelo amor de Deus.

nenhuma menção a qualquer tipo de revolta perante os acontecimentos. Emília indigna-se com a situação e questiona à sua mãe o porquê de ela não ter se separado. Porém, separar-se nunca foi uma opção para ela. O casamento sempre representou uma força simbólica e concreta na vida das mulheres, além de uma valorização moral, ele tem sido uma das únicas fontes de sobrevivência delas. Quanto mais remoto o tempo, mais a indispensabilidade dessa instituição. E isso implica em aceitação e sublimação da violência e opressão sofrida pelas mulheres, visto que o mais importante seria manter a ideia da capacidade de manutenção e valorização da família em detrimento do preconceito que uma mulher solteira ou separada poderia viver; como pode ser verificado nas palavras de Beauvoir (2016),

[...] para ambos os cônjuges, o casamento é a um tempo um encargo e um benefício, mas não há simetria nas situações; para as jovens, o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficarem solteiras, tornam-se socialmente resíduos. Eis por que as mães sempre procuravam tão avidamente casá-las. Na burguesia do século XIX mal as consultavam. Eram oferecidas aos pretendentes eventuais em “entrevistas” combinadas de antemão. (BEAUVOIR: 2016, p.187).

A sociedade não costuma olhar para a violência e opressão da mulher, mas valoriza extremamente o bem e a manutenção da instituição familiar, mesmo que isso a escravize, mesmo que ela nunca possa alcançar seu âmagô, já que tende a viver pelo e para os outros dentro de uma formação institucional aceitável. O peso dessa moral sempre foi muito maior às mulheres que tiveram por muitos séculos a única opção de permanecer, enquanto aos homens sempre foi permitido sair e voltar. Assim como também há mais liberdade para o homem sobre a escolha de se casar, quando se casar e de permanecer solteiro, como dito abaixo,

Os rapazes casam-se, resolvem casar. Buscam no casamento uma expansão, uma confirmação de sua existência, mas não o direito mesmo de existir: é um encargo que assumem livremente. Podem, portanto, interrogar-se acerca de suas vantagens e inconvenientes como fizeram os satíricos gregos e os da Idade Média; isto é para eles um modo de vida apenas, não um destino. É permitido a eles preferir a solidão do celibato, alguns casam-se tarde ou não se casam. (BEAUVOIR: 2016, p.189).

Com total consciência dessa situação, os homens usam os seus poderes de modo a lembrarem às suas mulheres de que elas deveriam permanecer em seus lugares de submissão. Assim – *“Y bajando mucho la voz: ¿sabes? Um día me dio una palmada por*

hablarle con ironia” – fala a mãe de Emília, que ao tentar se sobressair com o uso de uma ironia, foi rapidamente atacada pelo seu opressor.

O poder também serve para aprisionar o outro, para dominá-lo em prol de seus desejos; serve para nunca se perder os privilégios – tendo em vista o medo de ser oprimido e não mais o opressor, ou mesmo que a liberdade de todos possa ameaçar-lhe a ter o árduo trabalho da conquista puramente meritosa para garantir companhias.

Com efeito, Beauvoir diz que

O mundo sempre pertenceu aos machos. Nenhuma das razões que nos propuseram para explicá-lo nos pareceu suficiente. É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu. Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. (BEAUVOIR: 2016, p.96).

Toda essa força histórica masculina persiste em diversificadas formas, assim, abaixo, tem-se uma passagem que narra um exemplo desse domínio, ainda que, parecendo ser sutil, demonstra o quão maligno é a sobreposição de um ser ao outro.

Y allá terminó, en ese almacén resplandeciente donde exhiben cocinas de lujo. No le resultaba fácil escoger entre una enteramente blanca, otra gris con mesón negro vetado, otra de fórmica roja – como para gente más joven, opino el marido – y muchas otras niqueladas, minimalistas, nórdicas, clásicas, todas muy caras, carísimas, aunque el marido le explicaría después que Rozo, el que ella llamaba maestro, en realidad era un antiguo trabajador de la empresa que fabricaba esas cocinas y que había puesto hace poco la suya propia y usaba los mismos herrajes, los mismos enchapes, todo idéntico, sólo que mucho más barato, le dijo. En un mes tendrían una cocina nueva, higiénica, llena de módulos adaptables, como la de su hermano, y ella iba a ver qué diferencia, qué comodidad y qué cambio.

Lo que su marido olvidaba, pensó entonces Emilia, es que ella no es amiga de los cambios. Sí, se adapta, pero con una incomodidad que la vuelve irascible. Mucho menos que su padre, sin duda, tan dado a las rutinas y a la parálisis, razón por la que casi nunca salieron de vacaciones en familia, porque viajar era para él abrir una puerta a la incertidumbre, a la ansiedad, al malestar. Como su padre, lo que le gusta a Emilia es la paz de *lo mismo*, pero para que *lo mismo* le garantice que sea ella la que pueda cambiar, para que su pensamiento pueda estar en movimiento continuo en *lo que quiere*, para que pueda hundirse como un hurón en la madriguera de sus obsesiones.¹⁶ (BONNETT: 2022, p.33).

¹⁶ E aí acabou, naquele armazém reluzente onde expõem cozinhas luxuosas. Não foi fácil para ele escolher entre uma totalmente branca, outra cinza com bancada com veios pretos, outra de forma vermelha – como para os mais jovens, na opinião do marido – e muitas outras niqueladas, minimalistas, nórdicas, as clássicas, todas muito caras, muito caras, embora o marido lhe explicasse mais tarde que Rozo, aquele a quem ela chamava de mestre, era na verdade um ex-funcionário da empresa que fabricava aquelas cozinhas e que recentemente instalou a sua própria e usou o mesmo hardware, os mesmos folheados, tudo idêntico, só que muito mais barato, ele disse a ele. Em um mês teriam uma

Nesta passagem, Emília narra como o marido age ao fazer escolhas de modo que as opiniões dela não são levadas em consideração. Quanto à reforma da cozinha, ela deixa claro que não é algo que lhe agrada, mas ele não faz questão de se preocupar com isso. Emilia deseja ficar sossegada em seu ambiente, prefere a paz e a tranquilidade em sua rotina do que eventos imprevisíveis e desconfortáveis. Contudo, a voz que predomina é a de seu marido, que demonstra muita empolgação nesta reforma, já que costuma copiar as ações de seu irmão, com o desejo de não o deixar se sobressair.

A situação em destaque figura na maneira como se postam o homem e a mulher em um suposto conflito de interesses, bem como de serem ambos casados, compartilhando uma vida e diversas decisões, as quais há a predominância de um silenciamento inquestionável da voz feminina. Esse silenciamento é cotidiano, paulatino, com a função determinante de invadir o ser receptivo ao ponto de este já não mais reagir. Assim sendo, Beauvoir (2016) afirma que,

O casamento incita o homem a um imperialismo caprichoso: a tentação de dominar é a mais universal, a mais irresistível que existe; entregar o filho à mãe, entregar a mulher ao marido é cultivar a tirania na terra; muitas vezes não basta ao esposo ser aprovado, admirado, aconselhar, guiar: ele ordena, representa o papel soberano. Todos os rancores acumulados em sua infância, durante sua vida, acumulados cotidianamente entre os outros homens cuja existência o freia e fere, ele descarrega em casa, acenando para a mulher, com sua autoridade; mima a violência, a força, a intransigência: dá ordens com voz severa, ou grita, bate na mesa; essa comédia é para a mulher uma realidade cotidiana. (BEAUVOIR: 2016, p.250).

Por conseguinte, Emília descreve mais uma característica destinada às mulheres, como princípio da boa conduta e da valorização feminina, que é a forma bondosa de como Angélica, sua irmã, costuma agir.

En Angélica la bondad y la culpa van mezcladas en proporciones idénticas, como las de esos smoothies espesos y helados que apenas si se pueden tragar. Emilia es testigo de cómo se entrega a la buena causa del día con una generosidad de resistencia, y también de cómo estira el caucho de su capacidad de resistencia, y también de cómo la va rindiendo su esfuerzo perpetuo, cómo controla su irritación hasta donde puede, sonriendo con impaciencia, los ojos entornados como los de los borrachos al borde del sueño, hasta que el caucho no resiste más y se zafa de golpe, haciendo que todos a su alrededor se

cozinha nova, higiênica, cheia de módulos adaptáveis, como a do irmão, e ela iria ver que diferença, que conforto e que mudança.

O que o marido esqueceu, pensou Emília então, é que ela não é amiga da mudança. Sim, ela se adapta, mas com um desconforto que a deixa irascível. Muito menos que o pai, sem dúvida, tão dado às rotinas e à paralisia, por isso quase nunca saíam de férias com a família, pois viajar era para ele abrir uma porta para a incerteza, a ansiedade e o desconforto. Tal como o pai, o que Emília gosta é da paz do mesmo, mas para que garanta que é ela quem pode mudar, para que os seus pensamentos possam estar em movimento contínuo naquilo que ela quer, para que ela possa afundar como um furão no covil de suas obsessões.

paralicen. Los suyos, como los estallidos de pólvora, son fugaces y vistosos, y todo el mundo les teme, incluidos sus hijos, que siempre parecieran acercarse a ella con cautela, con una conciencia temblorosa de cada palabra y cada gesto suyo, y de que es el precio a pagar por lo que reciben.¹⁷ (BONNETT: 2022, p. 35).

A irmã de Emília carrega o arquétipo da mulher generosa, aquela que cuida de todos à sua volta, e como entrega todas as suas forças a essa tarefa. Angélica doa-se aos outros e costuma controlar sua irritação até quando pode, não mostrando as insatisfações que podem lhe surgir.

Para calmar la ansiedad y la culpa, Emilia se sienta al computador. Las mujeres en la Amazonía, escribe, se suicidan tomando detergente, bebiendo barbasco, se ahorcan. Por la violencia del padre, de los maridos, de los docentes contra sus alumnas. Porque en los hombres hay abuso de alcohol, bigamia, violencia sexual. Emilia se sumerge en las cifras, pero quiere zafarse de ellas, encontrar la manera de hacer vivo el relato de lo que le contaron allá, en el lugar escondido donde parte de la comunidad se refugió en uno más de sus éxodos. Quiere hacer viva la voz de Uriana, que agachó la cabeza y le mostró la cicatriz, rosada y gruesa que la marca como infiel, donde nunca volverá a crecer el pelo, La Omaira, a la que el marido le amputó los dedos por burlarse de él delante de sus amigas. La de Una, a la que su padrastro violó durante seis años, y que nunca fue castigado por los jefes del resguardo. Escoge las palabras con la concentración de los que tienen miedo de errar, tratando de no perder la contundencia, y paladeando la dificultad, que es la droga que la pone a volar cuando escribe. Y mientras lo hace, la realidad se va convirtiendo en irrealidad, es decir, en lenguaje. Ya no le importan tanto Uriana, ni Omaira, ni Una, sino cada frase, cada palabra, el poder que ellas le dan. A su cabeza llega, de forma arbitraria, la frase que el Gato le dice a Alicia: <¡Siempre llegarás a alguna parte si caminas lo suficiente!>. (BONNETT: 2022, p. 35-36).¹⁸

¹⁷ Em Angélica, bondade e culpa se misturam em proporções idênticas, como aquelas daquelas vitaminas espessas e geladas que você mal consegue engolir. Emília testemunha como ela se dedica à boa causa do dia com generosidade de resistência, e também como ela estica a borracha da sua capacidade de resistência, e também como o seu esforço perpétuo falha, como ela controla a sua irritação na medida em que ela can., sorrindo impacientemente, os olhos semicerrados como os de um bêbado à beira do sono, até que a borracha não aguenta mais e se solta, paralisando todos ao seu redor. As dela, como as explosões de pólvora, são fugazes e coloridas, e todos as temem, inclusive seus filhos, que sempre parecem se aproximar dela com cautela, com uma consciência trêmula de cada palavra e gesto seu, e de que é o preço a pagar pelo que eles receberem.

¹⁸ Para acalmar a ansiedade e a culpa, Emília senta-se diante do computador. As mulheres na Amazônia, escreve ela, suicidam-se bebendo detergente, bebendo barbasco, enforcam-se. Por causa da violência de pais, maridos e professores contra seus alunos. Porque nos homens há abuso de álcool, bigamia, violência sexual. Emília mergulha nas figuras, mas quer fugir delas, para encontrar uma forma de dar vida à história do que lhe foi contado ali, no lugar escondido onde parte da comunidade se refugiou em mais um dos seus éxodos. Ele quer dar vida à voz de Uriana, que abaixou a cabeça e lhe mostrou a cicatriz, rosada e grossa que a marca como infiel, onde seus cabelos nunca mais crescerão, La Omaira, cujo marido amputou seus dedos por zombar dela ...ele na frente de seus amigos. A de Una, que foi estuprada pelo padrastro durante seis anos e que nunca foi punido pelos líderes da reserva. Ela escolhe as palavras com a concentração de quem tem medo de errar, tentando não perder a contundência e saboreando a dificuldade, que é a droga que a faz voar ao escrever. E enquanto isso acontece, a realidade se torna irrealidade, isto é, linguagem. Ela já não se preocupa tanto com Uriana, ou Omaira, ou Una, mas sim com cada frase, cada palavra, o poder que lhe dão. A frase que o Gato diz para Alice vem à sua cabeça, arbitrariamente: <Você sempre chegará a algum lugar se caminhar bastante!>.

Emília sente-se culpada, talvez por não ter a mesma generosidade que a irmã, ou por não querer se dedicar aos outros como ela o faz. Assim, encontra refúgio em seu trabalho, em que pode se ver uma mulher diferente, com uma parte de si própria. Ademais, retrata uma escrita sobre a vivência das mulheres, o que a coloca em um nível de reflexão acima do comum. Contudo, é mais provável que ela tenha clareza das crueldades sofridas por outras mulheres do que a consciência exata da violência que ela mesma sofre.

E segue refletindo sobre seus pais e o modo como são as relações.

¿Qué había unido a sus padres? Seguro que no el amor, tal y como Emilia lo entendía, ni tampoco el recuerdo del amor, porque hasta donde ella había podido captar por los relatos medio trancos de su madre, se habían casado sin saber qué era el enamoramiento. Los dos habían sido apuestos, según se veía en la única fotografía del día de su matrimonio – la madre con un gesto adolescente que la acompañó hasta la muerte, el padre con la frente alta de los melancólicos y unos ojos rizados –, y los dos habían estado convencidos, seguramente, de que con estoicismo y buena disposición se puede durar toda la vida en un matrimonio. Pronto aquel pacto tácito había derivado en una cotidianidad áspera y fatigosa, como una pared escoriada por la que hay que trepar cada día hiriéndose las manos. En la incondicionalidad perenne de su madre, en su incapacidad de rebeldía, Emilia creía reconocer un mandato transmitido de abuela en abuela. También su madre las instaba a ella y a su hermana a la sumisión, a aceptar que el mundo tiene un orden y que revolve contra él sólo puede traer insatisfacción y desdicha. Tan hecha estaba la madre a la idea de que *las cosas son así*, que ni siquiera sentía culpa de haber renunciado a todas sus libertades. Y en el apego del padre, que iba acompañado de pequeñas crueldades que cometía con naturalidad asombrosa y sin ninguna mala conciencia, reconocía esa extraña capacidad que tienen tantos hombres de erigirse como patrones o patriarcas mientras se comportan, sin aparente contradicción, como hijos incapaces. Qué jamás se oyera un grito entre sus padres no quería decir nada. La espesa resistencia de cada día terminaba por disolverse entre las bromas de la madre, su recurso de supervivencia, o en la voz exasperada o quejosa del padre. Y en la persistencia estoica de los dos en un destino en el que la costumbre de los días sin sobresaltos había reemplazado pronto la idea de felicidad.¹⁹ (BONNETT: 2022, p. 38-39).

¹⁹ O que uniu seus pais? Certamente não o amor, como Emília o entendia, nem a lembrança do amor, porque pelo que ela conseguiu deduzir das histórias meio truncadas da mãe, eles se casaram sem saber o que era se apaixonar. Os dois eram lindos, como se via na única fotografia do dia do casamento – a mãe com gesto de adolescente que a acompanhou até a morte, o pai com a testa alta dos olhos melancólicos e encaracolados –, e os dois certamente estavam convencidos de que com estoicismo e boa disposição você pode durar a vida toda no casamento. Logo aquele pacto tácito levou a um cotidiano duro e cansativo, como um muro cheio de crostas que você tem que escalar todos os dias, machucando as mãos. Na perene incondicionalidade da mãe, na sua incapacidade de rebelar-se, Emília acreditou reconhecer um mandato transmitido de avó para avó. A sua mãe também exortou ela e a sua irmã a submeterem-se, a aceitarem que o mundo tem uma ordem e que a revolta contra ela só pode trazer insatisfação e miséria. A mãe estava tão acostumada com a ideia de que as coisas eram assim, que nem se sentia culpada por ter renunciado a todas as suas libertades. E no apego do pai, que foi acompanhado de pequenas crueldades que cometeu com espantosa naturalidade e sem qualquer peso de consciência, reconheceu aquela estranha capacidade que tantos homens têm de se estabelecerem como patrones ou patriarcas ao mesmo tempo que se comportam, sem aparente contradição, como filhos incapazes. O fato de eles nunca terem ouvido um grito entre os pais não significava nada. A resistência espessa de cada dia acabou se dissolvendo entre as piadas da mãe, seu recurso de sobrevivência, ou na voz exasperada ou queixosa do pai. E na persistência estoica dos dois num destino em que o costume dos dias sem surpresas logo substituiu a ideia de felicidade.

Neste trecho, Emília narra minuciosamente a situação de uma mulher no contexto de sua mãe. O modo como as relações eram impostas sem qualquer liberdade de escolha, ou seja, a imposição do casamento e a construção da família, além da obrigatoriedade de permanecer juntos, mesmo vivendo situações desgastantes. Enfatiza sobre a ordem de submissão passada de geração em geração e a resistência em revoltar-se contra esse sistema.

As relações não eram baseadas no amor, mas nas convenções, traçadas como uma necessidade; principalmente para a sobrevivência das mulheres, as quais eram limitadas quanto à independência financeira. A falta de revolta feminina neste contexto decorre principalmente da primazia do casamento bem sucedido em detrimento de qualquer outro destino. Pode ser considerado que um dos maiores medos das mulheres era o de não se casar ou de serem abandonadas por seus maridos. Quando isso acontecia, os seus valores eram reduzidos ao nada e, frequentemente eram objeto de preconceito e chacota, como expresso no ditado popular “ficou para tia”, no sentido de que quanto mais velha for a mulher que ainda não tem um parceiro, só lhe restará ser *titia* e não mãe. Essa expressão traz um sentido pejorativo maior do que a literalidade de não ser mãe, mas, ironicamente, reflete a incapacidade de a mulher “conseguir” um parceiro/amor/casamento.

Emilia aduz que “[...] *los dos habían estado convencidos, seguramente, de que con estoicismo y buena disposición se pude durar toda la vida en un matrimonio. Pronto aquel pacto tácito había derivado en una cotidianidad áspera y fatigosa, como una pared escoriada por la que hay que trepar cada día hiriendo-se las manos.*”. Para os dois, o que bastaria era permanecerem unidos por essa instituição, mesmo que isso custasse dores cotidianas, como descreve a narradora.

Ela ainda reflete sobre a submissão de sua mãe ao mencionar que: *En la incondicionalidad perene de su madre, en su incapacidad de rebeldía, “Emilia creía reconocer un mandato transmitido de abuela em abuela. También su madre las instaba a ella y a su hermana a la sumisión, a aceptar que el mundo tiene un orden y que revolverse contra él sólo puede traer insatisfacción y desdicha”*. Os ensinamentos às mulheres têm como prioridade os cuidados – de modo incondicional aos outros – e, assim, recaem sobre a casa e a família e todas as outras construções femininas recebem valor secundário. O amor e cuidado doado pelas mulheres tornam-se parte delas, antes mesmo de elas descobrirem o que gostariam de priorizar em suas vidas, e, considerando ser o “certo”, tendem a transmitir esse legado de geração em geração.

“Tan hecha estaba la madre a la idea de que las cosas son así, que ni siquiera sentía culpa de haber renunciado a todas sus libertades.”. “As coisas são assim” – assim pensam as mulheres sobre sua “condição”, mas dificilmente refletem que estão inseridas em uma “situação” – a qual é imposta por um sistema dominante que jamais gostaria de perder essa posição.

Conforme Beauvoir,

Só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha e idêntica a ela. É a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. Mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão. Mas o escravo no seu trabalho e no seu medo sente-se, ele também, como essencial e, em virtude de uma reviravolta dialética, é o senhor que a ele se apresenta como inessencial. O drama pode ser resolvido pelo livre reconhecimento de cada indivíduo no outro, cada qual pondo, a um tempo, a si e ao outro como objeto e como sujeito em um movimento recíproco. (BEAUVOIR: 2016, p.199-200).

Nas palavras da autora, o escravo se vê essencial nesta condição, e esse é o peso da sua existência. É a existência do outro que impede a verdadeira descoberta do “eu” e que toda consciência aspira em ser o sujeito soberano. Portanto, sentindo-se valorizado na posição de submissão, o escravo tende a ver esse o sentido da sua existência. O que mudaria essa dialética, seria o indivíduo colocar-se tanto quando sujeito como objeto em um movimento recíproco, pois assim, poderia enxergar seus domínios e limitações.

Não obstante, para uma mudança de paradigma, necessário seria compreender que revoltar-se também caminha em direção a renúncias e requer uma força resistente e duradoura. Assim, permanecer, às vezes, pode ser uma justificativa para uma felicidade velada.

É comum destinar uma supervalorização ao homem apenas por ser homem. Desse modo, é natural que as mulheres vejam neles o seu maior sustentáculo, ao ponto de não reconhecerem suas “pequenas crueldades” como ataques violentos; do mesmo modo, eles adquirem uma postura controladora, soberana e são incapazes de se perceberem exorbitantes de seus limites - *“Y en el apego del padre, que iba acompañado de pequeñas crueldades que cometía con naturalidad asombrosa y sin ninguna mala conciencia, reconocía esa extraña capacidad que tienen tantos hombres de erigirse como patrones o patriarcas mientras se comportan, sin aparente contradicción, como hijos incapaces.”*; *“Que jamás se oyera un grito entre sus padres no quería decir nada. La espesa*

resistencia de cada día terminaba por disolverse entre bromas de la madre, su recurso de supervivencia, o en la voz exasperada o quejosa del padre. Y en la persistencia estoica de los dos en un destino en el que la costumbre de los días sin sobresaltos había reemplazado pronto la idea de felicidad”.

Emília, ao narrar esta reflexão, denuncia a violência silenciosa a qual sua mãe foi submetida em toda a vida. Porém, a narradora, que também não está confortável em sua vida, representa mulheres que vivem em um limiar entre a liberdade e a submissão imposta, já que, com tanta consciência – não consegue se integrar a si mesma.

¿Y el deseo? Sólo ahora Emilia se permite pensar en la sexualidad de sus padres, y no sin cierta reticencia. ¿Habría deseado su madre a alguien más, alguna vez? ¿Con qué prisa, de ser así, habría sofocado sus pensamientos, negándose cualquier estremecimiento, aterrada de la pulsión de su cuerpo y del delirio de su cabeza? El adulterio para su madre fue siempre un tabú, un tema que la hacía bajar la voz, avergonzada, como si ella misma peligrara arrastrada por las palabras.²⁰ (BONNETT: 2022, p. 40).

A sexualidade feminina, por muitos séculos, foi considerada um tabu e oprimida como forma de controle do corpo da mulher. Elas não puderam se permitir a muitos prazeres da mesma forma que os homens vivenciaram, sem qualquer forma de opressão. As origens podem estar relacionadas, dentre outros, a uma educação severa, o medo do pecado, o sentimento de culpabilidade e a valorização da virgindade. Assim,

*Desde as civilizações primitivas até os nossos dias sempre se admitiu que a cama era para a mulher um “serviço” ao qual o homem agradece com presentes ou assegurando-lhe a manutenção: mas servir é ter um senhor; não há nessa relação nenhuma reciprocidade. A estrutura do casamento, como também a existência das prostitutas, é prova disso: a mulher *se dá*, o homem a remunera e possui. Nada impede o homem de dominar e possuir criaturas inferiores, os amores ancilares sempre foram tolerados, ao passo que a burguesa que se entrega a um jardineiro, a um motorista, degrada-se socialmente. (BEAUVOIR: 2016, p.126).*

São muitas as diferenças na sexualidade para homens e mulheres, visto que a construção histórica envolvendo as mulheres, situam-na em posição de servir, de agradar ao macho, como um dever a ser cumprido; por outro lado, o prazer feminino foi pouco colocado em questão - não sendo relevante diante da primazia masculina, visto que para

²⁰ E o desejo? Só agora Emília se permite pensar na sexualidade dos pais, e não sem alguma relutância. Será que sua mãe algum dia teria desejado outra pessoa? Com que pressa, se assim fosse, ela teria sufocado seus pensamentos, negando-se a qualquer tremor, aterrorizada com o impulso em seu corpo e o delírio em sua cabeça? O adultério para sua mãe sempre foi um tabu, um tema que a fazia baixar a voz, envergonhada, como se ela mesma corresse o risco de ser arrastada pelas palavras.

o homem, a sexualidade madura segue determinado padrão, há objetivação do prazer erótico, a ereção é expressa; sexo, mãos, boca, o homem volta-se com todo o corpo para a parceira, mas permanece no centro dessa atividade, como em geral o sujeito em face dos objetos que percebe e dos instrumentos que manipula; projeta-se para o outro sem perder sua autonomia; a carne feminina é, para o homem, uma presa [...]. (BEAUVOIR: 2016).

De passagem da mãe para a filha, compreende-se algumas mudanças de comportamento, mas não radicalmente libertadoras da valorização do masculino em detrimento da imanência feminina. Emília narra momentos limiares entre uma busca singular da existência e a invasão da força masculina.

Emilia siempre se enamoró de mediocres con discursos intelectuales, de tipos casados, de egoístas divertidos y de atormentados que en un segundo se volvían maltratadores. Con ellos, más tarde o más temprano, sí se atrevió a romper. Ella acababa de cumplir veintidós cuando se enamoró de Rubén, un hombre que le llevaba nueve años. Le gustaron sus manos grandes y su temperamento pasional, que Emilia interpretó como sensibilidad sofocada. A Rubén, sin embargo, le gustaba beber, y cuando empezaba a emborracharse ella se sentía con un desconocido. Un día que discutieron a la salida de una de una fiesta, él arrancó en su carro dejándola parada en la acera. Era la una de la mañana y ella tuvo que volver a entrar a la fiesta. Todavía hoy recordaba, con un bochorno que le incendiaba la cara, el silencio de los pocos invitados restantes, la imagen del grupo congelada en un gesto de estupefacción antes de que la acción volviera a correr y el ruido ahogara su llamada pidiendo un taxi. Renunció a verlo. Un año y medio después, sin embargo, se encontraron en la calle, se tomaron un café y volvieron a tener sexo. Pasaron los meses, Emilia quedó embarazada y empezaron a hacer planes para irse a vivir juntos. A ella le daba tristeza abandonar el apartaestudio que había alquilado apenas un año antes, pero Rubén vivía en un lugar más grande y con una pequeña terraza, de modo que decidieron que en dos meses Emilia sería la que se mudaba. Para celebrar su decisión hicieron un viaje a Boyacá, a una vieja hacienda campestre al lado de una laguna.²¹ (BONNETT: 2022, p. 49-50).

²¹ Emília sempre se apaixonou por pessoas medíocres com discursos intelectuais, por homens casados, por egoístas engraçados e por pessoas atormentadas que em um segundo se tornaram abusivas. Com eles, mais cedo ou mais tarde, ela se atreveu a terminar. Ela tinha acabado de completar vinte e dois anos quando se apaixonou por Rubén, um homem nove anos mais velho que ela. Gostava das mãos grandes e do temperamento apaixonado, que Emília interpretava como uma sensibilidade reprimida. Rubén, porém, gostava de beber e quando começou a ficar bêbado ela sentiu um estranho. Um dia, quando eles discutiram do lado de fora de uma festa, ele saiu dirigindo seu carro, deixando-a parada na calçada. Era uma da manhã e ela teve que entrar novamente na festa. Ainda hoje se lembrava, com um constrangimento que lhe queimava o rosto, do silêncio dos poucos convidados que restavam, da imagem do grupo congelada num gesto de estupefação antes de a ação recomeçar e o barulho abafar o seu pedido de táxi. Ela desistiu de o ver. Um ano e meio depois, porém, eles se encontraram na rua, tomaram um café e voltaram a fazer sexo. Os meses se passaram, Emília engravidou e começaram a fazer planos para morar juntos. Ela ficou triste por deixar o seu apartamento que havia alugado há apenas um ano, mas Rubén morava em um lugar maior com um pequeno terraço, então decidiram que em dois meses seria Emília quem se mudaria. Para comemorar a decisão fizeram uma viagem a Boyacá, uma antiga propriedade rural próxima a uma lagoa.

Portanto, apesar de ser de uma geração diferente de sua mãe, Emília também não escapa ao direcionamento de sua vida para a sujeição ao masculino. Mesmo que não tenha sido obrigada a se casar, havia um pesar em deixar a sua vida iniciada para a independência. Mesmo com a gravidez, ela poderia ter escolhido diferente, mas o peso simbólico sobre uma mãe solo é grande, tanto que dificilmente possibilita à mulher se quer pensar em possibilidades diferentes de um casamento, ainda que, na maioria das vezes, carregue todas as responsabilidades sobre a criança.

A seguir, ela mostra um dos momentos cotidianos em sua vida marital, uma manhã em que toma café com o marido, não demonstrando satisfação com a vida em que se depara.

Todas las mañanas Emilia y su marido bajan a la misma hora a hacerse el desayuno, antes de que Mima llegue. Cada uno hace el suyo a su manera, y comen en la mesita de pino, junto a la ventana por donde entra el sol pálido de la mañana, a menudo absortos todavía, como si no hubieran regresado de sus sueños. Cuando ella le advierte al marido que si sigue echando sal va a salar el huevo, él refunfuña. Si él la acusa de poner mucha mermelada sobre tu tostada, ella suspira y calla mientras mira hacia la calle. Los une una dependencia agresiva. Emilia echa de menos los días en que desayunaba sola, tomándose su tiempo, sin otros ojos encima, bebiendo su café con parsimonia, divagando. Ahora que su marido pasa muchas horas en la casa, siente que ya no se mueve a sus anchas, que hay territorios vedados y horarios que la incomodan. Él permanece en la cama hasta mediodía, cuando termina de leer la prensa, de llenar crucigramas, de hacer una siesta después del desayuno. La atmósfera se va cargando de olores muertos donde en otras épocas ya había a esas horas aire fresco.²² (BONNETT: 2022, p.63-64).

Nem todas as mulheres sentem-se felizes em dedicar-se ao lar, à maternidade ou ao casamento. O peso cotidiano dessas atividades pode ser fatal a algumas delas. Contudo, é provável que a reflexão sobre essas atividades só ocorra durante o processo e, assim, podem surgir sentimentos de inquietação e culpa por não por não sentirem o prazer esperado. Emília, frequentemente, percebe-se em um cotidiano não tão desejável, mesmo

²² Todas as manhãs, Emília e o marido descem na mesma hora para fazer o café da manhã, antes da chegada de Mima. Cada um faz o seu à sua maneira, e comem na mesinha de pinho, junto à janela por onde entra o pálido sol da manhã, muitas vezes ainda absortos, como se não tivessem regressado dos sonhos. Quando ela avisa o marido que se ele continuar adicionando sal vai salgar o ovo, ele resmunga. Se ele a acusa de colocar geleia demais na sua torrada, ela suspira e fica em silêncio enquanto olha para a rua. Eles estão unidos por uma dependência agressiva. Emília tem saudades dos dias em que tomava o café da manhã sozinha, sem pressa, sem outros olhares, tomando o café devagar, divagando. Agora que o marido passa muitas horas em casa, ela sente que já não se movimenta livremente, que existem territórios e horários proibidos que a incomodam. Ele fica na cama até meio-dia, quando termina de ler os jornais, preencher as palavras cruzadas e tirar uma soneca depois do café da manhã. A atmosfera está repleta de cheiros mortos onde em outras épocas já havia ar fresco naquela época.

que, para muitos, representa apenas o dia a dia comum de um casal. A ela a inquietação é saltante, sente falta de uma liberdade pouco admitida, a de estar só, em seu ritmo apenas, sem qualquer interferência, olhares ou determinantes de seu tempo.

Com efeito, para Beauvoir (2016),

Tais conflitos podem exasperar até provocarem uma ruptura. Mas, geralmente, embora recusando-lhe o domínio, a mulher deseja “conservar” o marido. Luta contra ele para defender sua própria autonomia e combate contra o resto do mundo para conservar a “situação” que a destina à dependência. Esse duplo jogo realiza-se com dificuldade, o que explica em parte o estado de inquietação e nervosismo em que numerosas mulheres passam a vida. (BEAUVOIR: 2016, p.255).

Ainda que a situação em que Emília se encontra pareça insustentável, e que demonstra inquietação, falta de prazer e reclamações para possíveis mudanças, ela permanece no mesmo lugar, apenas refletindo sobre os acontecimentos, mas não impele a um rompimento. E assim, ela segue em meio a suas reflexões.

Ya no puede precisar qué la enamoró de él. Pero cuando trata de pensarlo su cabeza se llena de imágenes: de sus manos, sus uñas delicadas, de lúnulas perfectas. De sus piernas larguísimas, que terminaban siempre en los mismos botines de gamuza, de distintos tonos. O del modo que tenía de resolver las cosas. Cómo vamos a llegar allá, preguntaba ella. No te preocupes, decía él, ya veremos. Lo imposible siempre lo hacía ver como posible, como esos coach que hoy cobran por hora, pero sin sus monsergas edificantes. Es muy brusco, había sentenciado su madre, que era una amante de las buenas maneras, algo que Emilia y sus contemporáneos detestaban a los veinticinco. Muy brusco era para ella sinónimo de varonil o de desprejuiciado. No recuerda, sin embargo, ni sus temas de conversación, ni sus gustos musicales, ni sus lecturas, como si el tiempo hubiera impreso con tinta indeleble su físico y en cambio hubiera desdibujado su espíritu. En cambio se acuerda muy bien de sí misma a los treinta, ardiendo en pasiones distintas, trabajando en revistas que no pagaban nada, jurando que nunca sería madre, e imaginando una vida en pareja que no tuviera nada que ver con la de sus padres. Recuerda también sus primeros años de matrimonio, su sencillo transcurrir, un carro de rodachinas bajando por una suave pendiente. El nacimiento de Pilar, su maternidad plena. Y de pronto el frenazo, la muerte de Pablo, los roces, los malentendidos. Se ve a sí misma al llegar a los cuarenta, una idiota que deambula por un centro comercial casi vacío para llegar a casa lo más tarde posible. Y como esa, cientos de escenas que juntas empezaron a desdibujar la aventura en pareja que había imaginado, y que desataron en ella un turbión de sentimientos contradictorios, que convirtieron su vida matrimonial en el *loop* infinito que ha sido, en subir y bajar incesante, hasta la náusea.²³ (BONNETT: 2022, p. 75-76).

²³ Ela não consegue mais identificar o que a fez se apaixonar por ele. Mas quando ela tenta pensar sobre isso, sua cabeça se enche de imagens: das mãos dele, das unhas delicadas, das unhas perfeitas. Das suas pernas muito compridas, que terminavam sempre nos mesmos botins de camurça, de diferentes tonalidades. Ou a maneira como ele teve que resolver as coisas. Como vamos chegar lá?, ela perguntou. Não se preocupe, disse ele, veremos. Ele sempre fez o impossível parecer possível, como aqueles treinadores que hoje cobram por hora, mas sem suas bobagens edificantes. Ele é muito abrupto, declarara a mãe, que era amante das boas maneiras, algo que Emília e seus contemporâneos detestavam aos 25 anos. Muito abrupto era para ela sinônimo de viril ou sem preconceitos. Ela não se lembra, porém, dos assuntos de suas conversas, de seus gostos musicais ou de suas leituras, como se o tempo tivesse impresso sua

Emília faz uma reflexão sobre o início de sua relação com seu marido e não se mostra contente com o desenrolar de sua vida conjugal. Imaginava uma vida diferente, não em um casamento como o de seus pais, e também não se imaginava mãe. É uma mulher que não está feliz com a sua vida, que não tem prazer em voltar para casa. A rotina do matrimônio não é o que a faz completa e isso mostra como ela gostaria que sua vida fosse diferente. Ela compara o antes e o agora em uma agonizante inquietação, como se seus dias estivessem sendo todos desperdiçados.

E assim, continua a expressar sua angústia,

Desierta la cocina se ve enorme y sin gracia, como una vieja obesa recién despertada. Con señales oscuras donde antes estuvieron los muebles, el piso es también una ruina, habrá que cambiarlo. Exhaustas, observan su tarea ya concluida. Para Emilia las incomodidades están acabando, para Mima apenas empiezan. Tendrá que cocinar en un pequeño reverbero, llegar temprano para abrirlas a los maestros, respirar el polvo que y le han anunciado que va a levantarse y a invadirlo todo. Y no hacer nada o casi nada, porque sus tareas cotidianas no van a tener sentido. Emilia tiene sensaciones ambiguas. Culpa, vergüenza, alivio. Pero acalla su mala conciencia y se fuerza a ser indiferente mientras se repite que no puede ser de otro modo.²⁴ [...]. (BONNETT: 2022, p. 77).

A reforma da cozinha a contragosto de Emília é apenas uma representação do quão a sua vida lhe foge. Ainda que ela tenha consciência de tudo o que não gosta e de todas as coisas que a estão incomodando, sente-se culpada ou envergonhada por sua consciência lhe dar tanta clareza. Contudo, assim como é a realidade de muitas mulheres, sente-se no dever de silenciar-se. A mulher é criada para ser passiva, por isso dificilmente terá o papel de dominação. Porém, essa passividade geralmente a impede de colocar no mundo o seu potencial e seu verdadeiro sentido.

aparência física com tinta indelével e, em vez disso, tivesse turvado seu espírito. Por outro lado, ela se lembra muito bem de si mesma aos trinta anos, ardendo de paixões diferentes, trabalhando em revistas que não pagavam nada, jurando que nunca seria mãe e imaginando uma vida de casal que nada tinha a ver com a dela. Ela também se lembra dos primeiros anos de casamento, da passagem simples, de uma carroça de rodas descendo uma ladeira suave. O nascimento de Pilar, sua maternidade plena. E de repente a desaceleração, a morte de Pablo, os atritos, os mal-entendidos. Ela se vê chegando aos quarenta anos, uma idiota que perambula por um shopping quase vazio para chegar em casa o mais tarde possível. E assim, centenas de cenas que juntas começaram a confundir a aventura de casal que ela havia imaginado, e que desencadearam nela um turbilhão de sentimentos contraditórios, que transformaram sua vida de casada no loop infinito que tem sido, em incessante aumento, e para baixo, a ponto de enjoar.

²⁴ Deserta, a cozinha parece enorme e sem graça, como uma velha obesa que acaba de acordar. Com marcas escuras onde estavam os móveis, o apartamento também está uma ruína, terá que ser substituído. Exhaustos, eles observam a tarefa concluída. Para Emília os desconfortos estão acabando, para Mima estão apenas começando. Você terá que cozinhar em um pequeno reverberatório, chegar cedo para abrir a porta para os mestres, respirar a poeira que eles anunciaram que vai subir e invadir tudo. E não faça nada ou quase nada, pois suas tarefas diárias não farão sentido. Emília tem sentimentos ambíguos. Culpa, vergonha, alívio. Mas ela silencia a sua consciência pesada e obriga-se a ser indiferente enquanto repete para si mesma que não pode ser de outra forma.

No sabe cómo explicárselo, pero lo que ve en el espejo nunca coincide con la imagen que tiene de sí misma, y mucho menos con la Emilia que se topa en forma fragmentada cuando aparece una foto de sus treinta o de sus cuarenta años. Cómo no sentir cierto asco cuando ve las estrías del bajo vientre, las rodillas rollizas, la flacidez que ya hace estragos. *Atonía*. Vuelve a esa palabra y no puede evitar sonreír. Esos cambios los registra con incomodidad, pero su cerebro se defiende de la abierta repulsión por miedo a hundirse en el pantano del rechazo de sí misma. Toda la vida tratando de sostenerse en ese punto de equilibrio que se les exige a todas las mujeres, toda la vida desafiando las miradas que te echan culpas, no sabes cuidar-te, estás cada vez más lejos de lo que nos gusta, eres demasiado pequeña, demasiado grande, si sigues así vas a ver, deberías. Debería, piensa Emilia, debería, ella que hace tanto tiempo se refugió en su trabajo para que no la jordan, mientras constata que el pantalón blanco que tanto le gustaba ya no le cierra, ni tampoco la falda que compró hace poco. Mierda. Es, literalmente, una ballena varada en una playa atestada de trastos que no sólo no la dejan moverse sino que la condenan a mirar su reflejo en el agua estancada que la rodea por todas partes.²⁵ (BONNETT: 2022, p. 79).

Emília vive um mundo de introspecção, remoendo a angústia de ser uma mulher, que, já marcada pelo tempo, luta contra o sentimento de rejeitar-se amargamente. Sente os pesares aos quais as mulheres são destinadas, os olhares de julgamento pela aparência feminina, fazendo com que estas sintam-se culpadas pelas suas formas ou gestos. Diante disso, as mulheres se afastam cada vez mais daquilo que elas gostam ou do que gostariam de ser, pois vivem sob a perspectiva alheia. Ela gostaria apenas de se sentir livre para fazer o que quisesse, como relata na passagem abaixo.

Ya en la casa se sirve un café, pone música, se estira en su sofá descolorido y comienza a leer. *Aquí vamos a tropezarnos constantemente con el individuo que envejece* – lee – *ya sea este hombre o mujer*. Poco a poco va entrando en las páginas como en un agua tibia, acogedora, consciente de la transgresión de la huida, de la irresponsabilidad adolescente, del peso de sus piernas y de la levedad de su cabeza, de ese hormigueo maravilloso que la recorre como un orgasmo. El dulce de procrastinar.²⁶ (BONNETT: 2022, p. 81).

²⁵ Ela não sabe explicar, mas o que vê no espelho nunca corresponde à imagem que tem de si mesma, muito menos com a Emília que encontra de forma fragmentada quando aparece uma foto dos trinta ou quarenta anos. Como não sentir um certo nojo ao ver as estrias na parte inferior do abdômen, os joelhos roliços, a flacidez que já causa estragos. *Atonia*. Ele volta a essa palavra e não consegue deixar de sorrir. Ela registra essas mudanças com desconforto, mas seu cérebro se defende contra a repulsa aberta, por medo de afundar no pântano da auto-rejeição. Toda a sua vida tentando manter aquele ponto de equilíbrio que é exigido de todas as mulheres, toda a sua vida desafiando os olhares que te culpam, você não sabe se cuidar, está cada vez mais longe do que gostamos, você é muito pequena, muito grande, se continuar assim você vai ver, você deveria. Deveria, pensa Emília, deveria, ela que há tanto tempo se refugiou no trabalho para não se ferrar, enquanto percebe que a calça branca de que tanto gostava não serve mais, nem a saia que comprou recentemente. Merda. É, literalmente, uma baleia encalhada numa praia repleta de lixo que não só não lhe permite mover-se como a condena a olhar o seu reflexo na água estagnada que a rodeia por todo o lado.

²⁶ Chegando em casa, ela se serve de café, coloca uma música, se estica no sofá desbotado e começa a ler. Aqui nos deparamos constantemente com o envelhecimento do indivíduo – leia-se – seja ele homem ou mulher. Aos poucos ela entra nas páginas como em águas mornas e acolhedoras, consciente da transgressão da fuga, da irresponsabilidade adolescente, do peso das pernas e da leveza da cabeça, daquele formigamento maravilhoso que a percorre como um orgasmo. A doçura da procrastinação.

A personagem retrata um desejo de ficar sozinha, lendo seu livro, tomando seu café, ouvindo sua música, seja como for, apenas pelo prazer de procrastinar. A escolha pela maneira de como viver pertence a cada indivíduo. As razões que a justificam dependem de cada história, de cada desejo nascido do ser. Portanto, às vezes as mulheres querem apenas não ter as responsabilidades que lhe são imputadas, tais como o cuidado com os demais; a dedicação a uma maternidade, os cuidados com a casa e com o respectivo companheiro. Às vezes elas querem apenas ficarem livres de tudo isso. Podem querer dedicar o seu tempo a si mesmas, sem se sentirem culpadas pelas expectativas e vontades alheias.

A liberdade de escolhas é um direito inerente ao ser humano, mas as normas subjacentes são comumente responsáveis por suas decisões, o que pode desviar a integralidade e potência do indivíduo.

Neste sentido, Merleau-Ponty fala sobre o visível e o invisível,

Tapar os olhos para não ver um perigo é, segundo dizem, não acreditar nas coisas, acreditar somente no mundo privado; no entanto, é antes acreditar que o que é para nós o é absolutamente, que um mundo que logramos ver sem perigo é sem perigo; isso é, portanto, acreditar, da maneira mais firme, que nossa visão vai às próprias coisas. (MERLEAU-PONTY: 2014, p.39-40).

Compreende-se que a busca pela verdade não é tão simples quanto a própria verdade que consideramos. Às vezes os pensamentos são levados a uma direção em que o mais confortável se estabelece. Por isso, enxergar-se ao ponto de revolta ou de mudança pode ser algo que nunca aconteça, e assim a vida vai passando sem que se saiba realmente o que de fato importa a si.

Em mais um relato, Emília tenta entender a dinâmica dos desencontros com seu marido e o porquê de o casamento lhe deixar tão incomodada.

Ha intentado discernir cuál es la mecánica de los constantes desencuentros con su marido, de modo que lleva meses en observación secreta de posibles causas y efectos, tonos, matices, reacciones, dedicada a dilucidar un fenómeno natural con sus propias leyes y enunciaciones. Hay veces que ella formula una pregunta y él contesta en un sentido raro, tocando el tema pero de una manera tangencial, dirigiendo la respuesta a un lugar insólito, que le hace pensar en ese juego tonto del teléfono roto, en que la rapidez de lo dicho convierte las frases en un sinsentido. Su marido – conjetura – se contesta a sí mismo lo que su cerebro formuló a partir de sus palabras, como si en el disco duro de su cabeza ya no hubiera lugar para información distinta a la almacenada. En otras ocasiones, él revira, ofendido, como si ella hubiera pulsado una cuerda sensible. La hace sentir mezquina. Ay. Tal vez sea, tan sólo, el choque de dos

lógicas por completo distintas. A ratos Emilia se defiende, ataca, argumenta. A ratos piensa, sin embargo, que como en las últimas conversaciones con su madre, resulta menos costoso claudicar, dejar los hilos sueltos, aceptar las monsergas de su marido con una impavidez que se parece a algo que aborrece: el cinismo.²⁷ (BONNETT: 2022, p.102-103).

Para tanto, ela tenta compreender a situação desgastante com seu marido – mas isso parece ser muito distante. Não há diálogo entre eles que possibilite essa reflexão. Isso significa que para ela não há opção a não ser permanecer convivendo entre uma comunicação e sentimentos fragmentados. Não havendo interesse do marido em adentrar nas questões sensíveis do relacionamento, Emília se rende ao conformismo, deixando de questionar, para não entrar em conflitos que não serão solucionados. Esse conformismo é uma opção para não se sentir menosprezada, menor ainda, contudo, conformar significa aceitar – sendo isto o único modo de conviver com a situação. Conformar não significa resolver ou questionar até que se chegue a um lugar comum. Conformar é perigoso, pois o aceite não retira de dentro o sentimento de inquietude. Esse sentimento mata dia a dia o que há de vida na personagem.

Para tanto, Camus, em *O Homem Revoltado*, afirma que,

Nada há de comum entre um senhor e um escravo, não se pode falar e comunicar-se com um ser escravizado. Em vez desse diálogo implícito e livre pelo qual reconhecemos nossa semelhança e consagramos nosso destino, a servidão faz reinar o mais terrível dos silêncios. Se a injustiça faz mal ao revoltado, não é pelo fato de contrariar uma ideia eterna da justiça, que nós não sabemos onde situar, mas pelo fato de perpetuar a muda hostilidade que separa o opressor do oprimido. Ela mata o pouco de existência que pode vir ao mundo pela cumplicidade mútua, se isola dos outros homens, a mentira fica proscrita, assim como, num patamar inferior, o assassinato e a violência, que impõem o silêncio definitivo. A cumplicidade e a comunicação descobertas pela revolta só podem viver no diálogo livre. Cada equívoco, cada mal-entendido leva à morte; a linguagem clara, a palavra simples – só elas podem salvar dessa morte. (CAMUS: 2023, p.368).

²⁷ Ela tem tentado discernir a mecânica das constantes divergências com o marido, por isso passou meses observando secretamente possíveis causas e efeitos, tons, nuances, reações, dedicando-se a elucidar um fenômeno natural com suas próprias leis e enunciados. Há momentos em que ela faz uma pergunta e ele responde de forma estranha, tocando no assunto mas de forma tangencial, direcionando a resposta para um lugar inusitado, o que a faz pensar naquele jogo bobo de telefone quebrado, em que a velocidade do que foi dito transforma as frases em absurdos. Seu marido – ela conjectura – responde para si mesmo o que seu cérebro formulou a partir de suas palavras, como se no disco rígido de sua cabeça não houvesse mais espaço para outras informações além daquelas armazenadas. Outras vezes, ele se vira, ofendido, como se ela tivesse tocado uma corda sensível. Isso a faz se sentir má. Oh. Talvez seja apenas o choque de duas lógicas completamente diferentes. Às vezes Emília se defende, ataca, discute. Às vezes ela pensa, porém, que como nas últimas conversas com a mãe, custa menos ceder, soltar os fios, aceitar as bobagens do marido com uma impassibilidade que lembra algo que ela abomina: o cinismo.

Nas palavras do filósofo a morte interna ocorre com a limitação do diálogo livre, aquela do qual seria possível desvendar os incômodos, as revoltas. Assim, a personagem se vê tolhida em sua liberdade de expressão, de modo que o silêncio se torna o causador de sua morte. A opressão secular dos homens sobre as mulheres, inclusive em um simples diálogo, como é apresentado por Emília, que não consegue expressar o seu incômodo por meio de palavras, já que seu marido não permite, é uma arma masculina capaz de aniquilar o oprimido. Assim, a impossibilidade de falar livremente, garante ao senhorio o seu lugar de imperioso, e o escravo, a irrelevância da sua existência. Neste caso, a irrelevância adentra ao âmago de Emília, contribuindo com um sentimento de impotência. Esse sentimento, diante das ofensas, tende a crescer até que não exista mais a própria capacidade de sentir.

Em continuação, a narradora relata seus sentimentos em um episódio de família, onde não sente que é seu lugar de pertencimento e faz diversas reflexões sobre acontecimentos do passado e suas emoções no presente.

Cuando regresan, Sara con un morral, un libro y un sombrero de lana nuevos, ya son las ocho, y Pilar y su marido están sirviendo la mesa. En esta casa la coreografía es perfecta y los movimientos precisos: platos de los que brota humo y una armonía que se traduce en gestos y palabras cordiales que a Emilia por momentos le parece irreal. Quizá sólo sea, piensa, que Pilar quiere mostrarle que la felicidad sí existe, ya que desde siempre fue testigo de la tensión chirriante entre ella y su marido, de sus silencios enconados, de la ironía mutua. Pero este pensamiento es mezquino y la avergüenza. Tal vez así sea la vida de muchos y ella no lo sabe. Tal vez, incluso, así podría haber sido su propia vida.

De repente una chispa se enciende en su mente. O lo que se le antoja una revelación. Lleva tiempo diciéndose que tantos años de frialdad de Pilar, de desdén, de desapego, tienen que tener una razón. Y ahora, de repente, sentada a esa mesa, sintiéndose, como siempre, desdibujada, ya cree saber qué fue. Recuerda los argumentos de su marido. Se ve a ella misma presionando, suplicando, incluso. Y él empeñado en decir que no, no, no, no, hasta ganar la partida. Fue hace muchos años, en una época dura, en la que ella estaba desempleada y no tenía cómo ayudarle a Pilar. Ahora se odia por haber cedido, por no haberse erguido como una leona, por no derrotar el egoísmo de aquel hombre. ¿Pilar supo o no sus razones? Da lo mismo, porque a los padres se les suele absolver, a las madres no. Y recuerda el día en que ella misma, a los dieciséis años, parada en el marco de la cocina, entre gritos y lágrimas, le hizo a su madre el inventario de agravios recibidos desde que era niña. A su madre. A su padre jamás. Tal vez algún día Pilar se anime, por qué no, a hacerle su propia lista.

Se ha quedado absorta, estupefacta, anclada en lo que cree haber descubierto. No sabe si sentir alegría o tristeza. Pero comprender ayuda. Su yerno abre una botella de vino y hacen un brindis que incluye a Sara con su vaso de jugo. Emilia mira a su nieta a los ojos, buscando complicidad, pero la niña ha regresado a su lugar de pertenencia y la elude, devolviendo a su abuela, sin

querer, a ese territorio fuera de base al que vuelve siempre que está allá, irremediabilmente.²⁸ (BONNETT: 2022, p. 104-105).

Emília fala de um momento em família, quando vai jantar na casa de sua filha Pilar. Narra como a filha tenta mostrar a felicidade e harmonia de sua família, tentando afirmar uma possibilidade de convivência diferente da que sempre presenciou com seus pais, cheia de tensões, de silêncios amargos e de ironias mútuas. Emília considera esse pensamento mesquinho, do qual sente vergonha, contudo, aduz que sua própria vida tenha sido assim. Não sente orgulho e satisfação pelo modo como permitiu a condução da própria vida. Ao contrário, reconhece o seu fracasso.

Entende que a filha tem um comportamento frio, desdenhoso e desapegado a ela, e compreende, em um momento de revelação, que a causa para isso se decorreu do modo como o marido impôs seus comandos sobre a criação da menina, mesmo que ela tenha tentado fazê-lo mudar de ideia, ele insistia até conseguir o que queria. Ela sabe que foi em uma época, que, por estar desempregada, não pôde ajudar a filha, tendo que, obrigatoriamente, se sujeitar às ordens do marido. Assim, apresenta um sentimento de culpa por não ter se esforçado mais para proteger Pilar e vencer o egoísmo de seu companheiro. Ela menciona que essas queixas são sempre direcionadas às mães e não aos pais, e exemplifica quando, aos dezesseis anos, levou uma lista de reclamações ao modo

²⁸ Quando voltam, Sara com mochila, livro e gorro de lã novo, já são oito horas, e Pilar e o marido estão servindo a mesa. Nesta casa a coreografia é perfeita e os movimentos precisos: pratos dos quais emerge fumaça e uma harmonia que se traduz em gestos e palavras cordiais que às vezes parecem irrealis para Emília. Talvez seja apenas, pensa ela, que Pilar queira mostrar-lhe que a felicidade existe, pois sempre testemunhou a tensão irritante entre ela e o marido, os seus silêncios amargos e a sua ironia mútua. Mas esse pensamento é mesquinho e a envergonha. Talvez esta seja a vida de muitos e ela não saiba disso. Talvez seja assim que sua própria vida poderia ter sido.

De repente, uma faísca acende em sua mente. Ou o que quer que lhe pareça uma revelação. Há algum tempo ele vem dizendo a si mesmo que tantos anos de frieza, desdém e desapego de Pilar devem ter uma razão. E agora, de repente, sentada naquela mesa, sentindo-se, como sempre, confusa, ela já pensa que sabe o que era. Ela se lembra dos argumentos do marido. Ela se vê pressionando, implorando até. E ele estava determinado a dizer não, não, não, não, até ganhar o jogo. Foi há muitos anos, num momento difícil, quando ela estava desempregada e não tinha como ajudar Pilar. Agora ela se odeia por ter cedido, por não ter se levantado como uma leoa, por não ter derrotado o egoísmo daquele homem. Pilar conhecia ou não seus motivos? Não importa, porque os pais geralmente são absolvidos, as mães não. E ela se lembra do dia em que ela mesma, aos dezesseis anos, parada na porta da cozinha, entre gritos e lágrimas, entregou à mãe um inventário das queixas que recebia desde criança. A sua mãe. Nunca para seu pai. Talvez um dia Pilar se sinta encorajada, porque não, a fazer a sua própria lista.

Ela permaneceu absorta, estupefata, ancorada naquilo que acredita ter descoberto. Ela não sabe se deve se sentir feliz ou triste. Mas a compreensão ajuda. O genro abre uma garrafa de vinho e fazem um brinde que inclui Sara com seu copo de suco. Emília olha a neta nos olhos, em busca de cumplicidade, mas a menina regressou ao seu lugar de pertencimento e fugiu dela, devolvendo à avó, sem querer, àquele território extra-base para onde inevitavelmente regressa sempre que lá está.

como era tratada desde a infância para sua mãe, e espera que Pilar possa ter a mesma coragem.

Ao retratar um momento com sua neta, Emília faz uma observação a si mesma. Entende que não pertence àquele lugar, não como um lugar espacial, onde se encontra a família para o jantar, mas o lugar em que encontra sua vida. Ela se vê deslocada de si mesma e tem muita consciência disso, o que a leva a outro lugar, o de tristeza e insatisfação, a qual parece não haver saída, porque ela nem sequer pensa nisso. Ela apenas sabe que está distante do que poderia considerar seu pertencimento, apenas reconhece e silencia-se.

A consciência de Emília se estende a diversas mulheres ao seu redor, inclusive sobre sua empregada Mima, a qual faz uma observação.

Con una minuciosidad desconocida tiempla la sábana, sacude las almohadas, como en los tiempos de colegiala, y lava el plato por encima, por debajo, con la esponjilla metálica brilla el culo de las ollas, demorándose, como su madre, castigándose como ella, y la estufa está horrible, desengrasa tú mientras yo barro, pero ayer barriste y sin embargo, ¿sabes cómo se prende este aparato?, déjame ver, y qué tal toda una vida así, templando la sábana, sacudiendo las almohadas, lavando los platos, brillando hasta el culo de las ollas, grasa y polvo, en un incesante eterno retorno, barrer, desengrasar, tender, lavar lo que se lavó la semana pasada, y la taza del inodoro, qué tal la taza del inodoro, la mierda de otros, los sudores de otros, y el propio sudor que hace que Mima a veces no huela bien, porque en la lana el sudor, uff. ¿Has pensado en lo que significa no poder cambiar de vida? ¿O que ni siquiera puedes pensar que esa opción existe? No ha acabado de decir esto cuando comprende todo lo que encierra esa frase pronunciada por ella misma.²⁹ (BONNETT: 2022, p.128-129).

Desse modo, há uma descrição da situação de Mima, como quem tem uma vida miserável por ter o trabalho de limpeza. Considera isso repetitivo, desinteressante e tedioso, o que a faz pensar que Mima é uma coitada por ter que se sujeitar a essa vida. E, ainda, que ela não tem a escolha de mudar sua situação. Contudo, ao pronunciar a frase: *¿Has pensado en lo que significa no poder cambiar de vida? ¿O que ni siquiera puedes*

²⁹ Com um rigor desconhecido ela tempera o lençol, sacode os travesseiros, como nos tempos de colegial, e lava o prato por cima, por baixo, com a esponja de metal o fundo das panelas brilha, demorando, como a mãe, punindo-se como ela, e o fogão é horrível, você desengordura enquanto eu varro, mas ontem você varreu e ainda assim, sabe como liga esse aparelho? Deixa eu ver, e que tal uma vida inteira assim, temperando o lençol, sacudindo os travesseiros, lavando a louça, brilhando até o fundo das panelas, gordura e poeira, num eterno retorno incessante, varrer, desengordurar, deitar, lavar o que foi lavado na semana passada, e o vaso sanitário, que tal o vaso sanitário, a merda dos outros, suor dos outros, e o próprio suor que faz a Mima às vezes não cheirar bem, porque na lâ o suor, aff. Você já pensou no que significa não poder mudar sua vida? Ou que você nem consegue pensar que tal opção existe? Ela ainda não terminou de dizer isso quando entende tudo o que está contido naquela frase proferida por ela mesma.

pensar que esa opción existe? Emília comprende o que esta frase también significa para si. Ao olhar para Mima, seu objeto de pena, por ter uma vida medíocre, e sequer poder pensar em mudá-la, entende que essa vida também é sua.

Ao longo da narrativa, Emília demonstra muita consciência sobre sua situação. Uma mulher que tem mantido uma vida que não lhe agrada, apenas porque não consegue romper com os ciclos. E, como crítica de si mesma, también olha minuciosamente a vida de outras mulheres. Porém, ela se deixa ficar aprisionada e violentada de um modo extremamente degradante, o da sutileza.

A seguir, Emília faz mais um relato de seu cotidiano dissociado.

El marido pone las ollas sobre el mesón de la cocina. Tienen tal contundencia que parecieran rebasar su condición de ollas. Pesadísimas. Así, alienadas de mayor a menor, semejan una familia opulenta que ha salido a pasear en un día de fiesta. Hermosas, impecables, rotundas. Y mira, dice el marido. También traje una parrilla. Eso no es una parrilla, replica Emilia casi en un murmullo, consciente de que está llamando a la catástrofe. ¿Cómo que no es una parrilla? Emilia abre un cajón y esgrime en la mano un artefacto metálico parecido a una raqueta de tenis. Al lado de las nuevas adquisiciones parece un pariente pobre y mal trajeado. Esto para mí es una parrilla. En cambio eso es... En realidad no sabe qué es. ¿Una lata para el horno? Ni siquiera sirve para asar carne, dice. En qué vamos a asar la carne. Pues aquí, dice el marido elevando los hombros y señalando lo que llama parrilla. Emilia ya ha empezado a sentirse mal. Como una niña pataletosa. Como una mujer exigente. Como una bruja de esas que ella odia. Por eso se asombra de oírse decir todo esto que estamos haciendo es una estupidez, una solemne *güevonada*. Abre el compartimento donde están sus ollas, tristes, anacrónicas. Y qué vamos a hacer con esto, pregunta, elevando la voz, de repente iracunda. Todo este sirve. Hay cosas casi nuevas. Mira este caldero. Lo levanta, se lo pasa a su marido como si fuera un bebé del que se deshace. El marido lo recibe y lo vuelve a depositar en su sitio. Se ha puesto colorado y ha echado la quijada hacia adelante, en un gesto que Emilia le conoce bien. Ella ve venir el peligro y siente que su columna vertebral se escoge, como la de un perro amenazado por un puntapié. Ya no se puede hacer nada, Emilia, ya todo está pagado, murmura el marido, mirándola fijamente a los ojos. Y hace una pausa antes de arremeter: eres una desagradecida. Emilia no lo puede creer. Una desagradecida. Esa palabra. De repente piensa en su padre. En aquella vez que le atravesó la cara de una cachetada. Los ojos del padre, violentos, se superponen a los del marido, que sigue mirándola a los ojos pero ahora levanta la voz, manoteando, buscando epítetos, caprichosa, estúpida y otra vez desagradecida. Entonces Emilia se da media vuelta, en silencio, y adelanta unos pasos sin saber a dónde va, sintiendo cómo le laten las sienas y cómo cada insulto cae como una pedrada en su espalda, mientras trata de medir su peso y su filo; pero el zumbido en su cabeza hace que de repente se detenga y se gire, como en un sueño, donde se ve gritando también ella, encadenando con voz temblorosa las palabras que ahora pasan por su mente, hirientes, brutales, destructoras, mientras una fuerza la atornilla al piso reluciente de su cocina – una fuerza que no es otra cosa que la conciencia de que no debe ir más allá, aunque su cerebro se lo pida – y ella encuentra un remate que en realidad es una reflexión para sí misma, una

síntesis de lo que viene sintiendo, que se materializa en tan sólo cuatro palabras: qué vida de mierda.³⁰ (BONNETT: 2022, p. 134-136).

Emília traz mais um momento em que se torna insuportável para ela – a prevalência do marido sobre o compartilhamento da vida deles – quando sua opinião pouco tem importância para as decisões que deveriam ser do casal. Neste instante, ela sente profundamente o desgaste que esse modo de vida tem lhe trazido. Contudo, ela apenas consegue se lamentar, mesmo tendo certeza de que sua vida não a satisfaz.

Siempre fue buena para huir, y mala para persistir en la huida. Porque durante mucho tiempo no pudo deshacerse de la otra, de la que quería complacer, de la que sentía lástima, como su hermana, de cualquiera que hiciera un gesto parecido al perdón, de la que ahogaba su sensación de atrapamiento en las burbujas de sus viajes y en la liberación de sus textos, pero que estoicamente regresaba y se acomodaba en el tibio nido de su desdicha cotidiana. Cuántos años le tomó dejar de sentirse esclava de la culpa. Culpa por odiar a la madre, que la mandaba callar con los ojos en las visitas familiares; al padre, que la cercaba con sus prohibiciones y la humillaba con sus castigos; a la pacata de su hermana, que la juzgaba por ser expansiva y provocadora y por enamorarse de tipos indeseables. Ay, la culpa por enamorarse de más, por no estar a la altura de lo que esperaba el marido, por ser arisca, ríspida, obsesiva. Por haber permitido que Pablo muriera, sobre todo por eso. Tal vez haberse acomodado, resignado, claudicado, haber hecho de la insatisfacción una segunda piel, otro modo de respirar, no había sido sino una forma de expiar esa culpa. Y así se le fue yendo la vida, distrayendo sus penurias, sublimando sus pesares. Y construyéndose una coraza que la protegiera de la realidad pero también de la amargura. ¿Qué había perdido por el camino? La frescura de otros tiempos, la pasión de los treinta, la disposición al cambio y a la felicidad que tuvo tantos años. ¿Y qué era lo feo que en ella veía su hija y que ella no lograba ver en los espejos en que miraba cada día?

³⁰ O marido coloca as panelas na bancada da cozinha. Elas têm tanta força que parecem ultrapassar seu status de potes. Muito pesado. Assim, separados dos mais velhos para os mais novos, assemelham-se a uma família opulenta que saiu para passear nas férias. Linda, impecável, rotunda. E olha, diz o marido. Eu também trouxe uma grelha. Isso não é uma grelha, responde Emília quase num sussurro, consciente de que clama pela catástrofe. Como não é uma grelha? Emília abre uma gaveta e segura na mão um dispositivo metálico semelhante a uma raquete de tênis. Ao lado das novas aquisições ela parece um parente pobre e mal vestido. Isso para mim é uma grelha. Em vez disso, é... Ele realmente não sabe o que é. Uma lata para o forno? Não serve nem para grelhar carne, diz ela. Em que vamos assar a carne? Bom, aqui diz o marido, erguendo os ombros e apontando para o que chama de grelha. Emília já começou a se sentir mal. Como uma garota maluca. Como uma mulher exigente. Como uma daquelas bruxas que ela odeia. É por isso que você fica surpreso ao se ouvir dizer que tudo isso que estamos fazendo é estúpido, um disparate solene. Abre o compartimento onde estão suas panelas, triste, anacrônico. E o que vamos fazer com isso?, ela pergunta, levantando a voz, subitamente irritada. Tudo isso funciona. Há coisas quase novas. Olhe para este caldeirão. Ela o pega e entrega ao marido como se fosse um bebê do qual ela estivesse se livrando. O marido recebe e coloca de volta no lugar. Ele ficou vermelho e esticou o queixo para frente, num gesto que Emília conhece bem. Ela vê o perigo chegando e sente a coluna se contrair, como a de um cachorro ameaçado por um chute. Nada pode ser feito agora, Emília, já está tudo pago, murmura o marido, olhando-a diretamente nos olhos. E ele faz uma pausa antes de atacar: você é ingrata. Emília não consegue acreditar. Uma ingrata. Essa palavra. De repente ela pensa em seu pai. Dessa vez ele deu um tapa na cara dela. Os olhos do pai, violentos, sobrepõem-se aos do marido, que continua a olhá-la nos olhos, mas agora levanta a voz, apalpando, em busca de epítetos, caprichoso, estúpido e mais uma vez ingrato. Então Emília se vira, em silêncio, e dá alguns passos à frente sem saber para onde vai, sentindo como suas têmporas latejam e como cada insulto cai como uma pedra em suas costas, enquanto tenta medir seu peso e sua nitidez; mas o zumbido em sua cabeça a faz parar e se virar de repente, como se estivesse em um sonho, onde ela se vê gritando também, encadeando com voz trêmula as palavras que agora passam por sua mente, dolorosas, brutais, destrutivas, enquanto uma força Ele aparafusa-a ao chão brilhante da sua cozinha – uma força que nada mais é do que a consciência de que não deve ir mais longe, mesmo que o seu cérebro lhe peça para o fazer – e ela encontra um toque final que é na verdade um reflexo para si mesma, uma síntese do que vem sentindo, que se materializa em apenas quatro palavras: que vida de merda.

Hace tiempos que Emilia logró desterrar la culpa de su vida, pero no el desasosiego, la inestabilidad interior, un descontento que desata a menudo la tristeza. Por eso le extraña que en este momento, después de ese sueño perturbador, esté poseída por la sensación de ser enteramente ella, autosuficiente y rotunda, y a la vez, como si no tuviera bordes, de estar fundida con la noche, como un árbol más en medio de ese mundo sin horizonte.³¹ (BONNETT: 2022, p. 160-161).

Neste relato, Emília deixa transbordar toda a dor causada pela sua incapacidade de colocar os limites desejados em sua vida. Ela lidou com a repressão dos pais e o julgamento de sua irmã, por ser uma adolescente tentando encontrar o seu ser livremente. Sentiu culpa, por muito tempo, por não se adequar às expectativas dos que estavam a seu redor. Deixou de senti-la, mas a inquietação lhe acompanha, causando uma sensação de tristeza.

A limitação educacional trazida pelos pais contribuiu para que Emília deixasse de desabrochar o seu potencial feminino. Este é visto, muitas vezes, como um exagero ou ofensa à moral e aos bons costumes, por isso é quase sempre objeto de censura. Ser uma mulher autêntica, cheia de energia, curiosa, audaciosa e provocadora é considerado uma afronta à construção “ideal” do “papel” feminino. Assim, as famílias de “bons costumes” criam suas filhas para não demonstrarem essas ousadias. Criam-nas para terem bons comportamentos, para serem dominadas, ao contrário de serem dominadoras, para que esperem em vez de tomar as próprias atitudes, para que sejam sempre educadas, com o fim de sublimarem em um modelo exemplar.

Para tanto, Emília vê-se agonizando por dentro, visto que em quase toda a sua vida teve de matar o que tinha por dentro, para se adequar ao que era esperado de si, mesmo

³¹ Ela sempre foi boa em fugir e ruim em persistir na fuga. Porque durante muito tempo ela não conseguiu se livrar do outro, daquele que ela queria agradar, daquele de quem sentia pena, como sua irmã, de qualquer pessoa que fizesse um gesto semelhante ao perdão, daquele de quem ela afogasse seu sentimento, aprisionada nas bolhas dos seus sentimentos, nas viagens e na libertação dos seus textos, mas que regressou estoicamente e se reinstalou no ninho quente da sua desgraça cotidiana. Quantos anos ela levou para parar de se sentir escrava da culpa. Culpa por odiar a mãe, que mandava silenciá-la com o olhar durante as visitas familiares; ao pai, que a cercou com suas proibições e a humilhou com seus castigos; para sua irmã pudica, que a julgava por ser expansiva e provocadora e por se apaixonar por caras indesejáveis. Ah, a culpa por se apaixonar demais, por não corresponder ao que o marido esperava, por ser rude, dura, obsessiva. Por permitir que Pablo morresse, principalmente por isso. Talvez ter-se acomodado, resignado, cedido, ter feito da insatisfação uma segunda pele, uma outra forma de respirar, não tenha sido mais do que uma forma de expiar essa culpa. E foi assim que sua vida foi, distraindo suas dificuldades, sublimando seus arrependimentos. E construir uma concha que a protegesse da realidade, mas também da amargura. O que eu perdi no caminho? A frescura de outros tempos, a paixão dos anos trinta, a vontade de mudar e a felicidade que teve durante tantos anos. E qual foi a coisa feia que a filha viu nela e que ela não conseguia ver nos espelhos em que se olhava todos os dias? Há algum tempo Emília conseguiu banir a culpa da sua vida, mas não a inquietação, a instabilidade interior, um descontentamento que muitas vezes desencadeia tristeza. Por isso se surpreende que neste momento, depois daquele sonho perturbador, seja possuída pela sensação de ser inteiramente ela mesma, autossuficiente e rotunda, e ao mesmo tempo, como se não tivesse arestas, de estar fundida com a noite, como outra árvore no meio daquele mundo sem horizonte.

tendo tamanha consciência dos seus desprazeres e da incapacidade de mudar a sua trajetória. A vida que lhe pertencia não foi a cobiçada, porém, suas indagações ficaram apenas no plano subjetivo, com suas reflexões, pois a vida construída aos outros tiveram uma força maior em suas decisões, e, assim, ela perdeu a sua própria capacidade vigorante, aniquilando-se dia a dia.

Ao final da narrativa, sua última frase é “valeu a pena?” (BONNET: 2022, p.166), como um olhar para tudo o que se foi e não foi do melhor jeito que poderia ter acontecido. Não como uma descrição categórica de felicidade, mas uma busca fiel aos próprios interesses. E, por fim, nasce o questionamento sobre: para quem foi essa vida?

3.2. Mulheres Empilhadas: violência e morte

As mulheres vêm, arduamente, buscando ocupar espaços que outrora lhes foram negados ou proibidos. Contudo, ainda há resistências sobre a valorização feminina em diversos campos sociais e, por outro lado, o predomínio masculino na ordem social. A construção e perpetuação do domínio masculino têm representado na sociedade contemporânea um perigo iminente à vida e à liberdade feminina. Portanto, em *Mulheres Empilhadas*, Patrícia Melo traz uma abordagem contemporânea da situação das mulheres em nossa sociedade, principalmente quanto à violência causada pelos homens a elas.

Esse romance baseia-se nas manchetes de jornais e autos dos processos jurídicos no Brasil sobre a violência e o assassinato de mulheres. Tem como narradora personagem, uma jovem advogada que se muda de São Paulo para o Acre a fim de assistir um mutirão de julgamentos de casos de feminicídios. Nesta viagem ela emerge na cultura acreana e se depara com o amargo processo de tentativa de combate à violência contra as mulheres, assim como as falhas das instituições quanto a esse combate.

Além disso, a obra apresenta um retrato do machismo contemporâneo, responsável pela tentativa de limitar a liberdade, a capacidade e o corpo das mulheres. Isso é demonstrado na passagem abaixo, em um diálogo entre a narradora e seu namorado.

- Tenho que tomar cuidado com você – respondeu ele. – Mulher inteligente é foda.

O que ele estava me dizendo, naquele momento, é que de forma geral as mulheres são burras. Mas claro que, sob efeito da sedução e envenenada pelos meus próprios hormônios, não me dei conta disso. Pior: inverti os sinais, transformei o negativo em positivo. Ele tinha uma tática eficiente de se transformar em protagonista, que consistia em usar a própria língua como um martelo para botar abaixo tudo ao redor. [...]. (MELO: 2019, p.15).

A narradora apresenta um elogio velado partindo da fala de seu namorado, quando diz que ela é inteligente e que ele tem que tomar cuidado com isso. Na perspectiva dele, a mulher inteligente se torna um perigo, capaz de ameaçar o equilíbrio e domínio masculino, por isso ele deve tomar cuidado. Na análise dela, é muito fácil se ver lisonjeada por esse “elogio”, visto que o efeito da sedução adentra na vaidade humana. No entanto, a consciência da estrutura de dominação masculina pela narradora faz com que ela logo perceba o que está subjacente à fala do namorado. No geral, “as mulheres são burras”, por isso é comum aos homens ficarem em zona de conforto, sem se preocuparem com os possíveis desafios que uma mulher astuta pode lhes trazer, já que, para eles, a inteligência é uma exceção.

Uma mulher é comumente catalogada em inteligente ou não. Além disso, quando ela tem conhecimento, pode representar uma demonstração de poder que desafia o domínio masculino, porque para conquistar o poder, o homem não precisa de muitos esforços, ele o detém estruturalmente.

E com esse poder os direitos humanos femininos são ameaçados, privados ou destruídos. Nenhuma mulher consegue ser, de fato, livre, pois o controle que a permeia é resistente às suas vontades e a interferência estatal. Neste sentido,

É bobagem pensar que o assassino deveria se preocupar com autópsias. O sistema é feito para não funcionar. Lá na ponta, quem investiga olha a vítima com desprezo, é só uma mulher, pensa. Uma preta. Uma puta. Uma coisa. Se for possível, ele nem atende a chamada quando o telefone toca no covil onde trabalha. Chuta a ocorrência para o próximo plantonista. (MELO: 2019, p. 19).

O controle do homem sobre a mulher perpassa do concreto ao simbólico e vice-versa. No geral, a violência contra a mulher ocorre no âmbito privado, e demorou muito tempo para se tornar assunto de Estado. Contudo, a maior parte dos representantes institucionais são homens que também usam do poder estrutural para manterem suas mulheres sob seus comandos e, por conseguinte, não são representantes da defesa dos direitos humanos femininos, o que os tornam frágeis perante toda a sociedade.

Quando a narradora diz que *o sistema é feito para não funcionar* significa que ainda há muitas resistências em proteger verdadeiramente as mulheres da violência masculina, pois o que predomina é a manutenção do poder masculino, e, qualquer apoio que fortaleça a condição feminina ameaça esse poder. Para tanto, a violência doméstica ocorre numa relação afetiva, cuja ruptura demanda, via de regra, intervenção externa. Raramente uma mulher consegue desvincular-se de um homem violento sem auxílio

externo. Até que este ocorra, descreve uma trajetória oscilante, com movimentos de saída da relação e de retorno a ela. Este é o chamado ciclo da violência, cuja utilidade é meramente descritiva. (CHAUI, 1985).

Assim, são diversos os perfis de violadores de mulheres, independentemente de classe social e de grau de instrução, como afirma a narradora.

Profissão do acusado: Militar. Eletricista. Servente de pedreiro. Lavrador. Funcionário público. Estudante. Matar mulheres é um crime democrático, pode-se dizer. Eu fazia minhas próprias tabelas que, no futuro, transformariam aquelas estatísticas em mais estatísticas. Grau de instrução do acusado: Semianalfabeto. Superior completo. Analfabeto. Nível universitário. Grau de relação com a vítima: Marido. Namorado. Amante. Ex-amante. Irmão. Cunhado. Padrasto. Em apenas cinco casos, o assassino não conhecia a vítima. Durante a viagem, lembrei de uma amiga de infância que esmagava insetos e os colava num caderno. Cheguei a fazer um igual, mas nunca gostei de matar borboletas. Talvez agora, eu pudesse encher vários álbuns com minhas fotos de mulheres assassinadas, ou com as armas dos crimes. Faca. Foice. Canivete. Enxada. Garrafas. Martelos. Fios elétricos. Painéis de pressão. Espetos de churrasco. Na hora de assassinar uma mulher qualquer objeto é arma. (MELO: 2019, p. 20).

Matar mulheres é um crime democrático, dessa forma, diz a narradora. Democrático porque está ao alcance de todos, não por direito, mas por legitimidade simbólica. E essa legitimidade pertence a todos, pois o domínio masculino não é restrito a classes sociais ou graus de instrução, mas pertence ao gênero. Por conseguinte, os assassinos tendem a ser pessoas próximas às vítimas, como o namorado, o amante, o marido, o ex-companheiro, o pai, o irmão, o padrasto, entre outros. Isso porque quanto mais próximo ou quanto maior grau de intimidade o homem estiver com a mulher, mais ele sentirá o direito de controlá-la, mais se sentirá dono dela. E como dono, pode fazer o que quiser, inclusive matar, porque a mulher livre, nesta sociedade, é, possivelmente, uma das maiores subversões existentes. Com efeito, quando as leis já não permitem a propriedade da mulher, o homem que está ao seu lado a impede de sua independência. Neste sentido, conforme Débora Prado e Marisa Sanematsu,

É comum os homens serem valorizados pela força e agressividade, por exemplo, e muitos maridos, namorados, pais e irmãos, além de outros homens, muitas vezes em posição de chefia e liderança – como no trabalho ou nas religiões – acharem que têm o direito de impor suas opiniões e vontades às mulheres e, se contrariados, podem recorrer à agressão verbal e física. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p.56).

Na sequência, a narradora traduz, detalhadamente, o ciclo da violência que leva muitas mulheres a óbito.

A diferença entre mim e aquelas mulheres que acabam empaladas, mutiladas, envenenadas ou esganadas nos processos e livros que eu andava lendo, a minha vantagem sobre aquelas mulheres estupradas, mortas e desovadas em igarapés, como Txupira, é que eu sabia o nome daquilo: fase dois. Eu havia lido um bocado sobre o esquema emocional desses matadores de mulheres. O esporte de matar mulheres acontece como num videogame, em fases. Depois de espancar a mulher, depois que passa a bebedeira, depois de fazer todo o estrago, esses matadores gastam um bom tempo tentando convencer suas parceiras de que eles são aquela coisa adorável do primeiro encontro. É a estratégia para a fase seguinte, em que o espancamento se transforma em tortura, com a utilização de facas, peixeiras, fios elétricos, botas, serras, isqueiros, ou qualquer objeto capaz de furar, cortar, quebrar ou queimar a vítima. Alguns são muito originais, como o rapaz que afogou a mulher na banheira de casa. Mas esta é a fase final, a “cereja” do bolo da violência. Nas etapas anteriores, o criminoso sempre avisa à vítima que ela tem os dias contados: “Você vai morrer”, diz, sem usar nenhuma metáfora. Bebe e comunica: “Vai morrer.” Mas antes, ele espanca a infeliz. Às vezes, sem beber. Queima a mulher, com cigarro. Estupra a mulher. Arranca uns bifos do corpo dela. Joga a moça escada abaixo, quebra seus braços, suas pernas, sempre avisando. “Vai morrer!” No mercado de trabalho, isso tem nome: aviso prévio. No abate de mulheres, trata-se da fase seguinte a de Amir. Eu esperava que o resto da sua mensagem seguisse na mesma toada “minha querida kriptonita”, com pedidos de perdão e promessas de um futuro de felicidade. Mas eis que li: *“Sua avó, que admiro muito e de quem gosto como se fosse alguém da minha família – você sabe disso muito bem –, me contou sobre a sua mãe...”* (MELO: 2019, p.40-41).

A narradora considera o ato de matar mulheres um esporte, e, na maioria das vezes os esportes têm o fim de recreação, portanto, matar mulheres seria para os homens como um mero divertimento. Em seguida, ela menciona as fases do ciclo da violência, que começa como um “aviso prévio”, com falas ameaçadoras, depois pequenos atos de violência, que vão se agravando conforme o tempo até chegar ao assassinato. Neste ínterim, os próprios parceiros vão tentando convencer às mulheres de que nada é tão grave quanto parece ser; de que eles não são monstros ou tão cruéis; de que merecem o perdão porque amam suas mulheres. Eles minimizam os efeitos da violência que causam, como se elas fossem legítimas. As mulheres, muitas vezes, não reconhecendo o abuso ou caindo na armadilha emocional do perdão, geralmente permanecem com seus abusadores. E o fim desse ciclo pode ser fatal, pois como alegam as pesquisadoras “o desfecho é com frequência parte de um contínuo de violência. Na maioria dos casos, o episódio de violência fatal é precedido por violências anteriores que se perpetuaram até o assassinato.” (PRADO; SANEMATSU: 2017, p.57) e que “muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas se a violência contra as mulheres não fosse banalizada e tolerada por parcela da sociedade e pelas instituições que têm o dever de agir com rigor nestes casos. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p.57).

A própria narradora teve sua mãe vítima dessa violência, pois ela foi morta por seu pai. E esse fato marcou toda a sua história.

Durante minha adolescência, eu sabia exatamente até onde ia a minha relação com as pessoas. Era até surgir a pergunta “Como ela morreu?” A pergunta era a cerca de arame farpado que me separava do resto do mundo. Dali não passava. Não passava porque eu nunca quis ser aquela pessoa para quem a frase “a mãe dela foi assassinada” é uma espécie de aposto obrigatório. Assassinada pelo pai dela. Não o pai da minha mãe, mas o meu próprio pai. O pai dela matou a mãe dela, entendeu? Numa única frase implodiam a minha origem. Minha família. Minha história. Colocavam uma etiqueta na minha testa: mãe assassinada, pai assassino. Claro que eu havia contado sobre minha mãe para algumas pessoas. Poucas. Claro que eu talvez um dia contasse para Amir, caso ele não tivesse fodido tudo e me estapeado naquela festa, antes de me chamar de vadia. (MELO: 2019, p. 43).

A morte violenta da mãe da narradora tornou-se uma marca em toda a sua vida, não apenas por ela ter sido vítima de assassinato, mas por ter sido o seu próprio pai o autor. Todas as formas de violência podem marcar drasticamente a vida de uma pessoa, e a narradora deixa claro o quanto a morte ilegítima de sua mãe tem efeitos negativos em sua vida.

A liberdade das mulheres na era contemporânea é limitada pela violência ou ameaça de violência a que elas estão sujeitas. Elas não podem andar sozinhas em determinados lugares ou em determinados horários, pois podem ser facilmente alvo de um homem violento, seja para um estupro, seja para um assassinato, muitas vezes como crime de menosprezo a condição feminina, pois “[...] nos crimes sexuais que culminam em feminicídio praticados por desconhecidos, a desumanização do corpo feminino, encarado como objeto, é marcante, evidenciando o ódio e misoginia que levam a morte anunciada desfigurar as vítimas ou a mutilar suas partes íntimas.” (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 93).

No entanto, um dos lugares mais perigosos às mulheres é a própria casa. É nela que ocorrem a maior parte das violências, desde a infância até a velhice. Quando crianças ou adolescentes são objetificadas sexualmente por algum membro da família. Quando namoram ou se casam, podem ser objeto de eliminação, física ou psíquica e, na extremidade, mortas pelos seus parceiros. Isso porque,

Efetivamente, a questão se situa na tolerância e até no incentivo da sociedade para que os homens exerçam sua força- -potência-dominação contra as mulheres, em detrimento de uma virilidade doce e sensível, portanto mais adequada ao desfrute do prazer. O consentimento social para que os homens convertam sua agressividade em agressão não prejudica, por conseguinte,

apenas as mulheres, mas também a eles próprios. A organização social de gênero, baseada na virilidade como força- -potência-dominância, permite prever que há um desencontro amoroso marcado entre homens e mulheres. (SAFFIOTI: 2015, p.79).

As relações de desigualdade compondo força, virilidade e agressividade dos homens sobre as mulheres, contribuem para a perpetuação da violência como desejo simbólico do poder masculino.

As ruas estavam desertas, e me ocorreu que em São Paulo eu jamais me atreveria a fazer um percurso igual a pé, durante a madrugada. “Não se iluda com nosso aspecto bucólico”, dissera Marcos. “Isso aqui é fronteira, entra muita droga. E muita arma.” Mas eu me sentia segura na cidade. Talvez porque eu ainda não a conhecesse o suficiente. Ou porque a primeira coisa que se aprende quando se mergulha no mundo da matança de mulheres é que a rua escura, o beco ermo, o bairro suspeito não são os locais verdadeiramente perigosos para nós. A verdade é que não existe lugar mais temerário para nós do que nossa própria casa. Com minha mãe foi assim. Na maioria dos casos que eu iria ver nas semanas seguintes foi assim. A verdade é que o casamento é o patíbulo da mulher. (MELO: 2019, p. 55).

O medo dos homens é a plena liberdade feminina, pois contra ela, eles não têm poder, a não ser que as matem. Uma mulher livre é perigosa, mas não porque ela causa perigo, e sim porque a sociedade dominada por homens se sente ameaçada por essa liberdade. Esse é o perigo, visto que “o desequilíbrio que torna as mulheres mais vulneráveis [...] está baseado em concepções rígidas e desiguais papéis de gênero, construções que determinam os comportamentos femininos e masculinos tidos como ‘socialmente adequados’ [...]”. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 56).

E esse perigo é justificado pelos motivos mais banais para se matar uma mulher. Esses motivos não são causados pelas mulheres, elas não colocam os homens em risco. Eles são quem julgam os comportamentos delas como suficientes para a assassinar. Eles são quem valoram ou julgam esses motivos. Criam “leis” abstratas para tanto. E assim seguem em uma cadeia reprodutiva. Determinam, simbolicamente, o que uma mulher deve ou não fazer para se manter ao menos viva. Todo esse poder e controle masculino é objeto de estudo de vários pesquisadores, como o norte-americano Allan G. Johnson, ao analisar a permanência resistente do patriarcado.

Como, então, entendemos o padrão generalizado da violência masculina? Para começar, os princípios patriarcais da dominação masculina e a obsessão pelo controle identificada pelos homens combinam-se para encorajar nos homens a expectativa de estar ou parecer estar sempre no controle, o que inclui não ser controlado por outros. Dado que a violência é o instrumento de controle mais extremo, então a capacidade para a violência – quer os homens façam uso dela

ou não – é central para a definição cultural de masculinidade. Todo homem e menino enfrenta o desafio de sinalizar sua própria capacidade para a violência ou seu apoio, se não admiração, por esse potencial em outros homens, pelo menos para solidificar sua posição como verdadeiros homens (ou meninos) e para desencorajar atos de violência e ridículo que possam ser dirigidos a eles. É uma dinâmica que começa cedo – nos balneários e nos pátios das escolas – e se estende, de uma forma ou de outra, ao longo da vida dos homens.³² (JOHNSON: 2014, p.212).

Conforme o autor, a violência é a forma de controle mais extremo e é central para a definição cultural da masculinidade. Isso se construiu na vida masculina desde a infância, para garantir o ideal de masculinidade e se torna uma dinâmica resistente e destruidora, como na perpetuação da violência contra a mulher, historicamente vulnerável e subordinada diante dos papéis construídos para o feminino e o masculino. Portanto, a legitimidade adquirida pelos homens pode resultar em atos extremos, como os descritos abaixo.

Regina irritava Wendeson, ela tirava Wendeson do sério por causa da porra daquele rádio & Ermício descobriu uma foto de Silvana de biquíni no celular dela & Daniela queria romper com Alberto & Rusyleid desejava se separar de Tadeu & Degmar já até pedira o divórcio de Ádila & Iza morreu, na verdade, porque se negou a patrocinar a cachaça do Heroilson. Iza era assim, disse Heroilson para o juiz, uma dona complicada. Difícil mesmo. Sabe para quem Silvana enviou a foto de biquíni? Para um colega da firma. Eu deixava a Silvana trabalhar e ela fazia isso comigo, declarou Ermício. De biquíni! Abaixa a porra desse rádio, avisou Wendeson um milhão de vezes. Mas quem falou que Regina obedecia?

Ermício & Henrique & Heroilson estavam bêbados na hora do crime. O problema, disse um, é que juntou, doutor, a minha cachaça com a grosseria dela. Esse foi o problema. Queila morreu porque foi promovida. De atendente a chefe das atendentes. Ficou se achando, declarou seu assassino. E Sinval perguntou para Jaqueline, aos prantos: você trepou com esse cara, Jaque? Ao que a vítima respondeu: sim, trepei a noite inteira, Sinval, ele não é broxa como você, Sinval, nem desempregado, Sinval, ele tem pau grande e é motorista & um detalhe importante: Tadeu agiu em legítima defesa, é fundamental frisar. Em legítima defesa, Tadeu decepou a cabeça de Rusyleid.

Essa foi a conclusão a que cheguei na minha segunda semana no tribunal: nós, mulheres, morremos como moscas. Vocês, homens, tomam porre e nos matam. Querem foder e nos matam. Estão furiosos e nos matam. Querem diversão e nos matam. Descubrem nossos amantes e nos matam. São abandonados e nos matam. Arranjam uma amante e nos matam. São humilhados e nos matam. Voltam do trabalho cansados e nos matam.

E, no tribunal, todos dizem que a culpa é nossa. Nós, mulheres, sabemos provocar. Sabemos infernizar. Sabemos destruir a vida de um cara. Somos

³² How, then, do we understand the pervasive pattern of men's violence? To begin, the patriarchal principles of male dominance and the male-identified obsession with control combine to encourage in men the expectation of being or appearing to be in control at all times, which includes not being controlled by others. Because violence is the most extreme instrument of control, then the capacity for violence—whether or not individual men actually make use of it—is central to the cultural definition of manhood. Every man and boy faces the challenge of signaling either their own capacity for violence or their support if not admiration for that potential in other males, if for no other reason than to solidify their standing as real men (or boys) and to discourage acts of violence and ridicule that might be directed at them. It is a dynamic that begins early—in locker rooms and schoolyards—and extends in one form or another throughout men's lives.

infiéis. Vingativas. A culpa é nossa. Nós que provocamos. Afinal o que estávamos fazendo ali? Naquela festa? Àquela hora? Com aquela roupa? Por que afinal aceitamos a bebida que nos foi oferecida? Pior ainda: como não recusamos o convite de subir até aquele quarto de hotel? Com aquele brutamontes? Se não queríamos foder? E bem que fomos avisadas: não saia de casa. Muito menos à noite. Não fique bêbada. Não seja independente. Não passe daqui. Nem dali. Não trabalhe. Não vista essa saia. Nem esse decote. Mas quem disse que seguimos as regras? Vestimos minissaias. Decotes que vão até o umbigo. E shorts enfiados no cu. Abusamos. Entramos em becos escuros. Temos nossas bocetas ligadas na tomada. Extrapolamos. Trabalhamos o dia inteiro. Somos independentes. Temos amantes. Gargalhamos alto. Sustentamos a casa. Mandamos tudo para o caralho. O curioso é que não matamos. (MELO: 2019, p.71-72).

São inúmeros os motivos pelos quais os homens se sentem no direito de matar mulheres. E justificam isso para si mesmos. As relações em que há desconforto ou descontentamento se tornam potenciais ao feminicídio, como extremo da violência, pois ela dificilmente começa com a morte. Conforme Johnson (2014) “The sticking point, of course, is who gets to decide who is good and who is bad. Patriarchal culture provides an answer for this as well: a real man will decide such questions for himself as one more way to demonstrate his manhood.”³³ (JOHNSON: 2014, p.214). Portanto, nem as penalidades mais rígidas são capazes de evitar o assassinato de mulheres, porque a legitimidade está enraizada no “poder” masculino. Os motivos não ameaçam a vida dos homens, mas ameaçam os seus domínios e isso tem sido suficiente para a matança de mulheres, como descreve a narradora em diversas passagens da obra.

Você está surpresa – riu Carla. – Tecele “morta pelo...” no Google e veja o resultado.

Mais tarde conferi:

“Morta pelo”

Morta pelo namorado

Morta pelo marido

Morta pelo ex

Morta pelo companheiro

Morta pelo pai

Morta pelo sogro

O mal de aprender esse tipo de coisa é que a gente fica viciado. Todo dia, eu digitava “morta pelo” e recebia aquela enxurrada de sangue na cara. Não importa onde você esteja. Não importa sua classe social. Não importa sua profissão. É perigoso ser mulher. (MELO: 2019, p.74-75).

É perigoso ser mulher porque existe uma construção masculina de superioridade que resiste em compreender e aceitar a humanidade feminina. Esta humanidade implica

³³ O ponto crítico, claro, é quem decide quem é bom e quem é mau. A cultura patriarcal também fornece uma resposta para isto: um homem de verdade decidirá tais perguntas para si mesmo como mais uma forma de demonstrar sua masculinidade.

em conduzir a própria vida sem a sombra masculina. É importante destacar que, “Com frequência as vítimas de feminicídio são tratadas como criminosas ou como as verdadeiras responsáveis pelos crimes que sofreram.” (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 28). Seu passado será questionado, assim como suas atitudes do ponto de vista moral, como meio de justificar o ato contra sua vida.

A narradora também traz um momento de violência em que foi vítima de seu namorado.

Ácidos hilariantes. A gente se divertia um bocado juntos, pensei. Amir e eu. Lembrei de nós dois na cama, exaustos, ainda ofegantes, depois de fazer amor, “Você está acabando com meu pau”, dizia ele, e eu me sentia totalmente feliz com nossa vida sexual. Li de novo. E de novo. E outra vez. Aquele era o tipo de mensagem na qual eu queria acreditar. Senti comichões nos dedos. Bastava segurar o indicador no ícone do telefone ao lado da mensagem. Alô, Amir, eu também sinto saudades. Sinto falta do seu humor. Da sua inteligência. Eu adorava trepar com você, Amir. Adorava conversar com você. Adorava passar o domingo na cama, agarrada ao seu peito, assistindo a séries americanas. Tão fácil, a vida, para que complicar? (MELO: 2019, p. 86).

Almir era o namorado da narradora que havia sido violento com ela em alguns momentos e até lhe dado um tapa no rosto, o que afetou drasticamente a relação dos dois. Com um amplo conhecimento relacionado ao ciclo da violência contra a mulher, a narradora compreendeu que ela seria mais uma vítima desse sistema. Com efeito, mesmo recordando momentos graciosos aos quais conviveu com seu namorado e demonstrando certa nostalgia pelos momentos em que passou com ele, não apresenta um sentimento confortável diante da situação de violência a qual foi vítima. Por isso, o que lhe surge a partir disso é um sentimento de desprezo, raiva e descontentamento.

Senti raiva por me permitir tal pensamento. Afinal, aquela terceira e última semana do mutirão fizera o favor de me dar um retrato fumegante do tipo de homem que dá tapa na cara de uma mulher. Um tipo que considera uma relação afetiva como uma espécie de licença para matar. Um tipo que acredita que colocar o lixo na rua é o máximo que ele pode fazer por você, que está exausta. Você, que trabalhou oito horas fora de casa, limpando, organizando, esfregando, dirigindo, operando, educando, fazendo o diabo. E que, em casa, cozinhou, lavou, passou e pôs as crianças na cama. Eu vi tudo isso no tribunal. Antes do tapa, ofensas verbais. Vagabunda. Preguiçosa. Puta. Com Helena foi assim. Com Marta, idem. Cala a boca, vadia. Biscate. Vaca. O tapa é um divisor de águas. Ele inaugura a fase da pancadaria. Empurrões. Socos. Todo tipo de golpes. Foi assim com com Rayna. Derrubam você no chão, como se estivéssemos na idade da pedra. Algumas mulheres, como Lindalva, ficam surdas antes de morrer. Esses homens estouram o tímpano das mulheres que chamam de querida. Amor. Princesa. Gatinha. Eles seguem direitinho o manual de como acabar com uma mulher. Mas claro que pode ocorrer de eles quebrarem o seu braço antes mesmo dos xingamentos. Alguns são afoitos. Querem liquidar o assunto o quanto antes. Mas é certo que a maneira como

você vai morrer depende de muitos fatores: dosagem alcoólica do macho. Nível de frustração do macho. Montante de pressão no trabalho dele. E claro, se você rir na cara dele, as coisas vão acontecer num ritmo alucinante. Não se esqueça disso, jamais. Saiba que os chutes também fazem parte dessa fase que tem início com o tapa no rosto. Eles gostam de chutar sua barriga, suas pernas, seu rosto no momento em que você já está caída no chão, sem forças. Para você aprender, eles dizem. Avisam: se você for embora, eu acabo com sua vida. Mato seus pais. Mato nossos filhos. Só depois, quando deixa de ser divertido usar as próprias mãos e pés para espancar e chutar, é que vem a fase em que eles pegam a panela de pressão, a faca, o fio do aspirador em pó ou qualquer outro objeto resistente, pesado ou pontudo, qualquer coisa que queime, perfure ou comprima para colocar um ponto final na vida de suas namoradas. Esposas. Companheiras. Amantes. Vi tudo com meus olhos. As provas eram contundentes: fotos, vídeos, gravações de câmeras de segurança. Eu estava ali, no tribunal. (MELO: 2019, p.86-87).

Neste relato, a narradora traz detalhes de um processo violento decorrente do machismo estrutural pelo qual os homens e mulheres estão inseridos. Isso porque, ao se deparar com a realidade da violência apresentada no judiciário, surge com maior clareza a consciência de que a morte das mulheres pode ocorrer muito antes do assassinato. Qualquer ato de violência, mesmo que pequeno, sublime ou aparentemente insignificante tanto para a vítima quanto para o agressor são fatores indicativos de futuros atos extremos quanto a liberdade e integridade da mulher. O feminicídio pode ser chamado de “morte anunciada” e o Estado deve ser responsabilizado por não conter as medidas necessárias para evitá-lo.

A partir da compreensão de que os feminicídios são, em boa parte, ‘mortes anunciadas’, o Estado pode ser responsabilizado. Fatores como a não efetivação dos direitos previstos nos marcos legais, não implementação de serviços especializados de atendimento, a aceitação e naturalização de hierarquias de gênero e raça e a banalização de uma série de violências anteriores pelas próprias instituições do Estado contribuem para a continuidade das violações que estão nas raízes do feminicídio. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 93).

As instituições também são acometidas pela banalização da violência contra a mulher, o que vem de uma estrutura social, por isso, as mulheres não estão seguras em nenhum lugar, já que basta que o homem “ame” sua companheira para então se sentir dono dela, e, assim, poder determinar se o comportamento da amada lhe agrada ou não e usar da força física ou da degradação verbal para atingi-la, e ainda poderá escolher se ela continuará viva ou não.

Eu vi. No plenário, Milton & Rondiney & Edson & Nildo & Ricardo & Ítalo & Rodrigo & Fares & Brayan, todos falaram a mesma coisa. Problemas sexuais. Problemas com bebida. Adultério. Alguns chegam à corte

acompanhados por seus psiquiatras, alegando insanidade. Não lembro de nada, eles dizem. Tenham piedade de nós, eles argumentam: somos epiléticos. Somos bipolares em grau máximo. Somos esquizofrênicos. Mas a verdade é que a maioria é totalmente normal e saudável, da mesma forma que é totalmente assassina. Filhos, miséria, desemprego, bebedeira, nada disso é o verdadeiro problema. A razão é bem outra: eles matam porque gostam de matar mulheres. Da mesma forma que gostam de pescar ou jogar futebol. (MELO:2019, p.88).

A narradora fala o que percebe dos homens que se apresentam para a própria defesa, que, aliás, são muitos, e tentam justificar de diversas maneiras o porquê do assassinato das mulheres. São diversos os motivos pelos quais os homens matam as mulheres, mas dificilmente isso ocorre em legítima defesa, o que leva a concluir que o matar é um ato injusto e cruel, em que é colocada a vontade e autoridade própria acima das leis e da justiça. De acordo com a perita criminal do Instituto Geral de Perícias do governo do Rio Grande do Sul, Andrea B. Machado, a relevância desse crime para os assassinos é pequena, devido ao modo como é conduzido.

“No caso do feminicídio cometido por parceiros ou ex, muitas vezes eles matam a mulher em casa, no bairro ou no trabalho, na frente de outras pessoas. São comuns os casos em que o autor não faz questão de ocultar o crime de testemunhas, o que significa que exibir aquilo reforça sua masculinidade, ele se sente autorizado pela sociedade a ter controle de vida e morte sobre a mulher”, exemplifica Andrea Brochier Machado, perita criminal do Instituto Geral de Perícias do governo do Rio Grande do Sul. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 56).

O que caminha na mesma linha trazida pela narradora, pois, para ela, os homens que cometem essas atrocidades agem na mesma proporção do gozo de pescar ou jogar futebol. Ou seja, há tanta banalidade em matar mulheres que a eles não faz tanta diferença. A vida e a liberdade da mulher não são mais importantes do que o “qualquer” motivo criado por eles para explodirem o ímpeto assassino, como meio de reforçar a masculinidade.

Para a narradora, os sinais de possessividade são anunciados metaforicamente pela linguagem do “amor”, como detalhado abaixo.

Esses matadores de mulheres, eu aprendi, tem um vocabulário próprio. Você tem que saber traduzir o que eles dizem quando eles dizem “eu te amo”. Quando eles dizem “eu te amo”, saiba: eles estão dizendo que você tem dono. Quando eles falam que sentem ciúmes, você tem que entender que eles estão falando de direito de uso de propriedade. Você é como o carro dele. O celular dele. A casa dele. O sapato dele. Ele é o senhor do engenho. Você é a escrava. Ele é o fazendeiro. E você, o gado. Ele é o proprietário. E você, o produto. E seu casamento, seu namoro, seu vínculo são sua desgraça, sua condenação à morte. Quando ele pede desculpa, quando ele pede para voltar, ele está

avisando: sua contagem regressiva já começou. Então é bom você ser esperta. Fuja desse homem. Desapareça. Apague a mensagem. (MELO: 2019, p. 88-89).

Todos os movimentos do controle masculino começam pela ideia de amor e proteção, que em outras palavras significa “dominação”. Quando o “amor” vem de um homem, quer dizer que, a partir de então, ele quer a mulher como propriedade. Ela deve agir e se comportar como ele deseja, deve servi-lo em sua totalidade; a liberdade dela agora é limitada, reduzida ou anulada. O início de um namoro pode ser o começo de uma vida miserável para a mulher – que se deixa levar pelo outro lado da construção – o da “necessidade” de permanecer ao lado de um homem – como a ideia suprema de felicidade na vida, ou de que “necessita” da proteção masculina, seja ela financeira ou física – o que não é verdade, visto que um dos maiores perigos para qualquer mulher é a presença de um homem; seja um desconhecido na rua, seja um motorista de aplicativo, seja um parente ou vizinho, seja o namorado ciumento e controlador, seja o marido possessivo e aniquilador da vida da mulher.

Destarte, para Johnson (2014), há uma relação da masculinidade com a falta de empatia que agrava esse comportamento violento.

Men’s violence is facilitated by a lack of empathy that might otherwise interfere with asserting control by reminding them of the pain and suffering that may result. The shortage of empathy is itself a consequence of the expectation of patriarchal manhood that men will always be in control, a state that is fundamentally at odds with empathy. A key to being in control is to see yourself as unaccountable to the object of control. A lack of accountability, in turn, encourages seeing the objects of control as having no feelings or a life of their own.³⁴ (JOHNSON: 2014, p. 214).

Para o autor, a falta de empatia masculina está intimamente ligada ao sistema patriarcal, como consequência da manutenção do controle. Quem está no controle não tem o dever de prestar contas ao objeto controlado, e este é visto como não tendo sentimentos ou vida própria. Isso corrobora o que diz a narradora sobre as atitudes dos homens em relação às mulheres, que sofrem uma violência incessante.

A seguir, a narradora fala sobre a dificuldade de sua amiga em terminar um relacionamento.

³⁴ A violência dos homens é facilitada pela falta de empatia que, de outra forma, poderia interferir na afirmação do controle, lembrando-lhes a dor e o sofrimento que podem resultar. A falta de empatia é em si uma consequência da expectativa da masculinidade patriarcal de que os homens estarão sempre no controle, um estado que está fundamentalmente em desacordo com a empatia. Uma chave para estar no controle é ver-se como alguém que não presta contas ao objeto de controle. A falta de responsabilização, por sua vez, encoraja a ver os objetos de controle como não tendo sentimentos ou uma vida própria.

– Começar uma relação, para mim, é um problema. Mas terminar é “o problema”. Não consigo. Fico enrolando, empurrando com a barriga, inventando desculpas, dando bolo, é horrível, mas sei lá, sempre acho que o cara vai entender que não estou mais a fim sem eu ter que dar o fora, mas tem gente que precisa de um ponto final feito de aço e cimento. E fica telefonando, insistindo, posso dormir hoje aí? E amanhã? E sábado? E quando não consegue, vem catar protagonismo, me assustando, dizendo que preciso da proteção dele, que preciso de um homem dentro de casa, me diga, qual outra razão para ele ficar lendo aqueles comentários violentos em voz alta? (MELO: 2019, p.107).

A personagem Carla, promotora dos casos de feminicídio no Acre e amiga da narradora fala sobre a dificuldade que tem com as relações amorosas. Para ela, começar uma relação não é fácil e terminar é mais difícil ainda. Contudo, mesmo não conseguindo ser clara ao terminar com seu namorado, ela quis que ele entendesse que ela já não queria mais e foi se afastando. No entanto, ele se recusou a aceitar esse afastamento e fez o que ela menos gostaria, ficar insistindo de todas as formas em encontrá-la e usando de jogos emocionais para sensibilizá-la.

A inaceitabilidade do término da relação pode se tornar um grande problema emocional para todos os envolvidos, mas principalmente para quem não deseja mais a relação. As decisões da vida competem a cada indivíduo e o outro não tem o direito de tentar impedi-las ou modificá-las. Mas os desejos egóicos querem se sobressair a todos os outros.

Assim também age o ex-namorado da narradora, que, de repente aparece no Acre, sem qualquer aviso.

Enquanto estacionava, notei que havia alguém na minha varanda. Só ao saltar do carro, vi claramente: Amir estava sentado nos degraus, com uma cerveja na mão e o celular na outra. Ao seu lado, uma mala de tamanho médio.

– Oi – disse ele, sorrindo. (MELO: 2019, p.109).

Amir foi em busca de uma tentativa de reconciliação, sem qualquer predisposição da amada, o que não a deixou contente com essa situação. Para tanto, iniciam um diálogo.

– O problema sou eu – falei, tentando retomar meu plano.
Hoje me arrependo por não ter tirado fotos da cara de Amir naquele momento.
– Sou eu – repeti. – Não consigo criar vínculos com um homem que me dá um tapa na cara. É um defeito meu, sabe? Uma deformação profissional. Prefiro homens não violentos. Homens amáveis. É um desvio de personalidade, eu sei. Mas, para mim, um homem que estapeia uma mulher só está se exercitando para fazer o que ele realmente gosta de fazer, que é matar mulheres. Não sei

por quê, mas não consigo transar com assassinos em potencial. (MELO: 2019, p.116).

Neste momento, ela tem de dizer claramente o porquê de não mais suportá-lo, que se resume no fato de ele a ter tapeado no rosto. Isso para ela é inaceitável, já que, diante de seus conhecimentos, é o momento em que se iniciaria o ciclo da violência em sua vida. Em meio as suas observações nos casos de feminicídio no Acre, bem como a experiência trágica da morte de sua mãe, ela não poderia se permitir conviver com alguém que a violentou e teve de ser enfática nisso. Já para ele, não parecia ser um problema, como para a maior parte dos assassinos de mulheres, que insistem em perdões a cada ato de violência, julgando-se serem merecedores de uma nova chance porque amam, até que o fim seja irreversível.

Na sequência, fala da morte de Txupira, uma garota indígena, que foi estuprada e assassinada de modo muito cruel.

- Quando uma mulher morre, sua história deve ser contada e recontada mil vezes.
Txupira nunca mais vai mergulhar com Naia.
Nem cantar as canções aprendidas com a avó.
Txupira nunca será mãe. Nem terá netos;
Txupira não vai ver mais garças, nem mutuns ou araras amarelas. Nem comer miojo, como ela gostava de fazer, ao voltar da escola.
Txupira não vai mais dormir no chão de paxiúba. Nem ter aulas de português.
Ou catar piolhos do irmão mais novo. Alguém tem que pagar por esse déficit vital.
(MELO: 2019, p. 147).

Uma mulher morta pela condição de gênero, desprezo ao feminino, ódio, é uma perda social, pois esta morte também está relacionada a todas as mulheres. Não é apenas uma vida que se perde, mas uma humanidade. O direito de existência, de produzir os seus caminhos diante de suas escolhas, de vivenciar as experiências proporcionadas pela vida, de receber e espalhar afetos, de sentir o mundo a seu modo.

Quando uma mulher morre é preciso lembrar o que é ser uma mulher, e a situação em que ela está, limitada à dominação masculina ao ponto de nem poder continuar vivendo.

A seguir, há um breve relato da morte de Txupira,

E no outro dia, ao sair da escola, Txupira avisou Janina: “Hoje temos que pegar casca de caroba pra mãe.” Janina não queria andar no mato molhado, mas também não queria voltar sozinha para a aldeia, porque chovia, e Janina tinha medo de trovão, mesmo depois de Txupira explicar que trovão é isso: quando Deus espirra faz cabrum, e naquele dia, que parecia noite, cabrum, e nada de

caroba, Txupira ia mais longe, porque a caroba está mais lá dentro, mais perto do rio, porque a mata não é mais a mesma, a mata só piora, só rareia, “só mais um pouco”, pedia Txupira, “mais um tíquinho, até ali”, os pés afundavam na lama, a mata se fechava, e Janina miúda, com lama até os tornozelos, ficou com medo, quis voltar, “espera aqui então”, disse Txupira, cabrum, “vou sozinha” e foi indo, indo e sumiu. No início, Janina ouvia os estalidos dos passos da irmã, pof, creque, depois só a água da chuva caindo, caindo. E depois ela escutou um grito. E motor de carro. E ficou com medo. Janina esperou, esperou, a chuva parou e começou e parou de novo e nunca mais Txupira voltou. [...]

Foi Agripino quem levou o caso ao delegado, logo depois de ter sido chamado por Luís Crisântemo Alves para lavar sua Mitsubishi 4x4. Na ocasião, Luís Crisântemo foi preso e confessou o assassinato de Txupira, denunciando seus dois amigos, os mesmos que compunham a foto que eu vi no jornal naquela manhã. Segundo Crisântemo, ele e seus colegas, Abelardo Ribeiro Maciel e Antônio Francisco Medeiros, estavam indo para a fazenda do pai de Crisântemo quando viram Txupira andando pela mata, ao lado da estrada. O programa era jogar sinuca na fazenda, onde estariam sozinhos para beber o uísque do pai, mas a índia agora estava ali, dando sopa. Ele reduziu a velocidade.

– Arre, djanga – disse um. – Você viu? Isso é o que eu chamo de tarraxa da terra – afirmou o outro. – Dá para fazer um piseiro bom – disse o terceiro. Acharam graça. A índia ali, desfrutável. Quando deram ré, vem cá, vem cá, disseram, a selvagem saiu em disparada. Então, um deles teve que ir atrás. Caçar a moça. Enfiá-la no carro. À força. Não para estuprar, nem para matar, mas para se divertir, porque eles acharam engraçado ver a índia assustada, como bicho, acharam engraçado sem saber explicar por que era engraçado, talvez porque já estivessem bêbados, e depois, ela não entendia picas do que eles diziam, ficava olhando com uns olhões grandes, com cara de tonta, e isso eles também acharam muito cômico, e depois – ele nem sabe explicar como tudo aconteceu, mas foi assim, uma coisa levando à outra, ela não parava de gritar, e por isso eles rasgaram a camiseta dela e a amordaçaram. Isso, já dentro do automóvel. E assim, ela ficou com os peitos de fora, e Txupira era uma índia muito bonita, e então eles chegaram à fazenda, e aquela coisa toda, continuaram a beber, e a coisa foi, assim, digamos, acontecendo assim, “naturalmente”, sabe? Antônio Francisco passou a mão nos peitos de Txupira, e não é que a maluca deu um tapa no rosto de Antônio Francisco? Por isso ela teve as mãos amarradas, mas a ideia não era estuprar, isso não. Nem torturar. Mas a índia, caceta, a índia era brava demais, e mesmo com as mãos amarradas, imagina, começou a chutá-los. E então Abelardo veio da cozinha com uma faca, não para matar, nem para torturar, era só para assustar, e Crisântemo disse que ficou com medo de que essa brincadeira acabasse sujando o tapete da sala – sua mãe ficaria muito puta, e assim eles acabaram no celeiro, onde Txupira foi pendurada num desses ganchos de açougueiro para “se acalmar”. E foi assim que eles acabaram estuprando, torturando e matando Txupira. Mas a ideia não era matar. Nem estuprar. Foi sem querer. Ele até pensou em oferecer dinheiro para Txupira, coitada. O problema é que ela acabou morrendo antes. E por isso eles jogaram o corpo dela na caçamba do carro, o mesmo carro que José Agripino, ex-boia-fria da fazenda do seu pai, lavou.

O corpo foi desovado num igarapé. A família de Txupira e os indígenas da aldeia já tinham revirado a mata de cima abaixo atrás da menina. O pai dela foi até a Funai para pedir ajuda. E antes mesmo que o delegado soubesse do carro e do sangue e prendesse os rapazes, o corpo de Txupira foi encontrado boiando, de costas, os braços amarrados. Seus mamilos foram extirpados. E dentro do seu útero encontraram cacos de vidro. (MELO: 2019, p.34-37).

O relato da morte de Txupira mostra vários pontos que se encaixam na análise do controle masculino sobre o feminino a ponto de externar a violência máxima - como uma

mulher/menina não está segura em nenhum lugar, porque pode, em qualquer momento, encontrar um homem disposto a violá-la. E, ainda, há uma ideia por trás do discurso masculino de que a mulher não deveria estar naquele lugar, culpando-a.

Aqui o objeto controlado não apresenta sentimento ou vida própria para os controladores, eles não a enxergam como um sujeito humano de direitos e vontades - mas apenas como um objeto a serviço de suas diversões. E a violência ocorre como algo insignificante “- e depois – ele nem sabe explicar como tudo aconteceu, mas foi assim, uma coisa levando à outra [...]”. E tudo vai acontecendo como se a vítima fosse a maior culpada da situação; culpada por ser bonita, culpada por tentar se defender dos agressores e por isso merece ser atacada.

Neste tipo de crime não impera apenas o controle sobre o feminino e o desejo de ser valorizado pela violência, mas claramente um menosprezo à mulher, além do ódio à condição feminina e tudo o que a representa. Neste sentido, afirmam as autoras que

Episódios que envolvem violência sexual seguida de assassinato, seja tentado ou consumado, ou ainda os casos em que há tortura e mutilação, revelam a desumanização e o ódio em relação à condição feminina [...]” e que “[...] quando há mutilação dos órgãos genitais ou partes do corpo associadas ao feminino, quando há violência sexual... Todos esses elementos são indicativos desse menosprezo. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p. 18).

Na sequência, mais uma forma de violência acomete a narradora pelos seu ex-namorado,

E então Denise me contou. Ela estava realmente chocada: o escritório recebera alguns vídeos com imagens minhas. Íntimas. Eu nua. Eu fazendo sexo. Mesmo antes de vê-los, eu sabia que só podia ser coisa de Amir.
 – Os americanos até já têm nome para essa prática: *revenge porn* – explicou Denise.
 – Você pode me mandar tudo isso? – perguntei.
 Acho que foi naquele telefonema que entendi o que significava sororidade.
 – Tenho que dizer duas coisas – afirmou Denise antes de desligar: – Primeira: vou defender você neste caso. *Pro bono*. É sempre difícil, mas às vezes conseguimos levar um idiota como esse ao tribunal. Vou precisar da sua ajuda, claro. Segunda: não quero saber, a não ser que queira me contar, a razão pela qual você sumiu, me deixando na mão. Suponho que esteja passando por um momento delicado. Por isso, quero que saiba que, quando quiser, as portas do escritório estão abertas para você. Quero que volte a trabalhar conosco. Eu realmente não sabia o que dizer. Nem sei como acabou o telefonema. Só me lembro de estar na varanda de casa vendo toda a merda que Denise me encaminhou. Numa das fotos eu estava sentada no vaso sanitário, nua, cortando as unhas do pé direito. Sem calcinha. De todas, essa era a única que fora feita com meu consentimento. Lembro até do que Amir disse naquele momento. Que eu era linda até na privada. Até fazendo cocô. Até menstruada. As outras foram feitas sem minha anuência. Cenas da gente transando. Como ele gravara

aquilo sem que eu percebesse? Num outro vídeo, eu aparecia tomando banho, lavando minha bunda. Inacreditável.

Mais tarde descobri que Amir também enviara as fotos para um site que permitia upload anônimo de material pornográfico. As legendas conseguiam ser ainda piores que as imagens: “Advogada criminal, moderna, sem preconceitos. Adoro sexo grupal”. O pior de tudo foi ele ter publicado também o número do meu celular. As mensagens não paravam de pipocar. *Vou chupar você todinha. Gostosa. Putinha linda. Vem aqui na minha casa. Você gosta também de dar o cu? Vem chupar a minha rola.*

De repente, ali mesmo, numa súbita ânsia de vômito, tive a total com preensão do que estava acontecendo. Eu estava sendo queimada na fogueira. Como uma bruxa. Amir, o canalha, que não tinha conseguido me matar fisicamente, tentava me queimar na fogueira virtual. (MELO: 2019, p.158-159).

Amir, ex-namorado da narradora, ao não aceitar o término do relacionamento, praticou o crime conhecido como “Pornografia de Vingança” ou “Revenge Porn”, capaz de causar danos psicológicos e emocionais graves. Muitas pessoas têm dificuldades de lidar com o fim do relacionamento, mas algumas usam dessa dificuldade para cometerem crimes ou desenvolverem comportamento obsessivo. Desse modo, a vingança constitui um meio pelo qual a pessoa que se sente rejeitada adquire na tentativa de diminuir os sofrimentos ou tentar impedir que o outro siga bem sem a presença dele.

No trecho acima, o baixo limite à frustração de Amir o fez divulgar os vídeos e fotos íntimas da ex-namorada, uma maneira cruel de agredir a intimidade dela. Todo esse comportamento vem da criação machista de nossa sociedade, em que o homem ainda se sente como detentor da mulher, tratando-a como objeto. Portanto, quando há conflitos entre um casal ou decisões terminativas de uma parte, o homem, na maioria dos casos, age de forma mais veemente e violenta, seja física ou psicológica. Para Saffioti (2015), “[...] qualquer que seja a profundidade da dominação-exploração da categoria mulheres pela dos homens, a natureza do patriarcado continua a mesma.” (SAFFIOTI: 2015, p.114).

Em nossa sociedade também há uma tendência em colocar culpa na mulher, como se ela merecesse apanhar, ser estuprada ou assassinada. E, pode ocorrer de muitas mulheres se sentirem culpadas diante desses fatores. Isso porque,

No Brasil, ainda são recorrentes os casos em que o assassinato por parceiro ou ex é apresentado como um ato isolado, um momento de descontrole ou intensa emoção em que o suposto comportamento de quem foi vítima é apontado como ‘justificativa’ para perversamente dizer que ela – e não o homicida – foi responsável pela agressão sofrida. (PRADO; SANEMATSU: 2017, p.15-16).

Como disse Johnson (2014), o homem está distante da empatia por esta pressupor um olhar à humanidade do outro, e, como o mais importante na sociedade masculina é estar no controle, o objeto controlado ou se torna irrelevante, ou se torna odioso.

Há ainda casos em que mulheres não conseguem se desvincular do agressor, como apresentado abaixo.

– Você viu como é? – perguntou, finalmente olhando nos meus olhos. – No processo, a moça disse que foi estuprada. Aí chega aqui e diz que não, que falou aquilo porque estava com raiva do namorado. E, no fim, réu e vítima saem daqui de mãos dadas. (MELO: 2019, p.176).

A narradora mostra ainda uma realidade comum entre as mulheres vítimas de violência, o perdão ao agressor. Os motivos que levam às mulheres a perdoar seus agressores são vários, como: a não identificação da violência ou a gravidade desta; a dependência emocional; a dependência financeira; a constituição de filhos; a romantização do casamento; a valorização a todo custo do masculino; a esperança de uma transformação, dentre outros.

Esse aceitar novamente das mulheres dificilmente quebra o ciclo da violência, pois não há uma consciência clara da gravidade desses atos para a vida e liberdade delas, o que pode comprometer-lhes o emocional, o psicológico ou o físico. O perdão após a denúncia que muitas mulheres fazem significa primeiramente, um não concordar, e conseqüentemente, um permitir. Dessa forma, a violência continua com grandes chances de permanecer. E isso será a morte de uma vida toda, seja dia a dia, seja de modo abrupto.

A violência e a morte são os extremos do controle masculino sobre o feminino, contudo, estão enraizadas na cultura patriarcal que parece resistir às mudanças. Como detalhado por Simone de Beauvoir (2016), a inferiorização da mulher e sua colocação em segundo plano na construção social e pessoal, mesmo que não haja comprovação biológica ou psíquica de uma identificação nata com a sujeição de papéis definidos, são requisitos perpetuadores da objetificação da mulher, o que permite aos donos do controle conduzirem o destino feminino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da proposta deste trabalho, em trazer a situação da mulher representada por algumas obras literárias sob a perspectiva teórica de Simone de Beauvoir, compreendemos que a ficção apresentada aqui está intrinsecamente relacionada aos estudos sociais e filosóficos sobre a situação feminina.

Quando abordamos historicamente a dimensão da estrutura patriarcal, no primeiro capítulo, foi possível identificar a sua força sobre o destino das mulheres, o que vem acontecendo desde o mundo antigo, intensificando-se com a religião cristã na Idade Média e trazendo suas raízes durante os séculos seguintes até a contemporaneidade. O patriarcalismo, também conhecido como machismo estrutural, tem ditado as regras que as mulheres e homens devem seguir, sujeitando os diferentes gêneros a papéis rígidos, dos quais a tentativa de dissociação é geralmente punida socialmente, com desvalorização, segregação, violência ou morte.

O desejo e a manutenção pelo controle masculino são demonstrados nas obras literárias analisadas nesta pesquisa, que representam diversos arquétipos e realidades femininas sujeitadas ao domínio concreto ou simbólico fortemente construído e justificado por instituições e criações predominantemente masculinas. As mulheres, nos primórdios, foram condicionadas a fatores biológicos, que as impediam de participarem ativamente das aventuras e conquistas masculinas, cujas realizações se voltavam para a transformação da natureza e do modo de vida social, enquanto elas cuidavam da estrutura privada, constituição da família e trabalhos repetitivos sem o êxito da transformação social.

Elas foram excluídas das funções de liderança e de poder, fossem eles na religião, na política, na propriedade de terras, nas fábricas, na academia, dentre outros. Os motivos para isso foram diversos, como o de não terem inteligência suficiente, o de terem um papel definido de cuidado da família, marido, filhos e da casa, o de terem pouca capacidade para liderarem, assim por diante. E assim elas foram sendo constituídas como o *Outro*, conceito trazido na teoria de Simone de Beauvoir (1908-1986).

Na ficção, deparamo-nos com representações femininas capazes de transcender à sujeição, às angústias e à inconformidade com a situação da mulher em diversos tempos e modos. Começamos com a personagem Capitu - construída no século XIX pelo escritor Machado de Assis (1839-1908), na obra *Dom Casmurro*.

Capitu é apresentada como amiga e vizinha de Bentinho, um menino branco e rico da sociedade do Rio de Janeiro, que narra toda a história. Portanto, a personagem feminina é descrita por um narrador (homem) que traz a sua percepção e conhecimento da história que o envolve com Capitu. Ela é sempre colocada como esperta, atraente e manipuladora. Desperta a atenção e desejos de Bentinho, primeiro em uma amizade de infância, depois como o amor de sua vida. Ocorre que, diante da exposição do narrador, Capitu demonstra ser uma mulher surpreendente, cheia de capacidades, de muita beleza e com muita segurança nas falas e atitudes; como o contrário do narrador, muito protegido pela mãe, cresce como um homem médio, apesar de ter posses e um bom desenvolvimento no campo profissional, não se sente à altura da amada, que está sempre a sua frente.

Na ordem prática, Bentinho consegue se livrar do seminário, imposto por sua mãe, para se casar com Capitu, que também assim deseja. Como normas da sociedade da época, nada era mais vantajoso para uma moça do que um bom casamento e a construção da família, e assim fez Capitu, que também amava e confiava em Bentinho. Contudo, o narrador passa a desconfiar da fidelidade da mulher, ao imaginar que seu filho está cada vez mais parecido com o amigo Escobar, que conheceu no seminário. Essa imaginação ganha força e ele se separa da amada, enviando-a para outro país com a criança e nunca mais a vendo.

Durante toda a obra, Bentinho enaltece as qualidades de Capitu, admirando-a e comparando-a consigo, e até admitindo sentir inveja da amada. O que se presume que Capitu era uma mulher extraordinária, mesmo com as limitações impostas à sua condição feminina, e o narrador jamais conseguiu acompanhá-la, portanto, a alternativa que lhe restou foi a de aniquilá-la, enviando-a para longe, com uma justificativa pouco plausível, criada por ele. Sem opção, Capitu se viu reclusa e distante, já que dependia financeiramente do ex-marido.

Neste contexto, a personagem representa uma mulher com muitas potencialidades, mas limitada à situação matrimonial, cuja voz foi anulada em uma crise causada pelo seu companheiro e, portanto, teve de seguir o destino que ele a impôs.

Vale frisar que todas as personagens trazidas neste trabalho coadunam com a teoria da filósofa Simone de Beauvoir - desenvolvida na obra *O Segundo Sexo*, onde conclui que a mulher está em uma posição secundária em relação ao homem, que dificilmente consegue guiar seu caminho sem as amarras do patriarcalismo, cujo controle é predominantemente masculino, além impor padrões dos quais as mulheres não conseguem se desvincular.

No segundo capítulo, além de uma análise mais contundente da obra de Simone de Beauvoir, há também o estudo da personagem Maria Emília do conto “Senhor Diretor de Lygia Fagundes Telles (1918-2022), escritora conhecida por traduzir a voz feminina em suas obras, traz neste conto uma mulher com sessenta e quatro anos, professora aposentada e virgem, como a própria personagem se descreve. A história começa com Maria Emília se sentindo indignada com estampas em capa de revista demonstrando naturalmente um momento de erotização, com uma mulher sensualizada que mostra partes íntimas de seu corpo. A personagem fica horrorizada com a situação e resolve escrever uma carta ao diretor de um jornal para denunciar tal situação. Contudo, o que predomina na narrativa é a opressão sexual vivida pela personagem. Como ela mesma afirma - “virgem” - de um modo repetitivo, enfatizando toda a sexualidade não vivida. Em vários momentos do conto ela expressa uma tensão sexual decorrente dos desejos não vivenciados durante sua vida. Em meio a escrita da carta, ela se percebe discutindo outros assuntos que não se relacionam com o primeiro, o que representa a inquietude em seus pensamentos sobre a vida que, oprimida, tende a transbordar de algum modo.

Maria Emília é o reflexo da conduta moralizante sobre as mulheres, as quais não dispõem da mesma liberdade masculina sobre uma vida inteira. Ela é a herança da mãe que fazia sexo apenas por obrigação, como um ato de servir ao marido, o que teria se tornado um tormento. Assim, concluindo não ser algo bom para a mulher, fechou-se, ainda mais com força negativa do prazer sexual originado pela religião cristã. Ela passou a vida acreditando estar correta em suas atitudes, por não se entregar aos prazeres da carne, das paixões e da sensualidade, mas durante o processo de escrita da carta e entre uma observação e outra dos comportamentos dos jovens, bem como de sua amiga Mariana, acabou por repensar se isso realmente era o certo ou o normal, se ao contrário, o melhor teria sido se entregar aos desejos naturais.

Esta obra também apresenta uma relação simbólica da situação feminina e masculina, quando Maria Emília pede autorização ao Senhor Diretor para utilizar um enfeite no cabelo, no dia de seu aniversário, o que para ela era um ato ousado, que não costumava realizar. O fato de pedir autorização a um homem para o modo como se veste ou se comporta mostra como a sua repressão advém do controle masculino implantado nas sociedades e a coloca em um lugar de sujeição, de passividade, de secundariedade.

Para o terceiro capítulo foram utilizadas obras contemporâneas que refletem uma versão feminina dentro do contexto atual. A primeira traz a uma abordagem introspectiva da personagem Emília, na obra *¿Qué hacer con estos pedazos?* de Piedad Bonnett (1951),

poeta e dramaturga colombiana, que retrata muito claramente como as determinações simbólicas do poder masculino podem afetar a vida de uma mulher.

A personagem Emília casa-se com Ruben por ter engravidado deste. Contudo, ao longo da narrativa mostra-se insatisfeita com sua vida de casada. Compreende-se que não é como ela gostaria de estar vivendo, de que há lacunas em sua existência, as quais ela mesma tenta entender. Durante toda a obra, ela narra o dia a dia que enfrenta em um cotidiano entediante devido à presença e ações do marido. Inicia falando da reforma de sua cozinha, ordenada pelo seu companheiro, em que sua opinião não foi sequer requerida. Ela afirma ser um padrão, o marido decide o que fazer e não se interessa pelo que ela pensa a respeito. E assim ela vai descrevendo essas sensações de anulamento diário causado por uma presença dominante. Os comandos e suas angústias aparecem de modo sutis, resultado de uma violência simbólica, quase imperceptível, sobre a mulher, que é levada a sempre permanecer em um estado passivo, irrelevante e com obrigação de tolerar.

Emília sempre diz que gostaria de fazer apenas o que ela quisesse, inclusive de procrastinar, de não ter que se deparar, por exemplo, com uma reforma em sua cozinha, mas ela não consegue, porque em sua vida existem os outros que interferem diretamente. Para se distanciar desse cotidiano que não a agrada, ela costuma se refugiar em seu trabalho, como escritora de revistas. Além disso, Emília representa uma parcela da mulher contemporânea referente à independência financeira e a dependência da presença masculina. No caso da personagem, que demonstra consciência de sua situação, compreende-se um limiar presente na vida de muitas mulheres, o de enfrentar um sistema em prol de sua liberdade ou de se adequar aos papéis ainda determinados a elas. No caso de Emília percebe-se a dimensão do poder simbólico da sujeição feminina mesmo que ela tenha oportunidades de se constituir de modo diferente.

Por último, a obra utilizada foi *Mulheres Empilhadas* de Patrícia Melo (1962), escritora e roteirista, que traz em uma linguagem “nua” diversos assassinatos de mulheres, enfatizando o tema da violência e do feminicídio. Nesta obra, a narradora é uma jovem advogada que sai de São Paulo para o Acre, com objetivo de assistir um mutirão de julgamento de feminicídios. Neste percurso, ela narra diferentes assassinatos de mulheres, tanto referentes ao mutirão, quanto aos que vão acontecendo ao seu redor. Narra também sobre o comportamento dos homens diante desses acontecimentos, bem como as falhas institucionais.

Ao longo da história, é possível perceber o quanto as mulheres estão subordinadas às vontades masculinas, o quanto o corpo e a vida delas não as pertencem. Tudo isso em prol do controle masculino, que, para se manter ativo, usa, em seu extremo, a violência como resolução. Essa violência é fluída, cotidiana e persistente. A falta de empatia masculina sobre o feminino permite qualquer ação que não desmonte o lugar do homem, o que coloca a mulher em um lugar objetificado e usado ao prazer masculino. A mulher situada como objeto é desvalorizada, discriminada e até odiada, como apresentado em crimes violentos, cujas partes do corpo da mulher que representam o feminino são mutiladas. Nestes crimes, fica claro o menosprezo e ódio pelo feminino.

Além disso, o Estado falha quando o ápice da violência é a morte de uma mulher, pois, essas mortes são “anunciadas”, já que quase sempre há um histórico de violência por trás delas. Conforme a narradora, um “eu te amo” já pode ser identificado como “eu sou seu dono” e um “eu tenho ciúmes” significa “você é minha propriedade”, a ocorrência de um tapa, um empurrão, um chute, quer dizer que o próximo passo pode resultar em morte.

Em *Mulheres Empilhadas* há uma realidade atual e cruel sobre a vida das mulheres, a dificuldade que elas têm em seguir o próprio caminho sem que percam sua própria vida a despeito de uma cultura que coloca o homem no centro do poder, e que este continua a torná-la como seu objeto, independente da ação estatal sobre as punições existentes.

Portanto, a mulher nunca deixou de ser o *Outro*, visto que sua vida ainda pertence aos desejos masculinos, seja para os prazeres destes, seja para a manutenção do controle, seja para se sentir mais valorizada se adequando aos padrões esperados.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. 2ª ed. Campinas, SP: Papiros, 1992.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V.1. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- _____. **O segundo sexo**. V2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BONNETT, Piedad. **Qué hacer con estos pedazos**. 3ª ed. Madrid: ALFAGUARA, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina – a condição feminina e a violência simbólica**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.
- BROWN, Peter. **Antiguidade Tardia**. In: VEYNE, P. (org.). História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BYNGTON, Carlos Amadeu B. O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. In: KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum**. 29ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2023.
- CHAUÍ, Marilena. (1985) **Participando do debate sobre mulher e violência**. In: FRANCHETTO, Bruna, CAVALCANTI, Maria Laura V.C., HEIBORN, Maria Luiza (orgs.). Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro: Zahar Editores, v. 4, p. 25-61.
- DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. V.01. São Paulo: Ebradil, 1993.
- Dicionário online de português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/seducao/>. Acesso em 20 nov. 2023.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. 3ª ed. São Paulo: Claridade, 2015.
- GRAVES, Robert.; PATAI, Raphael. **Hebrew myths. The book of Genesis**. New York: Greenwich House, 1983.

- JOHNSON, Allan G. **The Gender Knot – Unraveling our Patriarchal Legacy**. Filadélfia: Temple University Press, 2014.
- LARAIA, Roque de Barros. **Jardim do Éden revisitado**. Rev. Antropol. v. 40. n. 1. São Paulo, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000100005>. Acesso em 02 jan 2024.
- LERNER. Gerda. **A Criação do Patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MAZIOLI, Anny Barcelos. **As representações do feminino na obra de Ovídio: discurso de gênero e dominação masculina na Antiguidade**. In: Representações do Feminino na Antiguidade e no Medievo. SOARES, Carolline da Silva, GATT, Pablo & CHAGAS, Tamara Silva (org.). Vitória: Milfontes, 2022.
- MELO, Patrícia. **Mulheres Empilhadas**. São Paulo: LeYa, 2019.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- PATEMAN. Carole. **O Contrato Sexual**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- PIRES, Leucina A. Xavier. **A Alcoviteira na Literatura Medieval e seu Legado Misógino: Contribuições do Teatro de Gil Vicente**. 2022.112 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.
- PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. (org.). **Feminicídio: #invisibilidademata**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2017.
- ROBLES. Martha. **Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através dos tempos**. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2019.
- ROUCHE, Michel. **Alta Idade Média Ocidental**. In: VEYNE, P. (org.). História da vida privada: do Império Romano ao Ano Mil. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular : Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SARTO, Giovanna. **Revisitando o Mito de Lilith: Um estudo sobre indecência e libertinagem em diálogo com a teologia queer de Marcella Althaus-Reid**. Juiz de Fora: UFJF, 2023.
- SICUTERI, R. **Lilith. A lua negra**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- SOARES, Carolline da Silva. **As representações do feminino na obra de Cipriano de Cartago: entre controle dos corpos e normas de conduta para as virgens cristãs**. In: Representações do Feminino na Antiguidade e no Medievo. SOARES, Carolline da Silva, GATT, Pablo & CHAGAS, Tamara Silva (org.). Vitória: Milfontes, 2022.

TELLES, Lígia Fagundes. **Senhor Diretor**. In: Seminário dos Ratos - contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. **Mitos Gregos**. São Paulo: Objetivo, 1998.

WOOLF, Virginia. **A arte do romance**. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2021.